

CATALDO PARÍSIO SÍCULO

# DUAS ORAÇÕES

POR  
*M. MARGARIDA BRANDÃO G. DA SILVA*  
E  
*AMÉRICO DA COSTA RAMALHO*



**O**raciones  
Catalois

COIMBRA — 1974

(Página deixada propositadamente em branco)

DUAS ORAÇÕES

(Página deixada propositadamente em branco)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
(INSTITUTO DE ALTA CULTURA)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

---

CATALDO PARÍSIO SÍCULO

# DUAS ORAÇÕES

PRÓLOGO, TRADUÇÃO E NOTAS

DE

MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA

INTRODUÇÃO E REVISÃO

DE

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO



COIMBRA

1974



## INTRODUÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

# I

## CATALDO SÍCULO EM PORTUGAL

Pretendo reunir neste capítulo alguns testemunhos do interesse despertado em Portugal pela obra de Cataldo Parísio Sículo, autor que começa só agora a ser estudado sistematicamente.

Não sendo português, não figura qualquer artigo sobre ele na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, mas o seu testemunho é ocasionalmente referido, como acontece no artigo a respeito de João Rodrigues de Sá de Meneses, em que vem um pequeno trecho da carta de Cataldo ao conde de Alcoutim, na qual o humanista siciliano faz o elogio de Sá de Meneses. Essa carta é reproduzida fotograficamente no recente livro de Dulce da Cruz Vieira e do autor destas linhas, intitulado *Cataldo Parísio Sículo — Martinho, Verdadeiro Salomão*. Aí são estudadas não só as referências a Sá de Meneses, mais extensas do que Barbosa Machado deixa entender, mas também um outro testemunho em verso latino do mesmo Cataldo.

Ainda no século XVIII, a que pertence Barbosa Machado, D. António Caetano de Sousa incluiu no tomo II das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* a «Oratio habita a Cataldo in aduentu Elisabeth principis

Portugaliae ante ianuam urbis Eborae» e os «Prouerbia», dedicados ao príncipe D. Afonso; e no tomo VI da mesma obra uma selecção de versos latinos do Sículo que reproduziria uma perdida edição da sua obra poética, feita por António de Castro em 1569. Tanto no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, como no segundo capítulo da presente Introdução, me ocupo dessa segunda edição das poesias de Cataldo no século XVI, misteriosa edição de que só há conhecimento pela sua inclusão no livro de Caetano de Sousa. Aliás António de Castro que a terá feito publicar, ou pelo menos a terá organizado, ignorava que Cataldo tinha sido publicado em vida. Isto mostra quanto já eram raros na segunda metade do século XVI, cinquenta anos depois do falecimento de Cataldo, os exemplares das suas obras.

No começo do século passado, António Ribeiro dos Santos dedicou umas palavras a Cataldo na sua «Memoria para a Historia da Typografia Portugueza do Seculo XVI», inserta em *Memorias da Litteratura Portugueza, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo VIII, parte I, Lisboa, 1812. Na p. 97, indica a publicação em 1590 das obras de Cataldo *Aquila Sículo*, «hum dos varões mais sábios do seu século, que tinha vindo a estes Reinos ensinar Rhetorica na Universidade de Lisboa». Diga-se desde já, que seja qual for a opinião que se tenha sobre a sapiência de Cataldo, ele não se chamava *Aquila* e não veio a Portugal ensinar Retórica na Universidade, então em Lisboa.

Ribeiro dos Santos descreve sem grande exactidão o volume das *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi*, pois afirma que consta de duas partes, o que não é correcto, e que no final da segunda se lê: «Impressum Ulysbonae anno a partu Virginis MD mensis Februarii die XXI». Vê-se pelo resto da notícia que o bibliófilo oitocentista conheceu os dois volumes de epístolas de Cataldo, mas o cólofon que transcreve é do volume I, realmente acabado

de imprimir em 21 de Fevereiro de 1500, e não do segundo volume, como ele diz. Na verdade, o vol II das *Epistolae* não apresenta cólofon e pela análise interna, isto é, pela cronologia dos factos a que as cartas nele contidas se reportam, deve ter sido publicado mais de uma dúzia de anos depois do 1.º volume, ou seja, à roda de 1513. Acrescenta ainda a informação de que «na parte II destas Epistolas e Orações vem a Oração Latina do Marquez D. Pedro de Menezes que recitou na Universidade de Lisboa perante o Senhor Rei D. Manuel». Infelizmente, nesta informação se encontra a fonte de um dos erros mais prolíficos da investigação sobre Cataldo. Com efeito, a oração pronunciada «a petro menesio comite alcotini in scholis Vlyxbone», em 18 de Outubro de 1504, saiu dos lábios de D. Pedro de Meneses que era então o 2.º conde de Alcoutim e só viria a ser o 3.º marquês de Vila Real, vinte anos mais tarde. Investigadores posteriores, baseados ou não em Ribeiro dos Santos, confundiram este D. Pedro de Meneses com seu avô do mesmo nome que havia falecido em 1499. A este número pertenceram Sousa Viterbo<sup>1</sup> e D. Manuel II, o rei bibliófilo. Discuti o caso no meu livro *Estudos sobre a Epoca do Renascimento*, pp. 67-68, e para lá remeto o leitor.

Ribeiro dos Santos dá conta dos exemplares das *Epistolas* (sem distinguir entre os volumes I e II) de que tinha conhecimento: «hum na Livraria do Collegio da Graça e outro na do Real Collegio de S. Paulo da Universidade: e hum na Bibliotheca Corsiniana em Roma».

Na página seguinte, refere ao ano de 1509 uma edição de «*Todas as Obras de Cataldo Sículo*, corrigidas por Anto-

---

<sup>1</sup> «A cultura intellectual de D. Affonso V», separata do *Archivo Historico Portuguez*, vol. II, Lisboa, 1904, p. 11.

Sousa Viterbo escreveu: «As obras de Cataldo Sículo estão reclamando um estudo serio, na certeza de que não deixarão de fornecer curiosos elementos para a historia das relações sociaes e da mentalidade portugueza no seu tempo.»

nio de Castro, segunda edição, e também rara». Teria prestado um excelente serviço aos actuais investigadores, se os informasse de que vira tal edição, conhecida apenas através das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, como atrás dissemos. Quanto à data de 1509, indicada por Barbosa Machado, provou Luís de Matos<sup>2</sup>, de forma convincente, que deve tratar-se de erro tipográfico por 1569.

A «Memória» de Ribeiro dos Santos é de 1812. Um quarto de século mais tarde, no I volume de *O Panorama*, a p. 165, podia ler-se que «Valentim Fernandes de Morávia publicou em 1500 as obras de Cataldo Sículo, professor italiano, que, despresado no seu paiz, veio ensinar rhetorica em Portugal. Desta edição rarissima ha um exemplar, falto de algumas folhas, na Bibliotheca do Porto». Em nota, acrescenta-se: «É assaz curioso este volume por uma carta de Cataldo a um judeu, pretendendo provar-lhe que debalde esperavam elles o Messias: 1.º porque o povo os persegua; 2.º porque *deitavam de si mau cheiro*».

Este pequeno artigo não vem assinado, mas trinta anos mais tarde (como tudo tem corrido lento!), no volume 17 da mesma revista (*O Panorama*, V Série, n.º 2), o latinista Manuel Bernardes Branco fez publicar um artigo, em fascículos sucessivos<sup>3</sup>, sob o título de «Obras de Cataldo Aquila Siculo». Aí esboça uma biografia do Sículo, baseada em António de Castro, através da edição das *Provas da História Genealógica*, com todos os erros que Castro semeou para a posteridade, a começar no apelido de «Aquila», falsamente atribuído a Cataldo. Dos mais impor-

---

<sup>2</sup> «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Sículo». *A Cidade de Évora*, 35-36, 1954, p. 9.

<sup>3</sup> *O Panorama*, 17 (n.º 2 da V Série), Lisboa, 1867, pp. 35-36, 54-55 e 68.

tantes desses erros ocupei-me em *Estudos sobre a Época do Renascimento* (ver o índice s. v. Castro, António de).

Entretanto, aproveita a oportunidade para corrigir uma informação do artigo anónimo saído no mesmo *Panorama*, trinta anos antes. Escreve Bernardes Branco: «Neste resumo biographico (o seu)... nada se vê que nos possa levar a acreditar que Cataldo, por se ver desprezado na sua patria, se viera a estabelecer em Portugal, como nos diz o *Panorama*, no vol. 1».

Bernardes Branco tinha em mira esclarecer e completar esse artigo, pois nos informa de que o seu autor foi Alexandre Herculano; de que o exemplar das *Epistolae* de Cataldo da Bibliotheca Municipal do Porto pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; e finalmente, depois do seu excursão biográfico a respeito de Cataldo, traduz a epístola deste ao judeu, documento que tanto impressionara Herculano, três décadas atrás.

Do seu biografado faz Bernardes Branco uma ideia elevada. Já vimos que contraditara Herculano, negando que Cataldo tivesse vindo para Portugal, por ser desprezado em Itália. E em parte está na razão, embora Cataldo tenha emigrado em busca de posição social mais elevada do que aquela de que desfrutava no país de origem, onde, aliás, a vida não lhe corria bem.

Mas Bernardes Branco, que leu na edição do Porto as cartas do humanista, escreveu convictamente: «Era Cataldo um homem que estava muito relacionado com os fidalgos e família real; e até pelos sabios estrangeiros era respeitado, e muitas vezes consultado a respeito de varios objectos, principalmente no que dizia respeito à pureza e propriedade do emprego das palavras latinas, de que temos um exemplo na carta que lhe escreve o sabio siciliano Marco Ennensi, e que vem na collecção das suas obras».

Em toda esta entusiástica apreciação de Cataldo, há alguns exageros mas também uma realidade correctamente

expressa, a saber, que Cataldo «estava muito relacionado com os fidalgos e a família real». É bem verdade! A sua correspondência e poemas, quando estudados minuciosamente, proporcionarão informações valiosas sobre a vida cultural da corte portuguesa que dificilmente poderemos obter por outro meio.

Os exageros são também evidentes, nas palavras de Bernardes Branco, se lermos a carta a que ele se refere. Em primeiro lugar, o «sábio» Marco Ennense é um ilustre desconhecido, siciliano como Cataldo, possivelmente natural de Enna; depois, não há qualquer carta dele a Cataldo, mas sim, a resposta deste a uma carta que o outro lhe teria escrito; em terceiro lugar, essa epístola em que Cataldo responde a uma pergunta sobre a legitimidade da palavra latina «abitio», é possivelmente dirigida a um aluno que fez uma consulta à qual hoje responde qualquer bom dicionário latino. Pode também tratar-se de uma resposta fictícia incluída na colectânea para dar variedade aos assuntos versados, além de conferir a Cataldo um certo prestígio de oráculo da latinidade. À mesma categoria de cartas forjadas associo uma outra, pretensamente enviada a João Joviano Pontano, poeta novilatino de muito maior prestígio e reputação do que Cataldo: «Cataldus Iouiano Pontano. S. / Cum nihil in praesentia scribendum mihi occurrat, poetarum princeps, hoc unum scribo me nihil habere quod ad te scribam. Vale» (*Ep. I, e iiiij*).

Bernardes Branco volta a citar Alexandre Herculano que no Prefácio da sua *História de Portugal* notara que Cataldo usa as palavras *Lusitania* e *Lusitani* para Portugal e Portugueses. E conclui com uma tirada crítica, em que censura a investigação estrangeira, mormente a francesa, que a respeito de «Aquila (é assim que Cataldo é conhecido entre os estrangeiros) copiando-se todos uns aos outros», pouco mais adianta que o lugar do seu nascimento e erra as datas da sua vinda para Portugal. Bernardes Branco,

aliás, também não acerta com o possível ano da chegada.

A esta introdução segue-se a versão daquela carta a um judeu que levava Alexandre Herculano a achar «assaz curioso» o volume da Biblioteca Municipal do Porto.

O seu título é o seguinte: «Cataldus prospero et rabi drepanitano ad veritatem conversionem» (*Ēp. I*, h ij).

Já em outro lugar analisei este título, claramente incompleto. Falta-lhe a fórmula de saudação e qualquer coisa antes ou depois do *et* que precede *rabi*. Com efeito, se *prospero* é um nome próprio (sem maiúscula inicial, como é corrente em Cataldo), falta um outro substantivo antes de *rabi*. Se *prospero* é um adjectivo, falta outro adjectivo qualificativo em seguida a *et*, ou então, a copulativa está a mais<sup>4</sup>. Além disso, *ad ueritatem conuersionem* necessita de um verbo como *suadet*.

O enigma fica resolvido com um trecho das *Visionum liber I* em que Cataldo nos revela que o seu patrício mestre Henrique, médico, era judeu convertido que outrora se chamava Próspero:

*Hic etiam Prosper, natiuo nomine Prosper,  
Nunc posito Henrici nomine fidus adest  
Iampridem Siculis qui cum discederet oris  
Venit in hos noster compatriota lares.* 60

(*Visionum liber I*)

---

<sup>4</sup> Também pode entender-se «prospero et rabi drepanitano» de duas pessoas diferentes, como supôs o compilador de excertos de cartas de Cataldo no Códice Alcobacense n.º 119 (antigo 452) da Biblioteca Nacional de Lisboa, na folha 44 v.º. Aí, à margem, escreveu: «Prospero, et Rabi Drepanitano». E na introdução a vários passos da carta resumiu assim: «Cataldo em hũa carta ã escreveu a dous judeus que estauam em Portugal e se nam quiseram conuerter entre outras cousas lhe diz (...)».

Deste modo, o título completo, deixando as palavras reconstituídas entre parêntesis, creio que será: «Cataldus prospero, [medico] et rabi drepanitano, ad ueritatem conuersionem [suadens S.]», isto é «Cataldo saúda Próspero, médico e rabi drepanitano, a quem persuade a converter-se à verdade».

As duas palavras finais do título podem ser outras, mas não tenho quaisquer dúvidas de que Próspero é nome próprio e de que falta o aposto «médico». Bernardes Branco interpretou *prosper* como um adjectivo que traduziu por «venturoso» no título e pelo advérbio «depressa» em outros dois passos. Ainda o que mais me surpreende é ter o conhecido latinista chamado «venturoso» ao pobre rabi, quando a carta quase não passa de uma cruel enumeração de desventuras a que não faltam morticínios e suicídios entre os infelizes judeus que matavam os filhos e se suicidavam para não apostatarem da sua religião. Também é estranho que Bernardes Branco traduza *drepanitanus*, natural de Drepana, uma cidade siciliana que hoje é Trapani, por... napolitano.

Vou exemplificar agora os dois passos em que ocorre *prosper*, dando em ambos a tradução do articulista de *O Panorama*:

Um passo surge logo no princípio da epístola: *Expergiscere, expergiscere prosper,...* (h ij), traduzido por «Acorda, acorda depressa...».

Outro mais adiante: *Conuertere prosper ad ueritatis iter conuertere, noli peiora expectare* (h iij), vertido por «Converte-te depressa para o caminho da verdade, e não queiras esperar o peor».

Há ainda mais alguns passos deficientemente traduzidos, mas o maior erro consistiu, como atrás disse, em não ter compreendido que *Prosper* era o nome do rabi drepanitano, um siciliano, portanto, e, como tal, patrício de Cataldo.

No presente século, o primeiro caso significativo da atenção prestada a Cataldo, surgiu em 1918 com o vol. II

do *Clenardo* do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira onde há uma longa nota de pp. 59-72 sobre o Sículo, reproduzida em 1937 pelo Professor Joaquim de Carvalho na sua reedição das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, vol. I, pp. 753 a 766.

A nota do Doutor Gonçalves Cerejeira, não obstante alguns deslizes, é um útil sumário de aspectos característicos da personalidade de Cataldo e pena foi que o vol. II do *Clenardo* nunca tivesse sido até hoje reimpresso, ao contrário do primeiro volume de que saiu há pouco a quarta edição. Entretanto, foi-me facultada a leitura das provas da 2.<sup>a</sup> edição do 2.<sup>o</sup> volume, cuja reimpressão se anuncia para data futura, e pude verificar que a referida nota sobre Cataldo, agora expurgada dos poucos senões que a desfeavam, será mais um testemunho renovado em favor do estudo do humanista siciliano.

Entre os estudiosos que se ocuparam de Cataldo conta-se o italiano Guido Batelli que chegou a editar os *Prouerbia* de Cataldo na revista conimbricense *O Instituto*, 80 (1930), precedidos de uma curta biografia do humanista, em latim. Sobre os erros que, infelizmente, contribuiu para espalhar a propósito do Sículo, alguma coisa escrevi já em *Estudos sobre a Época do Renascimento* onde as referências a Batelli podem ser encontradas, recorrendo ao «Índice de Nomes Próprios».

Esses erros, por pouca sorte, foram recolhidos e ampliados por Dulce Cristina da Silva, autora de «Cataldo Sículo e o poema Arzitinge», saído em *Gil Vicente*, Nova Série, Guimarães, I (1950), p. 18 e seguintes. A tradução do poema do humanista siciliano sobre a conquista de Arzila e de Tânger (*Arcitinge*) pelos portugueses está um pouco melhor, mas necessita, assim mesmo, de ampla revisão.

Finalmente, em 1954, Luís de Matos, que tantos serviços tem prestado à História do Humanismo em Portugal, publicou no volume duplo, 35-36, da revista *A Cidade de*

*Évora*, pp. 3-13, um valioso artigo intitulado «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo» onde actualizou o conhecimento de Cataldo, corrigindo alguns dos erros mais espalhados sobre o mestre siciliano.

Em 1959, fui convidado a ensinar como Visiting Professor of Portuguese na New York University, com o encargo de expor Literatura do Século XVI, incluindo a História do Humanismo em Portugal. Tive, assim, ocasião de rever alguns dos problemas da introdução da cultura clássica na Península Ibérica e de me ocupar da presença dos humanistas estrangeiros entre nós, na segunda metade do século XV. Comecei então a interessar-me por Cataldo Sículo.

Retomando em 1962, no meu regresso a Coimbra, a direcção do Seminário de Latim, principiei a dirigir a elaboração das dissertações de licenciatura, sob a minha orientação, para o Humanismo em Portugal. Deste modo, mais de uma dúzia de dissertações já apresentadas, e outras em preparação, permitem um conhecimento pormenorizado dos seus textos, pois o núcleo desses trabalhos é constituído pela versão para português da prosa e do verso cataldinos. Por outro lado, a minha investigação pessoal, que precede sempre o estudo dos meus alunos, a fim de lhes proporcionar os necessários elementos de informação, traduziu-se até agora nos capítulos sobre Cataldo que figuram no livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, saído em 1969, e em outros artigos que não foram reeditados nesse livro. Depois de 1969, novos trabalhos foram publicados, cujo elenco pode ver-se na bibliografia do livro que publiquei com uma das minhas antigas alunas, a Lic.<sup>a</sup> Dulce da Cruz Vieira, intitulado *Cataldo Parisio Sículo — Martinho, Verdadeiro Salomão*, Coimbra, 1974.

## II

### AQVILA: sobrenome de Cataldo ou nome de livro?

Já no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*<sup>1</sup> mostrei que Aquila não era nome de Cataldo que se chamava, isso sim, *Parísio*: Cataldo Parísio Sículo. *Parísio*, por outro lado, nada tem a ver com Paris, embora assim tenham pensado dois escritores tão distantes no tempo como o Dr. Jerónimo Münzer<sup>2</sup>, que conheceu pessoalmente Cataldo, e a distinta investigadora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos<sup>3</sup>, ambos crentes de que o apelido viera ao siciliano de ter frequentado a universidade parisiense.

Parece-me, entretanto, que é a altura de fazer a demonstração cabal de que *Aquila* só por engano da posteridade entrou a fazer parte do nome do humanista.

Começarei pelos documentos mais antigos, todos em prosa, anteriores a 1500, ou do começo desse ano, pois fazem parte do primeiro livro das epístolas<sup>4</sup> de Cataldo, cuja impressão foi concluída em 21 de Fevereiro de 1500 pelo impressor Valentim Fernandes de Morávia.

---

<sup>1</sup> Coimbra, 1969, p. 102.

<sup>2</sup> BASÍLIO DE VASCONCELOS, *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer*, Coimbra, 1932, p. 15.

<sup>3</sup> A. COSTA RAMALHO, «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas*, XXIII-XXIV (1971-72), p. 435.

<sup>4</sup> *Epistole et orationes quedam Cataldi siculi*. Designarei este livro abreviadamente por *Ep. I*.

Numa carta a D. Manuel I, escreveu o Sículo: «João Manuel, camareiro-mor de Vossa Alteza, Mecenas destes tempos, fez que eu desse à estampa estes livros da minha *Águia*, quando eu estava muito longe de tal propósito»<sup>5</sup>.

O texto acabado de traduzir é incontestavelmente anterior a 1500, pois nele se fala de D. João Manuel como estando vivo. Ora o famoso camareiro-mor e colação del-rei D. Manuel morreu em 1499.

A relutância de Cataldo em publicar a própria obra é certamente simulada pois, como homem de letras, muito apreciava as honras da impressão.

No trecho que traduzo seguidamente, o humanista também se faz rogado, mas agora para exprimir o pouco que lhe agrada compor comentários escolares para uso dos alunos, mesmo quando estes são da alta estirpe de D. Jorge de Lencastre, filho bastardo del-rei D. João II, futuro mestre de Santiago e duque de Coimbra. Para seu professor, fora Cataldo chamado de Itália. Diz ele:

«No que diz respeito ao rei e à situação de todo o reino, conheces a *Águia*. No que te concerne, tens os comentários às *Epístolas* de Horácio, que há meses me vinhas pedindo repetidamente, aos quais agora me consagro, só para te fazer a vontade. Não ignoras, na verdade, quanto sempre detestei tal género de escritos»<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> «Ioannes Emmanuel, C[elsitudinis] T[uae], cubicularius primus, tempestate hac Maecenas effecit ut hos Aquilae nostrae libros ederem ab huiusmodi consilio prorsus alienus» (*Ep. I, a v*). Foram desdobradas as abreviaturas e actualizada a grafia do latim nesta e nas restantes transcrições.

<sup>6</sup> «Quae ad regem et totius regni statum attinent, nouisti Aquilam. Quae ad te ipsum spectant, commentarii sunt in Horatii *Epistulas*, quos superioribus mensibus a me toties efflagitaueras, quibus nunc inuigilo, solum ut tuae morem geram uoluntati. Non enim ignoras quantum hoc scribendi genus semper exhorruerim» (*Ep. I, b iij vº*).

Cataldo naturalmente preferia publicar os produtos do seu engenho a gastar tempo com subprodutos do género dos modestos comentários em segunda mão aos versos de um poeta, ainda que famoso, como Horácio.

Note-se, de passagem, que esta é uma das primeiras, se não a primeira referência, ao estudo de Horácio em atmosfera humanística, na corte portuguesa. O Venusino, que tão grande influência viria a ter na poesia portuguesa, vinha já na bagagem de Cataldo, chegado a Portugal, com toda a verosimilhança, em 1485.

O trecho seguinte pertence a uma longa carta dirigida a Jorge Furtado, irmão de D. Ana de Mendonça, mãe de D. Jorge, o filho do rei D. João II, de quem há pouco tratámos. Cataldo está ofendido com o antigo discípulo a quem pedira que tomasse ao seu serviço dois criados que bem haviam servido a ele e ao próprio D. Jorge, durante a sua permanência em Aveiro. D. Jorge, porém, depois do falecimento de seu régio pai, deixa-se guiar — segundo Cataldo — por lisonjeiros e amigos recentes, esquecendo aqueles que bem o tinham servido no passado, nomeadamente, o próprio mestre siciliano. Desculpando a sua irritação e as queixas que vai fazer ao longo da carta, Cataldo escreve: «É embora as minhas palavras possam parecer de homem irritado, o meu espírito está tranquilo, cândido, puro e sem mistura, como testemunhará o quarto [livro] da minha *Águia* que exaustivamente compus a respeito do ilustríssimo Jorge, meu senhor»<sup>7</sup>.

Ora estas palavras são confirmadas pelo *Aquilae liber quartus*, sobretudo pelos versos da parte final, em que Cataldo procura dar carácter providencial ao nascimento

---

<sup>7</sup> «Et quamquam turbati hominis uerba mea uideri possint, animus tamen tranquillus, candidus, purus, et simplex est, ut quartus Aquilae nostrae testabitur, quem totum circa illustrissimum Georgium, dominum meum consumaui» (*Ep. I, h*).

de D. Jorge, levando o rei D. João II, seu pai, a cometer adultério por motivos políticos. Cataldo chega a atribuir ao Conselho de Estado a atitude de persuadir o soberano a procriar um filho à margem do matrimónio, para assegurar a sucessão. E leva o seu desprante ao ponto de afirmar em hexâmetros dactílicos a satisfação antecipada da rainha D. Leonor <sup>8</sup>, mulher de D. João II, pela aventura amorosa que ia proporcionar a aquisição de um descendente ilegítimo a seu marido. Não esquecia o humanista que a rainha, privada de seu filho único D. Afonso pela morte infausta do jovem príncipe, tinha um sucessor melhor para o rei seu marido, do que o filho bastardo deste. Tal sucessor acabaria ela por impô-lo, e o senso político do rei por aceitá-lo: foi D. Manuel, irmão de D. Leonor, cunhado e primo de D. João II.

O *Aquilae liber quartus* na edição de António de Castro, aproveitada por D. António Caetano de Sousa nas

---

<sup>8</sup> Eis alguns conselhos do mensageiro divino que em sonhos aparece a D. João II:

«Excute membra graui languentique excute somno  
Deque palatina nuruum unam delige turba,  
Quae dabit in lucem partu certissima natum  
Praestantem forma, praestantemque arte futurum.  
Idque tua in primis consors Lianora probabit».

(*Aquilae liber quartus*, e vij)

Cataldo, todavia, não esquece os direitos de D. Manuel e o poder de sua irmã, a rainha, mas acha que, sendo esta infecunda, um outro candidato à sucessão do trono só podia contribuir para a tranquilidade do País, como navio seguro por mais do que uma âncora:

«Nam licet Emmanuel regali sanguine fultus,  
Iure suo regnis posset succedere autis,  
Non tamen una satis tutam, sed plurima nauem  
Ancora uincit, et a uento defendit et imbri.»

(*Ibidem*, e vj vº)

*Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*<sup>9</sup>, em virtude do erro de Castro que julgou ser *Aquila* apelido de Cataldo, recebeu o título seguinte: *Cataldi Aquilae Siculi de obitu Alphonsi Principis ad Emmanuelem inuictissimum, ac Portugalliae Regem, liber quartus*.

Aí foram suprimidos no final 122 versos, exactamente aqueles em que é tratada com épico aparato, a que não faltam sonhos e mensageiros divinos, a escabrosa questão do adultério de D. João II.

Ignoro se a supressão desses versos se deve a António de Castro, se a D. António Caetano de Sousa, mas inclino-me mais para o setecentista do que para o quinhentista, pois atribuo ao compilador das *Provas da História Genealógica* aquela inesperada declaração impressa a páginas 276, no final da longa citação de poesias de Cataldo: «As Obras, que faltaõ deste Author, promettidas no Elencho pag. 56, naõ se imprimiraõ por indecentes»<sup>10</sup>.

No caso da supressão dos 122 versos do final de *Aquilae liber quartus*, «indecente» significará «inconveniente»; no caso de certas elegias, confessionalmente indiscretas, «indecente» poderá significar «escabroso», mas a indecência está longe da franqueza erótica de certas poesias de Propércio ou de muitos epigramas de Marcial.

Terei de voltar, porém, mais adiante, ao final do livro IV da *Águia* e à questão do nascimento do Senhor D. Jorge.

Os trechos em prosa que citámos eram todos de *Epistolarum et quarundam orationum prima pars*, livro publicado, como já dissemos, em 1500. As referências nele contidas diziam respeito ao *Liber Aquilae* que na edição de António de Castro recebeu o título *De Obitu Principis Alfonsi* porque de facto o tema dos quatro cantos desse

<sup>9</sup> Nova edição revista por M. LOPES DE ALMEIDA e CÉSAR PEGADO, tomo VI, ii parte. Livraria Atlântida, Coimbra, 1954, pp. 117 e segs.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 276.

longo poema é a morte do príncipe D. Afonso, filho de D. João II, ocorrida a 13 de Julho de 1490. Este poema faz parte dos *Poemata Cataldi* cuja publicação é posterior à do livro I das *Epístolas*, mas não de muitos anos.

De onde lhe terá vindo o título de *Aquila*?

Creio que o nome está ligado com a cidade de Santarém, comparada com uma águia que domina das alturas a planície, em virtude da situação geográfica que disfruta em relação aos campos circundantes. A imagem ocorre no *Aquilae liber primus* (= *De obitu Alphonsi principis... liber primus*):

«Há um lugar muitíssimo célebre nas costas da Hispânia, situado no ocaso do Sol, próximo do ocidental Oceano que dista da amena cidade, tanto quanto posso compreender, menos de trinta mil passos [...]. Esse lugar fê-lo a natureza semelhante a uma águia que paira no ar. É que ergue de uma e outra banda largas asas, à retaguarda imita uma cauda ampla de penas iguais, à frente a cabeça, com o seu largo peito, olha o nascente» (vs. 46-55)<sup>11</sup>.

E na oração que, por ordem do rei D. Manuel<sup>12</sup>, compôs para a entrada solene em Santarém da rainha

---

<sup>11</sup> «Est locus Hispanis multo celeberrimus oris,  
Solis in occasu situs, Oceanoque cadenti  
Finitimus (quantum arbitrio comprehendere possum,  
Vix opido decies ter millia distat amoeno)

.....  
Quem natura aquilae medio tulit aere stanti  
Persimilem, nam largas utrimque elevat alas,  
Pone refert caudam pennis aequalibus amplam,  
Ante caput lato prospectat pectore ad Eurum.»

(*Aquilae liber primus*, a ij vº)

<sup>12</sup> «Cataldus Magistro et Duci suo domino S. [...] Cum primum quaedam a Rege mihi commissa pro Reginae receptu et in hoc oppidum introitu expediero, ad te celerrime ibo» (*Cataldi Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*, abreviadamente designada neste artigo por *Ep. II, B ij*).

D. Maria — oração que não chegou a pronunciar (*oratio habenda*) — escreveu: «Por isso, muito a propósito, um poeta recente, de nossos dias, comparou este lugar a uma águia que paira no meio dos ares, de asas estendidas e abertas, a contemplar do alto, soberbamente, as terras; com o peito e o bico orgulhosamente observa em torno o campo, o rio, as correntes, para comer e beber; com as duas asas cobre de um lado e doutro as vinhas densíssimas e muito fecundas e as defende; com a cauda longuíssima, vigia e guarda as oliveiras espalhadas em profusão»<sup>13</sup>.

Escusado será dizer que o «poeta recente, de nossos dias» que comparou Santarém a uma águia é o próprio Cataldo. Também é curioso notar que no folheto distribuído pela Comissão de Turismo de Santarém, no plano topográfico da cidade, se desenha uma figura que não anda longe da esquematização gráfica da águia, considerando a cabeça nas «Portas do Sol», voltada para o rio Tejo.

Mas não pode dizer-se que o poema *Aquila* seja «sôbre a conquista de Santarém», como já se escreveu<sup>14</sup>, ou tenha por tema a cidade de Santarém, como quer Mario

---

<sup>13</sup> «Quapropter conuenientissime quidam nostri temporis nouus uates hunc locum aquilae in medio aere pansis et apertis alis stanti, terrasque superbe despectanti assimilauit. Pectore et rostro eleta (*sic*) campum, flumen, fluentaque, ut edat et bibat, circumspectat, alis geminis densissimas fecundissimasque utrimque uineas operit et defendit; longissima cauda diffusissimas oliuas intuetur et seruat» (*Ep. II, C ij*). No final da *Oratio* volta Santarém a ser designada por *aquila*: «[...] Almeiris in medio campi cum excelsa turri castellum uolanti aquilae Tago medio oppositum est.»

<sup>14</sup> DULCE CRISTINA DA SILVA, «Cataldo Sículo e o poema *Arzitinge*», *Gil Vicente*, Nova Série, Guimarães, I (1950), pp. 57-58, ampliando fantasiadamente uma breve referência de LUIS DE MATOS, «O Humanista Diogo de Teive», *Revista da Universidade de Coimbra* XIII (1937), p. 241.

Cosenza<sup>15</sup>. O verdadeiro tema da longa narração em hexâmetros dactílicos, que se estende por quatro cantos, ou livros, é realmente aquele que levou António de Castro, na segunda metade do século XVI, a intitulá-la *De Obitu Alphonsi Principis*. Isto não exclui a existência no poema de numerosos «excursos» sobre lugares, pessoas e acontecimentos, à margem do motivo principal.

Em qualquer caso, porém, o nome de *Aquila* parece estar relacionado com a cidade de Santarém e a sua configuração topográfica. Mas é sem qualquer dúvida o nome de um livro, como mostram os dois trechos que vou citar. No primeiro, tirado da «Querimonia ad Ioannem Emmanuelem qua primum se excusat, quod raro ei scribit», Cataldo refere as suas ocupações desportivas e literárias:

«E quando encontro lebres e raposas, ainda que grandes, persigo-as, e o meu burrico sente o aperto das esporas. Depois, volto às penas que me esforço por juntar à minha Águia, para que ela voe nas alturas com força plena»<sup>16</sup>.

Ao transcrever este trecho da «Querimonia», cujo título mudou para «Conquaestio», acrescentando algumas explicações sobre D. João Manuel («ad Dominum Ioannem Emmanuelem Regis Emmanuelis primum Cubicularium»), o humanista Castro adicionou-lhe uma nota marginal que deve ter sido a fonte de muitas confusões futuras: «Dicebatur Cataldus ipse Aquila».

A nota aos versos em questão é disparatada, mesmo que a interpretemos como informação adicional, desligada do

---

<sup>15</sup> Em *Biographical and Bibliographical Dictionary of Italian Humanists*, Boston, 1962, III, 2606 e segs.

<sup>16</sup> «Et quando inuenio lepores, uulpesque lupinas,  
Insequor et strictas sentit asellus apes,  
Post redeo ad pennas, Aquilae quas addere nostrae  
Nitor, ut integris uiribus alta uolet.»

(*Poemata*, K viij vº)

contexto. Na verdade, a *Águia*, a que se refere Cataldo, é claramente a sua colectânea poética e as «penas» que lhe junta são os versos ou poemas que vai escrevendo.

Também se refere expressamente a um livro o segundo texto cuja tradução vou transcrever:

«A Rodrigues que não paga as diárias.

«Rodrigues, fica sabendo que eu escrevo dois livros. / A um pus o nome de *Corvo*, a outro de *Águia*. / Celebro as virtudes, prata e ouro na *Águia*, / mas o *Corvo* guarda as ofensas dos Portugueses. / Se não queres pagar honestamente aquilo que te mandam pagar, / Logo se lerão no meu *Corvo*, escritas com tinta, as tuas façanhas»<sup>17</sup>.

O epigrama em três dísticos elegíacos é conhecido em duas versões, a dos *Poemata*, do começo do século XVI, onde vem na folha O vij vº, e a da edição de António de Castro, de muitos anos mais tarde, transcrita por D. António Caetano de Sousa, nas *Provas da História Genealógica*, VI, ii parte, onde ocorre a p. 262. Esta última versão foi tirada de um manuscrito diferente daquele que serviu à impressão feita em vida de Cataldo.

O texto impresso em *Provas* contém um erro grave no verso 4, que desfigura por completo o sentido: *cavus* em vez de *corvus*. Mas em compensação substitui o nome de «Radaritus», a quem o epigrama é dedicado, por «Rodericus», e este último permite-nos identificar o funcionário que não pagava a Cataldo, apesar de ter ordens superiores (*iuberis*) para o fazer.

---

<sup>17</sup> «Ad Radaritum non soluentem diaria.  
Radarite, scias geminos me scribere libros,  
Huic coruum posui nomen, et illi aquilam.  
Virtutes aquila, argentum celebramus et aurum,  
Portugalensium crimina coruus habet.  
Soluere si non uis quodcumque iuberis honeste,  
Tincta meo coruo iam tua facta legent.

(*Poemata*, O vij vº)

Trata-se certamente daquele Álvaro Rodrigues que aparece na *Querimonia* atrás citada, onde também lhe é feita a acusação de ocupar o tempo do humanista, decerto ouvindo as suas lições, e não lhe pagar:

*Alvarus ingentem Rodoricus temporis huius  
Accepit partem, dum negat hospitium*  
(*Poemata*, K iiiij vº)

As queixas contra Álvaro Rodrigues aparecem ainda numa carta a D. Diogo de Sousa, então bispo do Porto, que merece ser referida aqui, por também mencionar *Aquila* como nome de um livro de versos. A carta é anterior a 1500 (pertence a *Epistolae I*) e traduzi-a na íntegra em *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pp. 100-101.

Cito-a na parte que neste momento interessa: «Envio à tua grandeza, prelado digníssimo, o sexto livro da nossa *Águia*, para que saibas que depois da tua partida daqui me não dediquei apenas a matar lebres e correr atrás de cabritos monteses, mas ainda me consagrei tristemente a lutos e lágrimas, [...] visto que Álvaro Rodrigues me tirou o talento [...]»<sup>18</sup>.

Fica, portanto, amplamente demonstrado que *Aquila* designa em Cataldo o título dum livro de versos que só passou a fazer parte do nome do Sículo por um lapso talvez explicável, se atentarmos no título do começo de cada livro: «Cataldi aquile liber primus [...]»; «Aquile liber secundus»; «Aquile liber tertius»; «Aquile liber quartus».

---

<sup>18</sup> «Cataldus Didaco Sosaе, episcopo Portuensi, S. Mitto ad Amplitudinem Tuam, praesul dignissime, sextum Aquilae nostrae librum, ut scias me post tuam hinc profectionem non solum occidendis leporibus fugandisque capreolis uacasse, uerum etiam luctibus ac lacrimis tristem operam dedisse. [...] quippe cum Aluarus Rodericus ingenium ... mihi abstulerit.» (*Ep. I, b*).

Mas *Aquila* podia ser também, no uso do poeta novilatinos, um qualificativo lisonjeiro, em emprego metafórico que existe ainda hoje em português, a saber, o de chamar «águia» a alguém de méritos superlativos, reais ou imaginários, em qualquer forma de conhecimento ou de actividade.

É o que se depreende de um epigrama em treze dísticos elegíacos, intitulado «Ad omnes Reges de Ioanne Aquila et Gallo pirata» em que se conta o saque de um navio português carregado de ouro, por piratas franceses, mas se prevê a sua restituição, logo que a águia se ponha em campo. O epigrama joga com o sentido de «galo», ave, possível na mesma palavra, *Gallus*, que significa também «gaulês, francês». Dirigindo-se aos reis contemporâneos e passados, Cataldo afirma-lhes que o rei de Portugal tanto a eles se avantajava, quanto a águia às restantes aves<sup>19</sup>.

E mais adiante acrescenta: «Por isso, merecidamente, o excelso e poderoso João é a águia que ilustra as duas casas do Sol»<sup>19</sup>. Creio que *solis utramque domum* se refere ao Ocidente e Oriente.

O gaulês, por seu turno, é designado como «estúpido animal» que não escapará às asas tão largas da águia (*alitis*) e será castigado com as unhas e o bico»<sup>19</sup>. *Ales* neste passo é *Iouis ales*, a ave de Júpiter, a águia.

---

<sup>19</sup> «Cedite, uiuentes Reges, concedite, prisci,  
Cedeque quod maius Regibus orbis habet.  
Et tantum nostro Regi cedatis oportet,  
Quantum aquilae cunctas cedere fas est uolucres

.....  
Hinc merito excelsus permaturusque Ioannes (n vij)  
Est aquila, illustrat solis utramque domum.

.....  
Nec tamen effugiet tam largas alitis alas  
Stultum animal, poenas, ungueque et ore, dabit.

.....  
(*Poemata*, n vj vº-vij)

E a mesma comparação lisonjeira do soberano com a águia se encontra no final do *Aquilae liber quartus* ou *De obitu principis Alphonsi liber quartus* onde, como já atrás expliquei, é tratado com bastante à-vontade o nascimento ilegítimo de D. Jorge, filho do rei D. João II.

Aí, em jeito de visão nocturna, processo muito do agrado de Cataldo, o mensageiro alado de Júpiter, incitando o rei, pela segunda vez, a gerar um filho em alguma das jovens da corte, dado que a rainha era estéril, destarte lhe fala: «Achas bem que as minhas palavras te pareçam assim tão obscuras? Palavras que qualquer podia interpretar, mas principalmente um homem douto, de inteligência aguda, acima das nuvens! Por ventura te deram os fados rude e obtuso engenho? Não voas tu acima dos próprios astros, sempre que é preciso? Não te ergues tu, com inteligência penetrante, até à mansão celeste? Assim como possuis o nome também tens acções de ave de Júpiter. Ousas tu dizer «não compreendo» e não guardas no pensamento as palavras que, há pouco, te foram trazidas através das brisas nocturnas?»<sup>20</sup>.

A frase *Vt nomen sic facta tenes Iouis alitis* constitui afinal o equivalente de *Ioannes Aquila*.

É bem possível até que chamar «águia» a D. João II constituísse um louvor mais alto do que o pitoresco

---

<sup>20</sup> «Num decuit mea dicta tibi tam obscura uideri  
Dicta? quibus quiuis potuisset reddere lucem?  
Praesertim docto? supra et nubem inter acuto?  
An rude et obtusum ingenium tibi fata dederunt? (e vij)  
Nonne uolas? quotiens opus est super ipsa uolare  
Sidera? et ascendis superas penetrabilis aedes?  
Vt nomen sic facta tenes Iouis alitis: anne  
Dicere non capio, nec inhaerent mentibus audes?  
Verba tibi nuper nocturnas lata per auras?

(*Aquilae liber quartus*, e vj vº-vij)

apodo de «águia», dado hoje familiarmente a qualquer notabilidade doméstica e local.

Isso pode deduzir-se do seguinte trecho dos *Diálogos de Roma* de Francisco de Holanda que andou por Itália cinquenta anos depois da morte de D. João II e lá encontrou ainda a palavra «águia» para designar os expoentes máximos das letras e das artes:

«E se algum determina de fazer profissão, e seguir alguma arte ou ciência liberal, não se contenta ele com o que lhe basta para ser por ela rico e do número dos oficiais, mas por ser único e estremado vigia, e trabalha continuamente, e só traz ante dos olhos este tamanho interesse de ser monstro de perfeição (falo onde sei que sou crido) e não arreoado naquela arte ou ciência. É isto porque Itália não estima este nome de arreoado, que tem por baixíssima cousa nesta parte o remédio, e somente daqueles fala e até o céu levanta a que chamam *águias*, como sobrepujadores dos outros todos e como penetradores das nuvens e da luz do Sol»<sup>21</sup>.

A imagem altaneira da «águia», que já aparece no Antigo Testamento, terá, deste modo, vindo também do uso contemporâneo da língua italiana.

Concluindo: *Aquila* pode ser em Cataldo usado para caracterizar a cidade de Santarém, que das alturas, domina a planície como a «ave de Júpiter»; é o título de um livro

---

<sup>21</sup> *Francisco de Holanda. Diálogos de Roma. Prefácio e notas de MANUEL MENDES. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1955, p. 22.*

A propósito deste passo, note-se que o comentador da edição interpreta «arreoado» como significando «que arremeda». Creio antes que significará «mediano, bastante, suficiente», conforme traz o *Dicionário de Moraes*, s. v. «arreoado».

Também no castelhano do século XVI se encontra «águia», como qualificativo laudatório. Assim, no *Lazarillo de Tormes*, impresso anonimamente em 1554, o cego pedinte «en su oficio era un águila». (ANGEL FLORES, *Spanish Stories*, New York, 1960, p. 20).

de versos latinos do humanista; e serve ainda de elogio, aplicado ao rei D. João II. Mas não é apelido de Cataldo Parisio Sículo.



Os dois discursos que seguem, pertencem às chamadas «orações de entrada» do Renascimento e servem de exemplos de um género pouco representado entre nós, quer em latim, quer em português. A primeira é demasiado encomiástica e louvaminheira para o nosso gosto de hoje; a segunda lê-se mais facilmente, porque o objecto principal dos elogios de Cataldo é uma entidade colectiva, a cidade de Santarém.

Agora que um poema do Sículo, o *Verus Salomon, Martinus*<sup>22</sup>, se encontra convenientemente publicado, torna-se necessário completar o conjunto da obra acessível em português, com uma edição das suas cartas seleccionadas. Mais do que as *orationes* ou os *poemata*, cujo valor é sobretudo documental, as *epistulae* revestem-se de extraordinário interesse para o conhecimento dos finais do século xv e dos primeiros quinze anos do século xvi, em Portugal.

Na revisão do texto e das provas do presente livro, deu-nos o seu valioso e dedicado concurso o Lic.º Sebastião Tavares de Pinho, assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi ele também o autor da capa.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

---

<sup>22</sup> Prólogo, tradução e notas de Dulce da Cruz Vieira; introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho. Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, 1974.

## PRÓLOGO

Constitui o nosso trabalho o estudo das orações que Cataldo preparou para a recepção solene da princesa D. Isabel, filha dos Reis Católicos, em Évora, e da rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, em Santarém.

A oração que Cataldo pronunciou em Évora foi publicada em *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi*, fols. A ij-A iiij vº, cujo cólofon nos informa terem sido impressas em Lisboa, a 21 de Fevereiro de 1500.

No séc. XVIII, D. António Caetano de Sousa incluiu esta oração nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Na nova edição destas *Provas*, revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado, ocupa a oração as páginas 244-250 da I parte do tomo II, publicada em Coimbra, em 1947.

Foi também publicada por Gabriel Pereira em *Documentos históricos da cidade de Évora*, segunda parte, Évora, 1877, pp. 241-244.

No texto que aqui apresentamos, comparámos as duas edições mais antigas, dando, no entanto, preferência à edição do séc. XVI.

Da oração que Cataldo preparou para a recepção da rainha D. Maria em Santarém, conhecemos apenas a publicação em *Cataldi Epistolarum et quarundam Orationum Secunda Pars*, fols. B iiij-C iij.

Ao longo do trabalho, as referências feitas aos textos, serão indicadas com I ou II, conforme se reportarem à oração de Évora ou à de Santarém, respectivamente.

Na transcrição dos textos, seguimos a ortografia clássica, substituímos pelo ditongo correspondente (*ae* ou *oe*) o *e* que o representava, desfizemos abreviaturas, usamos maiúsculas na grafia dos nomes próprios.

Na pontuação, procurámos seguir um critério uniforme, fazendo corresponder aos [:] do texto original a [,] ou [;] ou [:], mantendo o [.] ou substituindo-o pelo sinal de exclamação; mas tantas vezes o não pudemos respeitar, que julgámos necessário, para o conhecimento fiel do texto, dar notícia em rodapé das modificações introduzidas.

Os parágrafos foram incluídos por nós no texto.

Apresentaremos uma lista das palavras cuja grafia modificámos. Ao texto impresso no séc. XVI atribuímos a letra A, e a letra B ao texto apresentado por D. António Caetano de Sousa.

Anotamos ainda, que em textos do século XVI, a partícula enclítica *-ue* nem sempre é escrita em conexão com a palavra a que se liga.

Texto original	Texto corrigido
A e B aphrica .....	Africa (I, l. 240)
A e B aphricanus, a, um	africanus, a, um (I, l. 139; II, l. 371)
A e B arctiori .....	arctiore (I, l. 191)
A e B autor, oris .....	auctor, oris (I, l. 100; II, ll. 102, 371)
A conoscit .....	cognoscit (I, l. 53)
A cotigit .....	contigit (II, l. 364)
A cumprimum .....	cum primum (I, l. 250)
A cuntis .....	cunctis (II, ll. 19, 377)
A demonstrat .....	demonstrat (I, l. 62)
A e B Ebura, ae .....	Ebora, ae (I, l. 13; II, l. 338)
et si.....	etsi (II, ll. 36; 81, 155)
Emanuel, is .....	Emmanuel ,is (II, ll. 76, 84, 108)
A e B ex cursu .....	excursu (II, l. 155)
A e B existo .....	existo (I, ll. 20, 57, 101, 140; II, ll. 30, 81, 128, 217, 231; 298)
extare .....	exstare (II, l. 175)
foenore .....	fenore (II, l. 156)
A Helisabet.....	Elisabeth (I, l. 77; II, l. 72)
A e B himbres .....	imbres (I, l. 245)
in numerabiles ...	innumerabiles (II, l. 129)
A e B leticiam .....	laetitiā (I, l. 265; II, l. 155)
moerorem .....	maerorem (II, l. 369)
meliori .....	meliore (II, l. 215)
moestus .....	maestus (II, ll. 55, 330)
A e B ocioseque .....	otioseque (I, l. 244)
ordeum .....	hordeum (II, ll. 209, 267)
philomena .....	philomela (II, l. 293)
plerunque .....	plerumque (II, l. 86)
precio .....	pretio (II, l. 264)
A e B preciosius .....	pretiosius (I, l. 64)
A e B pudicitia .....	pudicitia (I, l. 219)
A quinetiam .....	quin etiam (I, ll. 17, 273; II, ll. 153, 336)
solatium .....	solacium (II, ll. 282, 377)
A e B spacio .....	spatio (I, l. 246)



(Página deixada propositadamente em branco)

## A ORAÇÃO PROFERIDA EM ÉVORA QUANDO DA CHEGADA DA PRINCESA ISABEL A PORTUGAL

A oração de boas-vindas à princesa Isabel vem publicada em *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi*, fols. A ij-A iiii vº, impressas, como atrás dissemos, em Lisboa, a 21 de Fevereiro de 1500.

D. António Caetano de Sousa, no século XVIII, incluiu esta oração nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Na nova edição destas *Provas*, revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado, publicada em Coimbra, em 1947, ocupa a oração as páginas 244 a 250 da parte I do tomo II.

Foi também inserta por Gabriel Pereira em *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, segunda parte, pp. 241-244, editados em Évora no ano de 1877.

Cataldo pronunciou a sua oração no ano de 1490, domingo, vinte e oito de Novembro, quando em cortejo solene, que a acompanhara desde o convento de Nossa Senhora do Espinheiro, aonde chegara na quarta-feira anterior, a filha dos reis de Castela transpôs a porta de Avis, que daquele lado dá acesso à cidade de Évora<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Vide RUI DE PINA, *Crónica de El-Rei D. João II*, nova edição com prefácio e notas de ALBERTO MARTINS DE CARVALHO. Coimbra, 1950, cap. XLVII e GARCIA DE RESENDE, *Crónica de D. João II*

Rui de Pina e Garcia de Resende indicam para a entrada da princesa na cidade o domingo, vinte e sete de Novembro, o que parece não ser de aceitar, uma vez que, na terça-feira anterior, quando a princesa chegou a Estremoz, eram de facto vinte e três, de acordo com o que informam os cronistas<sup>2</sup>.

Podemos imaginar o quadro sumptuoso que seria a porta da cidade nessa hora. Conta Garcia de Resende que aí «eram muito bem feitos grandes arcos triunfaes e nelles fadas que fadavam a Princesa, cada uma de sua cousa. E entre as portas d'Avis era feito o paraíso muito grande, muito alto, ricamente ordenado com totalas ordens do ceo com muito ouro e muita riqueza concertado, cousa de muito custo, e havia nelle singulares cantores, cousa muito para folgar de vêr e ouvir».

Quando Cataldo terminou a sua oração, «os do parayso com singulares estromentos, que tangiam, e os cantores que cantauam suauemente, fizeram hũa espantosa musica, e assi se fizeram outras muytas, e muy concertadas representações, [...]»<sup>3</sup>.

Enobrecia o quadro o cortejo que acompanhava a princesa, majestoso e rico no seu aparato: o rei D. João II, as damas e fidalgos castelhanos e os fidalgos portugueses.

Daqui seguiram, sob um pálio, o rei e a princesa na sua mula guiada pelo duque de Beja e por D. Jorge, o filho bastardo de D. João II. Às rédeas da mula atara o rei o colar da Jarreteira «e per elle por mayor honra, também

---

e *Miscelânea*. Nova edição conforme a de 1798 com introdução de JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO, Lisboa, 1973, cap. CXXIII.

Para as relações entre a obra de Garcia de Resende e a de Rui de Pina, vide prefácio de A. Martins de Carvalho à Crónica de Pina, *ob cit.*, pp. XXXIX-XLIV.

<sup>2</sup> Vide RUI DE PINA, *ob. cit.*, nota XXI.

<sup>3</sup> GARCIA DE RESENDE, *ob. cit.*, cap. CXXIII, p. 171.

a levava»<sup>4</sup>. Dirigiram-se pelas ruas todas engalanadas para a Sé, depois para o Paço, onde os aguardavam a rainha e o príncipe.

Iniciavam-se as grandes festas que em Évora celebraram o casamento do único filho de D. João II e D. Leonor, o príncipe D. Afonso, com a filha mais velha dos reis de Castela. As festas prolongaram-se até ao Natal e «foram em tudo tam ricas, e tam Reaaes, que ja sempre em Espanha serem lembradas por soos, e sem comparaçam», diz-nos Rui de Pina<sup>5</sup> com a confirmação de Garcia de Resende, que dedicam animadas páginas das suas crónicas de D. João II à descrição dos seus preparativos e dos importantes jogos que durante elas se realizaram.

A importância política deste casamento<sup>6</sup> e o desejo e alegria da sua efectivação explicam o cuidado com que D. João II rodeou a chegada da princesa a Évora<sup>7</sup> — em Lisboa tinham-se registado casos de peste e Évora era a segunda cidade do reino<sup>8</sup> —, para que fosse recebida «nestes Regnos com a mais honra, festas, e cerimonias com que nunca outra Princesa, nem Rainha fora nelles recebida»<sup>9</sup>.

Às festas se refere o próprio Cataldo, por exemplo, no seu poema *De Obitu Alphonsi Principis* para contrastar

---

<sup>4</sup> RUI DE PINA, *ob. cit.*, cap. XLVII, p. 127. Cf. A. COSTA RAMALHO, «D. João II, a Jarreteira e o Padrão», *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 9-25.

<sup>5</sup> *Ob. cit.*, cap. XLIV, p. 116.

<sup>6</sup> Vide prefácio de MARTINS DE CARVALHO à Crónica de Pina, pp. LXXIV-LXXV.

<sup>7</sup> Vide RUI DE PINA, *ob. cit.*, cap. XLIV e nota XXII; «Regimento que el-rei D. João II mandou à camara d'Evora, para se fazerem n'esta cidade as festas do casamento do príncipe», *O Instituto*, vol. XV, 1872, pp. 143-144; «Os Originais do Cartório da Câmara Municipal de Évora», *A Cidade de Évora*, 45-46, 1962-63, pp. 374-376.

<sup>8</sup> RUI DE PINA, *ob. cit.*, cap. XLIV, p. 117.

<sup>9</sup> RUI DE PINA, *ob. cit.*, cap. XLIV, p. 115.

a euforia dos dias festivos com a tristeza causada pelo desastre que vitimou o príncipe, meses depois, em Julho de 1491.

Começa assim a narração do poema:

*Post laetos festosque dies, quo tempore totum  
Externa cum gente simul colludere Regnum  
Desiit argentoque, auroque sacros hymenaeos,  
Et consumatos Eborae celebravit in urbe:*

(*Liber Primus*, vv. 30-33)

Ou no poema *Verus Salomon, Martinus*<sup>10</sup>, que Cataldo dedica a D. Martinho de Castelo Branco, que fora encarregado por D. João II da organização das festas do casamento:

*In ludis Aeburae quondam festisque diebus,  
Qualia sunt nullis cognita temporibus,*

(vv. 299-300)

★

★ ★

Por que razão terá sido Cataldo designado para cumprimentar a princesa à sua chegada a Évora?

Cataldo tinha vindo para a corte, então nesta cidade, com seu aluno, D. Jorge, depois da morte da infanta D. Joana a quem o filho bastardo de D. João II tinha sido confiado. Fora isto em Junho de 1490<sup>11</sup>.

O humanista era orador oficial de D. João II pelo menos desde 1488 e nessa função se manteve ainda no

---

<sup>10</sup> Cf. *Cataldo Parísio Sículo — Martinho, Verdadeiro Salomão* por DULCE DA CRUZ VIEIRA e AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. Coimbra, 1974.

<sup>11</sup> LUÍS DE MATOS, «Nótulas sobre o Humanista Italiano Cataldo Parísio Sículo», *A Cidade de Évora*, 35-36, p. 8.

tempo de D. Manuel, conforme podemos concluir de documentos publicados por Sousa Viterbo, referentes à tença que nessa qualidade recebia<sup>12</sup>.

Por outro lado, conhecendo a educação latina das filhas de Isabel e Fernando de Castela, sob a orientação dos humanistas italianos António Geraldini e seu irmão Alessandro<sup>13</sup>, não deixamos de incluir a escolha de Cataldo, o humanista italiano que o rei mantinha na corte como mestre de latinidade, orador e epistológrafo, no plano da grandiosidade que D. João II quis dar às festas.

Provavelmente o facto terá provocado algum despeito aos oradores nacionais com quem nem sempre foram amistosas as relações do Sículo<sup>14</sup>. E é certo que os cronistas omitem o nome do autor da oração dirigida à princesa Isabel na porta de Avis; diz Rui de Pina: «E assi chegaram aa porta d'Avis, onde se fez hũa arenga[...]»<sup>15</sup> e Garcia de Resende: «E estando el Rey, e a Princesa dentro a porta da Cidade, se fez hũa prática a vinda, e entrada da Princesa,[...]»<sup>16</sup>. Mas não se esquecem de que foi Vasco Fernandes de Lucena, orador oficial como Cataldo e que nessa qualidade tinha proferido em 1485 a oração de obediência prestada ao papa Inocência VIII em nome de D. João II, que em Ribeira de Caia, na fronteira, fez «hũa arenga... aderençada aa Princesa em nome d'ElRey de Portugal, e do Regno [...]»<sup>17</sup>. No entanto, também

---

<sup>12</sup> «A Cultura Intelectual de D. Afonso V», *Archivo Historico Portuguez*, II, 1904, pp. 265-267.

<sup>13</sup> GARRETT MATTINGLY, *Catherine of Aragon*. Vintage Books, New York, 1960, p. 9; e A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*. Coimbra, 1969, pp. 12-13, 99 e 142.

<sup>14</sup> A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 92.

<sup>15</sup> *Ob. cit.*, cap. XLVII, p. 127.

<sup>16</sup> *Ob. cit.*, cap. CXXXIII, p. 171.

<sup>17</sup> R. DE PINA, *ob. cit.*, cap. XLV, p. 123.

não é nomeado o autor da oração dirigida à princesa em Estremoz<sup>18</sup>. Mas em Évora é que se fizeram as grandes festas que são pormenorizadamente narradas.



São de gosto humanista as orações encomiásticas pronunciadas por ocasião da entrada solene de pessoas reais numa cidade. O próprio Cataldo compôs outra oração, dedicada à rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, para a sua entrada em Santarém.

Veremos como desenvolveu e enfeitou o nosso orador o tema da oração que pronunciou em Évora em 1490.

A oração é o panegírico da princesa D. Isabel, que Cataldo cumprimenta em nome da cidade, e, como figuras que vêm adorná-la, acrescer os seus méritos, engloba também os pais, Fernando e Isabel, reis de Castela, o marido e os pais do marido, D. João II e D. Leonor, com relevo especial para o príncipe e para os reis portugueses, embora o orador não se esqueça de afirmar:

«Qui omnes adeo natura connexi sunt, ut si alterum ab altero in laudando tollas, immodestissime dicas, necesse est» (ll. 196-199, p. 60).

A princesa, a quem Cataldo logo no início chama com insistência *lux mundi*, é louvada em referência aos atributos das Musas: — Polímnia, nas letras, Urânia (astro-nomia) e Euterpe (música) — e de deusas como Palas e Diana, pela sabedoria, beleza e pudor. Já antes, na primeira parte do discurso, o orador tinha falado genericamente do formosíssimo corpo e das inúmeras virtudes. A princesa Isabel é afinal a figura de que menos se referem traços concretos — seria também de todas a mais desconhecida para o orador.

---

<sup>18</sup> *Idem*, pp. 123-124.

De Fernando, rei de Aragão e Castela, que em 1481 tinha instituído o tribunal da Inquisição e andava nesta altura empenhado na conquista do território de Granada aos Mouros — a luta arrastou-se de 1481 a 1492 — para dar seguimento a uma política de unidade religiosa e territorial, refere a religiosidade que, mais tarde, lhe fez merecer e à rainha o título de «Reis Católicos» com que os distinguiu o papa Alexandre VI, em 1494; refere ainda a extensão do seu domínio: era rei de Aragão, de Castela e da Sicília. Quanto a ser, como Octávio, imperador muito vitorioso e pacífico, invocamos, para confirmação, dois versos da *Miscelânea* de Garcia de Resende:

*hos reynos pacificou  
que achou muy leuantados*<sup>19</sup>

Da rainha Isabel louva a superioridade da acção na guerra e na paz. A seu cargo, pelo estatuto real, estava a administração do reino. É notável a participação da rainha na guerra de Granada, substituindo o marido no governo, provendo à angariação de recursos, estimulando as tropas<sup>20</sup>. De toda a política de Castela era a rainha a grande impulsionadora.

Têm interesse os traços físicos do príncipe D. Afonso, que esta oração nos faculta:

«Statura procerca, uultu uirili, oculis uegetis, capillo flauo, colore candido rubore decentissime admixto».

Nicolás de Popielovo, que estivera em Portugal quando o príncipe tinha nove anos, anota a sua «cara inglesa»<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> *Ob. cit.*, p. 337.

<sup>20</sup> M. BALLESTEROS GAISBROIS, *Isabel de Castilla Reina Catolica de España*, Madrid, 1964, pp. 72 e 90.

<sup>21</sup> NICOLÁS DE POPIELOVO, «Relación del Viaje», *Viajes de extranjeros por España y Portugal desde los tiempos mas remotos, hasta fines del siglo XVI*. Recopilación, traducción, prologo y notas por J. GARCIA MERCADAL.

Cataldo, em termos descritivos e concretos, dá para a ideação da figura do príncipe elementos importantes, que completam os que conhecemos da obra de Garcia de Resende, quando, ao tratar da morte do filho de D. João II, fala da «sua muy grande fermosura», dos «seus tão alegres e graciosos olhos, com que todos recebem tanto contentamento e alegria», dos «seus singulares cabelos, que tanto ajudavão sua gentileza»<sup>22</sup>.

D. Afonso é uma figura que, tendo tido uma vida breve (morreu com dezasseis anos), não chegou a definir-se. Se, por um lado, nos surge em Rui de Pina chorada lamentosamente pelo rei seu pai depois da sua morte, por outro lado, Garcia de Resende, em idênticas circunstâncias, encontra motivos de consolação para D. João II: «ho Príncipe era muyto cheyo de branduras, e prezauase muyto de sua gentileza,[...]. E claramente... era mais inclinado as cousas del Rey dom Affonso seu auo, que as del Rey seu pay, e era mais brando, e mascio do que compria [...].»<sup>23</sup>.

Cataldo, que fora mestre do príncipe, enumera as suas virtudes, não encontrando a quem o comparar nos tempos antigos ou modernos.

É curioso observar que deve ser baseado nesta oração o retrato que D. António Caetano de Sousa apresenta do príncipe D. Afonso: «dotado de muita gentileza, bizarra, e agradável composição do corpo, liberalidade, modestia, affabilidade, admiravel engenho com excellentes costumes [...]»<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> *Ob. cit.*, cap. CXXXII, pp. 196-197.

<sup>23</sup> GARCIA DE RESENDE, *ob. cit.*, cap. CXXXVIII, p. 207. Cf. RUI DE PINA, *ob. cit.*, cap. L e nota XXIV.

<sup>24</sup> *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, nova ed. revista por M. LOPES DE ALMEIDA e CÉSAR PEGADO, tomo III, livro IV, Coimbra, 1947, p. 95.

De D. João II Cataldo analisa primeiro a cultura — enumera as ciências que atribui ao conhecimento do rei. Em primeiro lugar, vêm a teologia e a filosofia, «*geminæ reginæ*», como as qualifica D. Pedro de Meneses na oração que proferiu no Estudo Geral de Lisboa em 1504<sup>25</sup>.

Podemos aduzir o testemunho de Garcia de Resende: «sempre á sua mesa auia boas praticas, e muytas vezes disputas de grandes letrados, theologos [...]»<sup>26</sup>.

Refere a cosmografia, que então florescia com D. Diogo Ortiz e Duarte Pacheco Pereira, e a história das Antiguidades grega e romana.

Atribui Cataldo ao rei o conhecimento da língua latina. Informa-nos Garcia de Resende que «*el Rey, seu pay... lhe deu bons mestres, que o ensinassem a ler, rezar, e latim, e escreuer*»<sup>27</sup>. Não sabemos, no entanto, quem foram esses mestres<sup>28</sup>.

Confirma-o ainda a correspondência e poemas que nessa língua o introdutor do humanismo em Portugal<sup>29</sup> dirigia a D. João II.

Em seguida, refere o orador a acção do rei: o progresso dos descobrimentos, que revelaram lugares desconhecidos na Antiguidade ao mesmo tempo que contribuíram para a expansão da fé cristã, e os feitos bélicos, em que D. João se distinguiu ainda em vida de seu pai.

Outro mérito do rei era a sua devoção religiosa.

Diz Garcia de Resende que «*elle foy o primeiro Rey que em sua capella fez ordenadamente rezar as oras canonicas como em Igreja cathedral*»<sup>30</sup>. E Rui de Pina: «*Foy sobre tudo Princepe mui devoto, e amigo de Deos... nem*

---

<sup>25</sup> *Epistolae II*, fl. D.

<sup>26</sup> *Ob. cit.*, p. XXI.

<sup>27</sup> *Ob. cit.*, cap. III, p. 3.

<sup>28</sup> SOUSA VITERBO, *ob. cit.*, p. 259.

<sup>29</sup> A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 83.

<sup>30</sup> *Ob. cit.*, p. XXIII.

se passou dia em que com muita devaçam nom ouvisse Missa, e os Officios Divinos»<sup>31</sup>.

Da rainha D. Leonor louva Cataldo as virtudes, a cultura e a beleza.

«Nobre, e clara em Sangue Real, em proporçam do corpo sobre todas fermosa, mui honesta na vida, e mui humana sem quebra de seu Estado, prudente, devota, e em tudo mui amiga de Deos, e d'ElRey» são palavras de Rui de Pina<sup>32</sup> acerca da rainha. A sua cultura e o seu interesse pela actividade intelectual são bem confirmados pela protecção que deu posteriormente ao teatro vicentino e à imprensa.

Como formas de encarecimento, Cataldo usa a superlativação frequente, a comparação com figuras da Antiguidade, paradigma para o homem do Renascimento, que o orador diz serem se não excedidas, pelo menos igualladas, ou por vezes mesmo a comparação com divindades, como no elogio dirigido à princesa. Outras vezes, com a confissão da incapacidade, para si e para oradores como Demóstenes e Cícero, de exprimir pela palavra os louvores a uma personagem, Cataldo encobre qualquer possível falta ao mesmo tempo que dá à figura a grandeza do inefável.

Na parte final do discurso, o orador associa à alegria da chegada da princesa e do seu casamento todos os povos do mundo então conhecido e alonga-se na enumeração dos seres e elementos da natureza que manifestam, alguns até prodigiosamente, o seu regozijo por tão grande solemnidade.

Na realidade, numa linguagem carregada de figuras de estilo, de redundâncias, de adjectivação, Cataldo conseguiu desenvolver o seu raciocínio para dar unidade ao discurso.

---

<sup>31</sup> *Ob. cit.*, cap. LXXXII, p. 206.

<sup>32</sup> *Ob. cit.*, cap. LXIX, p. 189.

TEXTO E TRADUÇÃO

ORATIO HABITA A CATALDO IN ADVENTU  
ELISABETH PRINCIPIS PORTUGALIAE,  
ANTE IANVAM VRBIS EBORAE

Ecce lux mundi tandem apparuit, ecce lux mundi  
tandem effulsit, ecce lux mundi tandem aduenit; quae  
longo tempore non sine maximo omnium gentium dolore  
latuit; quae lux adeo clara, adeo splendida, adeo potens  
5 est, ut omne oculorum meorum acumen intuenti mihi suis  
radiis eripiat, auditum minuat, linguam dicenti torpere,  
mentem uero omnem prorsus faciat hebescere.

Quid dicam, quid agam, quo me uertam, nescio. Nunc  
nunc uellem, clarissima lux, licere oratoribus, quod  
10 poetis licet: in principio operum numen aliquod inuocare.  
Ego enim non unius, aut Phoebi aut Calliopes, sed  
omnium deorum auxilium implorarem, in his paucis-  
simis, quae ciuitatis Eborae nomine Celsitudini tuae expo-  
siturus uenio. Immo (ut christiane loquar) ad Deum ipsum  
15 rerum conditorem, quem trinum et unum credimus,  
confugerem.

Quin etiam tanta est nunc mentis meae trepidatio,  
tanta animi caligo, tanta confusio ex claritatis tuae aspectu

---

9 A e B uellem clarissima

9 B Oratoribus

11 B calliopsis

12 A e B implorarem. In

ORAÇÃO PROFERIDA POR CATALDO  
À CHEGADA DA PRINCESA ISABEL A PORTUGAL  
DIANTE DA PORTA DA CIDADE DE ÉVORA

Eis que a luz do mundo finalmente apareceu, eis que a luz do mundo finalmente brilhou, eis que a luz do mundo finalmente chegou<sup>1</sup>; aquela que esteve longo tempo escondida, não sem grandíssima dor de todos os povos<sup>2</sup>; aquela luz de tal modo brilhante, de tal modo resplandecente, de tal modo poderosa, que, quando a fito, me rouba com seus raios toda a agudeza dos olhos, enfraquece o ouvido, faz entorpecer a língua quando falo, numa palavra, verdadeiramente faz embotar-se todo o espírito. 5

Que diga, que faça, para onde me volte, não sei. Agora, agora quereria, claríssima luz, que fosse permitido aos oradores o que é permitido aos poetas: invocar algum deus no princípio das suas obras<sup>3</sup>. E eu não imploraria o auxílio de um só, de Febo ou de Calíope<sup>4</sup>, mas o de todos os deuses, nestas pouquíssimas palavras que venho apresentar a vossa Alteza em nome da cidade de Évora. Mais ainda, para falar à maneira cristã, recorreria ao próprio Deus, criador de todas as coisas, que acreditamos trino e uno. 10 15

Demais, tão grande é a perturbação da minha inteligência, tão grande a escuridão da minha alma, tanta a

20 meis uisceribus exorta, ut, salua pace, nullorum deorum,  
nullarum dearum memor existam, sed tantummodo  
numinis tui incredibilem uigorem pauidus, stupidus,  
trepidus, territus, et uix pedibus me substinens mecum  
ipse contemplor quandoquidem formosissimi corporis figu-  
ram prae immenso splendore (ut desidero) intueri nequeo.

25 Terrent etiam me animi tui innumerae uirtutes, quarum  
(ut publica fama est) quae magis excellat in te difficile est  
iudicare.

Et certe licet non nihil paratus, praemeditatusque  
ad dicendum ueneram, uiso tamen tanti sideris fulgore,  
30 statim quod dicendum proposueram, e memoria excidit.  
Quod cum perdiderim, me quoque hoc dedecore perdi-  
tum esse animaduerto.

Arguant me quantum uelint artis praeceptores.  
Arguant, inquam, et corripiant. Omnino aliquod in  
35 tanta necessitate numen inuocabo: malo enim in arte errare  
quam turpiter labi, et miserrime perire.

Te igitur, serenissima lux, inuoco, te imploro, tuum  
sanctissimum numen exposco. Redde, precor, oculis meis  
quod tuo aspectu surripuisti. Redde auditum, redde  
40 linguae loquendi facultatem. Redde menti pristinum intel-  
ligendi uigorem, quem ob tuam repentinam claritatem  
dudum amiseram. Totus ex arbitrio tuo pendeo. Si

---

19 A pace nullorum; B ut salua pace nullorum

21 A e B pauidus stupidus

22 B trepidus territus

28 B nonnihil; B praemeditatusque: ad

30 A e B excidit quod

34 A arguant inquam et; B Arguant inquam, et

34 A e B corripiant: omnino

37 A e B igitur serenissima lux inuoco

38 A exposco: Redde precor oculis; B exposco: redde precor

39 A e B surripuisti: Redde

40 B facultatem: redde

42 A amiseram: Totus

confusão que nasce no meu íntimo, da vista do vosso esplendor, que, sem ofensa, não conservo a memória de quaisquer deuses ou deusas, mas temeroso, pasmado, inquieto, aterrado, mal me sustentando nos pés, considero interiormente o poder inacreditável da vossa divindade, visto que não sou capaz de olhar, como quero, devido ao seu infinito brilho, a figura do vosso corpo formosíssimo. 20

Aterram-me também as inúmeras virtudes do vosso espírito, das quais, como é pública fama, difícil é avaliar a que mais sobressai em vós. 25

E ainda que sem dúvida tenha vindo algo preparado e tenha meditado antes para dizer alguma coisa, todavia, quando vi o brilho de tão grande estrela, logo o que me tinha proposto dizer se escapou da memória. E, perdido isto, reparo que também me perdi com esta vergonha. 30

Acusem-me quanto queiram os preceptores da arte. Acusem, digo, e censurem. Somente em tão grande necessidade invocarei um deus: é que prefiro errar na arte a falhar vergonhosamente e miserrimamente perder-me. 35

A vós, pois, sereníssima luz, invoco, a vós imploro, a vossa santíssima divindade suplico. Restituí, peço, aos meus olhos o que tirastes com a vossa aparição. Restituí a audição, restituí à língua a faculdade de falar. Restituí ao pensamento o antigo vigor de compreender, que, por causa da vossa súbita claridade, há pouco perdera. Todo eu dependo da vossa vontade. Se permitirdes, poderei 40

permiseris, potero fortiter persistere. Si abnueris, ab  
incepto ignominiose cadam.

45 Sed iam paulatim sentio, clementissima Domina,  
refici mihi uires iam perditas, et aliquantulam dicendi  
facultatem ex tua benignitate permissioneque recupe-  
rare. Quapropter, ii quorum causa, et nomine hunc locum  
conscendi, et ego quoque maximum caelesteque munus  
50 suscipimus.

Gratulatur itaque Celsitudini tuae tota haec ciuitas  
mirifice, atque manum oboedientissime deosculatur, et  
te Principem suam reuerentissime excipit et cognoscit; et  
cum ea ciuitates omnes horumque regnorum oppida tota  
55 mente idem faciunt.

Quae ut expectatissima desideratissimaque omnibus  
fueras, ita acceptissima carissimaque ante omnia existis.

Nec ullo tempore lusitana gens imprimis antiquis-  
sima, nobilissimaque urbs haec tantum gaudii quantum  
60 praesenti die animo concepit; quem diem illo, in quo a  
Maurorum manu liberta fuit, laetiores felicioresque  
esse ore, uerbo, opere ubique demonstrat. Neque id  
immerito. Quid enim maius, quid nobilius, quid magni-  
ficentius, altius, pretiosius, et denique sanctius tuo opta-  
65 tissimo aduentu in toto regno contingere poterat?  
Certe nihil.

- 
- 43 A abnueris ab  
45 A e B sentio clementissima domina refici  
47 B permissionesque  
49 A e B in maximum: celesteque  
56 A expectatissima: desideratissimaque  
57 B acceptissima, carissimaque: ante  
58 B Lusitana  
59 B nobilissimaque: urbs  
61 A e B fuit letiores felicioresque  
64 A sanctius: tuo  
65 A poterat Certe; B poterat. Certe

continuar com ardor. Se recusardes, falharei ignominiosamente o objectivo que me propus.

Mas já sinto a pouco e pouco, clementíssima Senhora, 45  
refazerem-se-me as forças perdidas e recuperar, graças à  
vossa benignidade e permissão, um pouco a faculdade de  
falar. Por isso, aqueles, por causa e em nome de quem  
subi a este lugar, e eu também, assumimos uma incum-  
bência muito grande e digna do céu <sup>5</sup>. 50

Agradece, pois, a vossa Alteza toda esta cidade de  
modo extraordinário, e muito obedientemente vos beija  
a mão e muito respeitosa e vos recebe e reconhece  
como sua princesa; e com ela fazem inteiramente o mesmo 55  
todas as cidades e vilas destes reinos.

Vós, do mesmo modo que tínheis sido muito espe-  
rada e desejada por todos, assim sois muito bem-vinda  
e querida acima de tudo.

Nunca a gente lusitana, mais antiga do que qualquer  
outra, e esta nobilíssima cidade tiveram no espírito tão  
grande contentamento como neste dia; que o dia presente 60  
é mais alegre e mais feliz do que aquele em que foi libertada  
da mão dos Mouros <sup>6</sup> mostra-o ela por toda a parte na face,  
nas palavras e nas obras. E isto não é sem razão. Com  
efeito, que coisa maior, mais nobre, mais grandiosa, mais  
alta, mais preciosa e enfim mais santa do que a vossa muito  
desejada vinda podia acontecer em todo o reino? Certa- 65  
mente nada.

Nam si per te meritis uirtutibusque tuis maxima es,  
quanto magis facienda, magis honoranda, amanda et  
70 cunctis rebus praefenda es, cum potentissimorum  
Regum Castellae sis filia?

Quorum Ferdinandum patrem siue in religione cum  
Iustiniano diuini cultus amantissimo, siue imperii latitu-  
dine omniue uirtutum genere cum Octauio uictorio-  
75 sissimo tranquillissimoque imperatore compares, (quam-  
quam maximus uterque fuerit) longe tamen maiorem  
superioremque illis comperies.

Elisabeth uero matrem in iis quae bello paceque per  
multos annos ultra femineum sexum gessit, non tantum  
dicam magnarum dominarum reginarumque superasse  
80 uirtutes, sed omnium dearum excessisse gloriam ausim  
affirmare. De quibus commodior dicendi, scribendique  
locus exigitur.

Nunc ad alia ad rem etiam tuam attinentia festinemus.

Accedit ad decorem exornationemque et maiestatis tuae  
85 amplitudinem Alphonsus, Princeps gloriosissimus. Spon-  
sus quidem tuus decentissimus, Ioannis inuictissimi Portu-  
galiae Regis et Lianorae Reginae filius, qui ut est unicus  
filius, ita in toto terrarum ambitu unicus est princeps.

Siue in eo elegantiam corporis, uires, habilemque ad  
90 omnes honestas exercitationes dispositionem consideres,

---

67 A meritis: uirtutibusque

68 B facienda magis

69 A e B es?

71 B Patrem

73 B latitudine, omniue

74 A uictoriosissimo: tranquillissimoque

74 B Imperatore

75 A maiorem: superioremque

76 A comperies Helisabet; B comperies Elisabet

77 B bello, paceque

79 A dominarum: reginarumque

87 A filius. qui

Pois se, por vós mesma, pelos vossos méritos e virtudes, sois tão grande, quanto mais estimada deveis ser, mais honrada, amada e a tudo preferida porque sois filha dos mui poderosos reis de Castela? 70

Deles, Fernando, vosso pai, se o compararmos quer em religião com Justiniano, amantíssimo do culto divino <sup>7</sup>, quer na extensão do império e em todo o género de virtudes com Octávio, imperador muito vitorioso e pacífico <sup>8</sup> (ainda que um e outro tão grandes), descobrir-se-á todavia que ele de longe os supera. 75

De Isabel, vossa mãe, naquelas coisas que na guerra e na paz durante muitos anos praticou acima da sua condição de mulher, não direi apenas ter ela ultrapassado as virtudes das grandes senhoras e rainhas, mas ousarei afirmar que excedeu a glória de todas as deusas. E para falar e escrever acerca de tais méritos lugar mais apropriado se exige. 80

Apressemo-nos agora para outros assuntos que vos dizem respeito também.

Junta-se ao brilho exterior, ao ornato e grandeza da vossa majestade, Afonso, príncipe muito glorioso. O vosso marido, que muito vos convém, é filho de João, invictíssimo rei de Portugal, e da rainha Leonor. E tal como é seu único filho, assim é príncipe único em todo o âmbito da terra <sup>9</sup>. 85

Se observardes nele a elegância do corpo, a força e a hábil disposição para todas as práticas honestas, com 90

uere constanterque dices, in hunc unum formandum, omnem sui uim naturam effudisse. Statura procera, uultu uirili, oculis uegetis, capillo flauo, colore candido rubore decentissime admixto. Denique tam bona corporis compositio est, ut Phoebum alterum, nisi parentes nosceremus, esse illum procul dubio arbitraremur.

95 In moribus autem, ingenio, facilitate, modestia, pietate, liberalitate et ceteris animi dotibus, nullus unquam non modo nostris, sed ne priscis quidem temporibus uisus, 100 auditusue aut lectus, in quorumuis auctorum libris, uiuorum prudentium iudicio exstitit. Grauitas uero in illo tanta est, ut quaecunq; dicit, quaecunq; agit, non uelut a quindecim annorum adulescentulo, sed uelut a Catone sene proficiscuntur.

105 Neque hanc uirtutum magnitudinem aliquis admirari debet, cum Ioannes potentissimus rex illius pater, non humanitatis, sed diuinitatis uim a natura sit consecutus. Qui adeo in omni rerum prudentia prouidus, in omni rerum cognitione expertus, in omni bonarum artium 110 disciplinarumque usu peritus est, ut ob tantam exuperantiam Dei nutu e caelo in terras elapsus ab omnibus existimetur, ut omnes corrigit, omnes doceat, omnes emendet.

Artes liberales dicuntur septem; hic sapientissimus Rex non solum omnes septem scire, uerum etiam nouem, et 115 eas non didicisse sed per se inuenisse, secumque a natura attulisse uidetur.

Siue quis cum illo de astrologia uerbum faciat, nihil melius nosse uidetur, quam astrologiam. Seu cum aliquo religioso de rebus diuinis incidat sermo, nemo in dubitationibus proponendis, solutionibusque afferendis Rege ipso subtilior. Eundem in philosophia, et in quauis facultate se praestat. Omitto cosmographiam, omitto historias

---

91 B uere, constanterque

107 A consecutus. qui; B consecutus, qui

verdade e segurança direis que apenas na criação deste príncipe esgotou a natureza toda a sua força. De grande estatura, aparência viril, olhos vivos, cabelo louro, de cor branca com um rubor muito a propósito. Enfim, é tão harmoniosa a composição do corpo que, se não conhecessemos seus pais, longe de dúvida julgaríamos ser um outro Febo<sup>10</sup>. 95

E quanto aos seus costumes, talento, afabilidade, modéstia, piedade, liberalidade e demais dotes do espírito, nunca, segundo o parecer dos homens sábios, nem nos nossos tempos nem nos antigos se viu, ouviu ou leu, nos livros de quaisquer autores, alguém que o excedesse. 100 É nele tão grande a ponderação, que tudo quanto diz e faz não parece ter origem num rapaz de quinze anos, mas num idoso Catão<sup>11</sup>.

E ninguém deve admirar-se desta abundância de virtudes, quando João, o poderosíssimo rei seu pai, alcançou da natureza uma força não de humanidade, mas de divindade. Ele que de tal modo é providente em toda a prudência, experiente em todo o conhecimento, perito em toda a prática das boas artes e disciplinas, que, em vista de tal proeminência, é considerado por todos como tendo descido do céu à terra a um aceno de Deus, para que a todos corrija, a todos ensine, a todos emende<sup>12</sup>. 105

Diz-se que são sete as artes liberais. Este sapientíssimo rei parece não só conhecer todas sete, mas as nove<sup>13</sup>, e estas não as ter aprendido mas tê-las descoberto por si e tê-las trazido consigo da natureza. 115

Se alguém com ele falar de astrologia, parece nada conhecer melhor do que astrologia. Se a conversa com algum religioso incidir sobre assuntos divinos, ninguém é mais subtil a propor dúvidas e apresentar soluções do que o próprio rei. Mostra-se o mesmo em filosofia e em qualquer ciência. Omito a cosmografia, omito toda a 120

omnis, tum romanas, tum graecas, longe promptiores  
dilucidioresque habet iis ipsis, qui propriis sunt dediti  
125 facultatibus. Nec pudet me mei ipsius testimonium afferre.  
Cum aliquid aut carmine, aut soluta oratione compono,  
nullum rerum mearum meliorem emendatorem, castiga-  
toremque Rege nostro inuenio. Audit enim libenter  
130 benignissimus Rex, et legit libentius linguae latinae opera,  
quotiens opportuno tempore sibi offeruntur.

Idem adeo summarum rerum scrutator est, ut in tam  
recenti aetate ad Indiam fere usque per maritimam meri-  
dici plagam suis nauigiis transfretauerit, abditissimaque  
135 loca nullo romanorum tempore adinuenta, immodicis  
sumptibus patefecerit, multos quidem prauae sectae homi-  
nes ad catholicae fidei cognitionem conuertendo.

In rebus autem bellicis, in quibus ab adulescentia  
uiuente diuo Alphonso patre se exercuit, praesertim in  
africanis expeditionibus, quis dux in subeundo audacior,  
140 in conficiendo celerior unquam exstitit? Quem seu Ale-  
xandro Magno, seu Caio Caesari (in quibus maxime cla-  
ruerunt) opponas, aut excellentiorem hunc, aut certe  
nulla ex parte dissidentem inuenies.

Nihil quantumuis magni honoris, emolumentique,  
145 quod domi, forisue geratur, nisi peractis prius solemniter  
sacris aggreditur.

Illud in eo mirandum, notatuque dignissimum clare,  
aperteque nimis perspicimus quod cum omnia creata  
natura aliter ipsa die senescant magis, noster uero Rex

- 
- 128 B castigatorem  
135 B scetae  
137 B bellicis in  
138 B Patre  
139 A e B audacior  
140 A e B extitit? quem  
148 A e B perspicimus. Quod

história tanto a romana como a grega; tem-nas de longe mais  
prontas e claras do que aqueles mesmos que se dedicaram  
a essas ciências. E não me envergonho de apresentar o  
meu próprio testemunho. Quando componho alguma  
coisa, em verso ou em prosa, não encontro nenhum melhor  
corrector e crítico das minhas obras do que o nosso rei.  
É que o benigníssimo rei ouve com prazer, e com mais  
prazer lê, as obras da língua latina todas as vezes que em  
tempo oportuno lhe são apresentadas.

Ele mesmo é de tal modo investigador das maiores  
coisas, que em tempos tão recentes fez atravessar em suas  
naus quase até à India pela região marítima do Sul<sup>14</sup> e  
revelou, à custa de extraordinárias despesas, lugares muito  
escondidos que não tinham sido descobertos em tempo  
algun dos romanos, convertendo muitos homens de reli-  
gião errada ao conhecimento da fé católica.

E quanto às coisas bélicas, em que se exercitou desde  
a adolescência, em vida do divino<sup>15</sup> Afonso, seu pai,  
sobretudo nas expedições africanas, que general existiu  
algun dia mais audaz na iniciativa dos combates e mais  
rápido na sua conclusão?<sup>16</sup> E quer se compare a Alexandre  
Magno, quer a Gaio César, que na guerra se distinguiram  
extraordinariamente, descobrir-se-á ou que ele é superior  
ou pelo menos em nada diferente.

Nada, seja qual for a grandeza da honra e do proveito,  
nada, que se realize no País ou fora dele, é iniciado sem  
que primeiro solenemente se realizem cerimónias sagradas.

Uma coisa particularmente digna de nota e admiração  
nele observamos com extrema clareza e evidência. É que,  
enquanto todas as coisas criadas pela natureza envelhecem  
de dia para dia, o nosso rei, ao contrário, por uma espécie

150 prouidentia quadam Dei quotidie iunior, fortior, formosior-  
que efficitur.

At quid de serenissima Regina, Principis matre,  
dicam? De cuius laudibus satius esset tacere, quam quic-  
quam breuiter diminuteque dicere. Hic Marcus Tullius  
155 latinae, hic Demosthenes graecae facundiae pater, dicendo  
deficerent. Siue quis eam a benignitate, siue a mansue-  
tudine, sagacitate, prudentia omnique animi cultu uelit  
commendare, potius uerba credat sibi defutura, quam  
sententias, quibus suam illustret orationem.

160 Cuius tanta est ingenii uis, tum interpretando, tum  
legendo sacrae paginae et latinae linguae uolumina, mira  
quadam facilitate uelocitateque legendi, ut non lectrix  
aut interpretatrix, sed interpretatorum, lectorumque ope-  
rum conditrix esse censeatur. Si tam facilem, tamque  
165 affabilem se omnibus non praerberet, de Sibyllis aliquam  
non ab re illam iudicarem. Quamquam de Sibyllis,  
aliisque doctissimis, quae traduntur, minus credenda sunt,  
utpote in libris iam diu redacta. Hanc tamen Dominam  
quotidie uidemus, cernimus et manibus (ut ita loquar)  
170 tangimus.

De pulchritudine nihil refero, cum Apelles ipse et  
Parrhasius, si fato aliquo reuiuiscerent, nec se uidisse,  
nec se huius formae similem pinxisse faterentur.

Et quicquid modo de patre socero, de matre socru  
175 attigi, non eos laudandi causa attigi, sed ad amplificationem,  
ornamentumque tuum, illustrissima Princeps, adduxi,

---

152 B Serenissima Regina Principis

154 B breuiter, diminuteque

159 A sententias. quibus

160 A orationem. cuius; B orationem, cuius

162 B lectrix, aut

165 A praerberet de

171 A e B refero. Cum

174 B Patre

176 A tuum illustrissima; B tuum Illustrissima

de providência de Deus, torna-se diariamente mais jovem, 150  
mais forte e mais formoso.

Mas que direi da sereníssima rainha, mãe do príncipe?  
Dos seus louvores mais valeria calar do que dizer alguma  
coisa de forma breve e mesquinha. Aqui Marco Túlio,  
pai da eloquência latina, aqui Demóstenes, pai da eloquência 155  
grega, não teriam êxito no seu discurso. Se alguém quiser  
louvá-la pela sua benignidade, pela sua brandura, sagaci-  
dade, prudência e toda a cultura do espírito, acredite que  
lhe hão-de faltar mais as palavras do que os pensamentos  
com que ilustre a sua oração.

É tão grande a força do seu engenho tanto para inter- 160  
pretar como para ler os volumes das páginas sagradas e  
da língua latina com uma admirável facilidade e veloci-  
dade na leitura, que se pensa ser, não leitora ou intérprete,  
mas mestra de intérpretes e leitores de obras. Se não se  
apresentasse tão acessível e afável a todos, não sem razão 165  
julgá-la-íamos uma das Sibilas<sup>17</sup>. Mas o que tradicion-  
almente se conta acerca das Sibilas e de outras muito doutas  
deve acreditar-se menos, uma vez que anda narrado em  
livros já muito remotos. Esta Senhora, porém, vemo-la  
todos os dias, reconhecemo-la e tocamo-la, por assim dizer, 170  
com as mãos.

Da sua beleza nada refiro, pois o próprio Apeles e  
Parrásio<sup>18</sup>, se por algum destino revivessem, confessariam  
que nem tinham visto nem tinham pintado alguém de  
beleza semelhante.

Tudo em que há pouco toquei a respeito do pai  
vosso sogro e da mãe vossa sogra, não o disse para os  
louvar mas aduzi-o para engrandecimento e ornamento 175

quae talem, tantumque patrem, talem, tantamque matrem  
sponso medio adepta sis.

180 His igitur et tui animi bonis necnon tantis paren-  
tibus decorata, nonne es, et iis qui fuerunt antehac, et  
qui hac sunt tempestate, quibus futuri sunt, merito  
praeferenda? Nihil ad perfectionis tuae cumulum, nisi  
haec sanctissima coniunctio deerat. Quae isto pacto  
185 confirmata inter caelestes te uiuentem adhuc connumerari  
facit.

O tempus felicissimum! O tempus beatissimum,  
quo te, inclyta Domina, patres duos, duas matres habere  
contigit!

190 Quo tempore statuit et mirabili prouidentia uoluit  
Deus ut quemadmodum regia utrinque consanguinitate,  
et regnorum uicinitate eratis propinqui, ita arctiore con-  
sanguinitatis affinitatisque uinculo essetis colligati, ut  
ex sex corporibus unum corpus, ex sex animis una confi-  
ceretur anima. Eodem sanguinis genere, eadem origine  
195 deriuata, quae sit et nostris et cunctis futuris saeculis,  
tum ipsa per se, tum sobole propagationeque sua duratura.

Qui omnes adeo natura connexi sunt, ut si alterum  
ab altero in laudando tollas, immodestissime dicas,  
necesse est.

200 Genus autem tuorum patrum et matrum cum sit  
idem, et omnium generum maximum ac nobilissimum,

---

179 B bonis, necnon

180 A ante hac

181 A qui ue

186 A e B felicissimum o

190 A deus. ut

192 B affinitatis, q̄

195 A deriuat. que

196 B sobole: propagationeque

200 B parentum

201 B maximum, ac

de vós, ilustríssima princesa, que tal e tão grande pai, tal e tão grande mãe alcançastes por intermédio do vosso marido.

Ornamentada, pois, com estes bens e com os do vosso espírito, e ainda com tão ilustres pais, não é justificadamente que deveis ser preferida aos que viveram antes, 180 aos que vivem no presente, ou aos que hão-de viver? Nada faltava para cumular a vossa perfeição a não ser esta união santíssima, que, deste modo confirmada, vos faz contar entre os deuses, ainda em vida. 185

Ó tempo felicíssimo! Ó tempo bem-aventurado em que vos aconteceu, ínclita Senhora, ter dois pais e duas mães!

Neste tempo estabeleceu Deus, e com admirável providência quis, que assim como éreis parentes de ambas 190 as partes por uma régia consanguinidade<sup>19</sup> e vizinhança de reinos, assim fôsseis ligados por um vínculo mais estreito de sangue e afinidade, de tal modo que de seis corpos resultasse um só corpo, de seis almas uma só alma. Derivada da mesma estirpe, da mesma origem, ela há-de durar nos nossos e em todos os séculos futuros, tanto por si 195 mesma como pela propagação da sua descendência.

Todos eles estão de tal modo ligados pela natureza que, se em louvor se erguer um acima de outro, necessariamente se falará com a maior falta de moderação.

Como a raça de vossos pais e mães é a mesma e a 200 maior e mais nobre de todas as raças, continuada por uma

magnorum, multorumque regum longa serie continua-  
tum, et in uestrae stirpis chronicis latius pertractatum,  
nihil in praesentia esse a me dicendum arbitror.

- 205 Neque hic ad exornandum, confirmandumque (ut  
plerumque apte fieri solet) ueterum historias, aut aliunde  
exempla adduco. Si quidem tanta est dicendi de te uber-  
tas, tantus euagandi in omni genere laudum campus,  
210 ut non ego huc ab aliis afferre, sed alii hinc singularia  
exempla optimasque imitationes sumere debeant. Quor-  
sum enim uetusta monumenta euoluam? quorsum his-  
toricos requiram? cum apud illos, cui te comparem,  
non inueniam?

- Tu moribus unica es in terris phoenix, tu in litteris  
215 Polymnia, tu Urania, tu Euterpe, tu es diua illa, quam  
solum poetae posthac inuocabunt, de qua ipsimet inuo-  
cando scribent, de qua oratores enarrabunt, de qua his-  
torici uolumina conficient.

- 220 Sapientia Palladem, pulchritudine ac pudicitia Dia-  
nam excellis.

Quo fit ut tu sola tanto sponso digna, utque ipse  
solus tanta sponsa dignus superna concessione reperti  
sitis, multis ad tui coniugium claris principibus conten-  
dentibus.

- 225 Nunquid dubitamus (ad te nunc me conuerto, sacra-  
tissime Rex) eam a Celsitudine tua unice amari non debere?  
Nunquid dubitamus eam a Celsitudine tua plurimum  
magnifieri non debere? Immo certo scimus, et quia ipsa  
meretur, et quia natura mitissimus es, ne momento quidem  
230 temporis te illam ab intimis praecordiis amoturum.

---

210 B exempla, optimasque

213 A inueniam: Tu

219 B pulchritudine, ac

221 A e B fit: ut

223 A sitis. multis

longa série de grandes e numerosos reis e largamente tratada nas crônicas da vossa estirpe, creio que neste momento nada preciso de dizer.

E não trago aqui para embelezar e confirmar — como 205 muitas vezes habilmente se costuma fazer — as histórias dos antigos ou exemplos de outra origem, pois que é tão grande a abundância do que há a dizer a vosso respeito, tão grande o campo para me espriar em todo o género de louvores, que eu não devo trazer para aqui exemplos 210 de outros, mas outros daqui devem tomar singulares exemplos e óptimas imitações. Para que hei-de revolver os velhos monumentos literários, para que hei-de rebuscar os historiadores, se neles não encontrarei a quem vos comparar?

Vós nos costumes sois na terra fénix única <sup>20</sup>, vós nas letras Polímnia, vós Urânia, vós Euterpe, só vós sois aquela 215 deusa a quem a partir de agora os poetas invocarão, acerca de quem eles próprios hão-de escrever, ao invocar-vos, acerca de quem os oradores falarão, acerca de quem os historiadores hão-de compor os seus volumes.

Em sabedoria excedeis Palas, em beleza e pudor, Diana. 220

Daqui que tendes sido reconhecidos ambos, por divina concessão, vós a única digna de tão grande esposo, ele o único digno de tão grande esposa, embora muitos ilustres príncipes tenham procurado a vossa mão <sup>21</sup>.

Acaso duvidamos — volto-me agora para vós, sacra- 225 tíssimo rei — de que a infanta deva ser especialmente amada por Vossa Alteza? Acaso duvidamos de que deva ser muito estimada por Vossa Alteza? Pelo contrário, sabemos sem dúvida, não só pelos seus méritos, mas ainda porque de natural sois muito brando, que nem mesmo 230 um instante a afastareis do íntimo do coração.

Sed quia non oraturus praecipue huc ueni, ad finem nostra properet oratio.

235 Nulla profecto gens quamuis immanis, barbaraque admodum foret, a uestrarum laudum commemoratione abstinebit. Laudabunt Celsitudines uestras (ut hinc incipiam) Veneti, Illyrici, Germani, Galli, Sardi, Baleares, Celtiberi, Britanni, Anglici, Cantabri, Cimbri, Sicambri, Daci, Scythae, Sarmatae, Graeci, Mauri, Arabes, Aegyptii, Assyrii, Teucri, Indi, Aethiopes, et si qui sunt antipodes. Demum  
240 tota Europa, Asia, Africa, et si qua est alia praeter istas regio, quae lateat, perpetuis laudibus felicitatem istam extollent.

Quoque mirabilius est, quodque magis omnes admirantur.

245 Ex quo a Corduba urbe pedetentim, otioseque profecta es, nullae pluuiiae, nulli imbres in tanto temporis spatio deciderunt, nulli uenti (ut in aspera hyeme solent) regnauerunt. Semper tecum magna aeris temperies, magna caeli serenitas, nulla inde segetibus, nulla arboribus, nulla colonis incommoditate allata.

250 Cum primum uero ad destinatum locum peruenisti, miraculo quodam Dei commodissimae pluuiiae super campos abunde diffusae sunt, ut intelligeret unusquisque diuinum donum tecum et in gremio tuo ad nos portasse.

255 O diem faustissimum! O diem candissimum! O diem omnibus diebus anteponendum!

Non solum totius Hispaniae populi, verum etiam exterarum, remotissimaeque nationes hac tanta solemnitate gaudent.

260 Nolo singulorum alacritatem commemorare, uirorum, mulierum, puerorum, seniorum, puellarum, infantium, et ceterorum ratione uiuentium.

---

244 B Urbe

247 A regnauerunt Semper

Mas porque vim para aqui principalmente para pro-  
nunciar um discurso, apressemo-nos a levar ao fim a nossa  
oração.

Nenhum povo certamente, ainda que selvagem e  
completamente bárbaro, se absterá da recordação dos  
vossos louvores. Louvarão Vossas Altezas — para começar 235  
daqui — Vénetos, Ilíricos, Germanos, Gauleses, Sardos,  
Balears, Celtiberos, Bretões, Ingleses, Cântabros, Cimbros,  
Sicambros, Dácios, Citas, Sármatas, Gregos, Mouros,  
Árabes, Egípcios, Assírios, Turcos, Indianos, Etíopes<sup>22</sup> e  
antípodas, se alguns há. Finalmente toda a Europa, Ásia, 240  
África e se alguma outra região existe além destas, que esteja  
escondida, exaltarão esta felicidade com perpétuos louvores.

Coisa mais admirável ainda e que todos mais admiram:

Desde que partistes lenta e tranquilamente da cidade  
de Córdoba<sup>23</sup>, nenhuma chuva, nenhuns aguaceiros 245  
caíram em tão grande espaço de tempo, nenhuns ventos  
— como é costume no áspero inverno — reinaram. Sempre  
convosco grande equilíbrio do ar, grande serenidade do  
céu, sem daí advir algum prejuízo às sementeiras, às  
árvores, aos agricultores.

Logo que chegastes ao lugar destinado, por algum 250  
milagre de Deus, chuvas muito oportunas se derramaram  
com abundância sobre os campos, para que compreen-  
desse cada um que convosco e no vosso regaço nos tínheis  
trazido uma dádiva divina.

Ó dia muito afortunado! Ó dia felicíssimo! Ó dia  
preferível a todos os dias! 255

Não só os povos de toda a Hispânia, mas ainda nações  
estrangeiras e muito remotas rejubilam com tão grande  
solenidade.

Não quero evocar a alegria de cada um dos homens,  
mulheres, rapazes, velhos, raparigas, crianças e dos outros 260  
seres vivos racionais.

Muta animalia, sensu carentia, etiam illa quae ante nocua fuerant, innocua nunc facta, de terrarum latebris ac cubilibus suis aduentum tuum sentientia ad tantae festiuitatis communionem foras prodeunt.

265 Aues per liquidum aerem uolitantes dulcius solito garrunt. Et quasi si loqui possent laetitiam conceptam expromere conantur. Et quae raro, uel nunquam cecinit, in aduentu tuo garrere non desinit.

270 Pisces quoque a fundo maris ad summitatem exeuntes, tantam gloriam percipientes, undis tranquillibus huc et illuc salire non cessant.

275 Omnia laetantur, omnia iuuenescunt. Arbores, saxa, flumina, herbae, prataque, laeta omnia amoenaque magis quam unquam antea uidentur. Quin etiam terra, ceteraque elementa uidentur ridere: mare, aer, ignis, caelum cum sole, luna et stellis, et ea quae in caelo sunt, congratulantur.

280 Angeli, archangeli, animaeque beatae, quarum infinitus est numerus, hac arctissima coniunctione paene gestiunt, pulsant, cantant, certatimque choreas ducunt.

285 Et cum sol hodierno die a summo mane usque ad hanc uespertinam horam nubium densitate aerisque nimia crassitudine impeditus exire non potuisset, cum tamen e Monasterio (ut dicunt) Spineto, quo ciuitatem hanc intrares, egressa es, subito adhibitis uiribus impetum fecit, et nemine opinante se in publicum exhibuit, simul ut diem serenum faceret, simul ut te in magnifica mula cunctos supereminentem tanto procerum comitatu cons-

---

262 B latebris, ac

268 B conantur.

273 B iuuenescunt: arbores

280 A e B numerus hac

283 B densitate, aerisque

287 A exhibuit; B exhibuit)

Os animais mudos, sem compreensão, e até aqueles que antes tinham sido nocivos, tornando-se agora inofensivos, ao sentir a vossa chegada, saem para fora dos abrigos da terra e das suas tocas para se associarem a tão grande festividade. 265

As aves, que voam pelo ar transparente, gorgem mais docemente do que costumam. E, como se pudessem falar, tentam manifestar a sua alegria. E aquela que raramente ou nunca cantou não deixa de gorgear à vossa chegada.

Também os peixes saem do fundo do mar para a superfície, percebendo tão grande glória, e não cessam de saltar para aqui e para ali nas águas tranquilas. 270

Tudo se alegra, tudo rejuvenesce. Árvores, pedras, rios, ervas e prados, tudo parece mais alegre e ameno do que em tempo algum do passado. E até a terra e os outros elementos parecem rir: o mar, o ar, o fogo, o céu com o sol, a lua e as estrelas e tudo quanto está no céu se congratula. 275

Anjos, arcanjos e almas bem-aventuradas, em número infinito, com esta tão estreita união quase pulam de alegria, bailam, cantam e conduzem danças ao desafio. 280

E o sol, que hoje desde o princípio da manhã até esta hora vespertina<sup>24</sup> não tinha podido sair, impedido pela densidade das nuvens e pela excessiva espessura do ar, todavia, quando saístes do convento do Espinheiro<sup>25</sup> (como lhe chamam), para entrardes nesta cidade, de súbito irrompeu com todas as forças, e inesperadamente mostrou-se em público, ao mesmo tempo para tornar límpido o dia, ao mesmo tempo para vos ver numa magnífica mula<sup>26</sup>, sobressaindo a todos em tão grande séquito de 285

290 piceret, et diem natura breuissimum in longius producere-  
ret. Et adhuc aspicit et moram trahit, donec tantorum  
principum solemnitas perficiatur.

Nunquid nugor? nunquid mentior? nunquid fortasse  
adulor?

295 Vos, qui adestis, amplissimi patres, haec omnia  
multo melius me dicente praesentes uidetis.

Attende, principum decus, quid dico.

300 Deus ipse in throno sedens, haec quae hic piissime sanc-  
tissimeque geruntur, approbat, laudat, confirmat, et suo  
artificio tanquam optimus opifex (ut tantam diuinitatem  
deceat) gloriatur. Quem omnes supplices precemur, ut  
tales in dies successus, taliaque et maiora rerum incre-  
menta ampliet et adaugeat.

---

290 Conspiceret. Et... produceret,

291 A B produceret, et

291 A e B trahit. Donec

295 A Uos qui adestis amplissimi patres haec; B Uos, qui

297 A e B Attende principum decus quid

302 B taliaque, et

nobres, e para prolongar um dia brevíssimo por natureza. 290  
E ainda vos vê e arrasta a demora até que se conclua a  
solenidade de tão grandes príncipes.

Por ventura estou a gracejar? Por ventura estou a  
mentir? Por ventura estou talvez a adular?

Vós que assistis, ilustríssimos pais, apercebeis-vos, 295  
estando presentes, de tudo isto, muito melhor do que eu,  
o orador.

Atentai, vós, glória de príncipes, no que digo. O pró-  
prio Deus, sentado em Seu trono, estas coisas que aqui  
pia e santissimamente acontecem, ele as aprova, louva,  
confirma e, à maneira dum excelente artífice — como con- 300  
vém a tão grande divindade —, se gloria na sua obra.  
E a Ele todos nós, suplicantes, imploremos que alargue e  
aumente, de dia para dia, sucessos como estes e outra tal e  
maior prosperidade.

## NOTAS

<sup>1</sup> Construção muito do gosto de Cataldo: repete três vezes a mesma frase, variando apenas o verbo.

<sup>2</sup> Cataldo exprime a longa expectativa que rodeou a vinda da princesa Isabel e o seu casamento com o filho de D. João II, o príncipe D. Afonso. Em 1481, foram os dois postos em terçaria, em Moura, a cargo da infanta D. Beatriz, mãe da rainha D. Leonor, como estipulava o tratado de Alcáçovas, para firmar as pazes então celebradas, e deveriam casar «per palavras de presente» quando o príncipe chegasse à idade de catorze anos. Mas, por motivos de política interna, uma vez que o príncipe D. Afonso seria o herdeiro do trono e se mantinha longe do convívio com o Pai, sujeito a influências menos agradáveis para o rei, como a do duque de Bragança, e também porque D. João II não reconhecesse já a necessidade das terçarias se manterem, logo em 1482 envia uma embaixada aos reis de Castela sobre a «mudança das Terçarias» ou «desfazimento dellas». Receosos a princípio, estes reis concordam finalmente com o seu desfazimento; em Maio de 1483 se concluíram. Ficou então assente que o príncipe D. Afonso casaria com a infanta D. Joana, mais nova, recebendo assim maior dote, já que se afastava mais um grau na ordem da sucessão. Não se esqueceram então as partes de ressalvar: se o príncipe chegasse à idade dos catorze anos e estivesse ainda a infanta D. Isabel por casar, casariam ambos.

Quando se pensou em efectivar o casamento de D. Afonso, a filha mais velha dos reis castelhanos ainda não tinha casado, e sabemos pelos cronistas, e o próprio Cataldo alude ao facto mais adiante nesta sua oração, que vários embaixadores com pedidos de casamento tinham vindo a Castela e tinham sido despedidos.

(R. DE PINA, *Crónica de El-Rei D. João II*, caps. VIII, XI, XII e XXXIII).

<sup>3</sup> A invocação não pertence ao esquema tradicional do discurso, apresentado por Cícero no *De Oratore: exordium, narratio, argumentatio e peroratio* (II, LXXVII-LXXXI, 310-333). Era usada na poesia épica.

<sup>4</sup> Febo e Calíope são divindades inspiradoras da poesia. Calíope é a musa invocada por poetas épicos como Virgílio, *Eneida* IX, 525:

«Vos, o Calliope, precor, aspirate canenti»

e Camões, *Os Lusíadas* III, I, vv. 1-2:

«Agora tu, Calíope, me ensina

O que contou ao Rei o ilustre Gama».

<sup>5</sup> O texto é de difícil compreensão. Pode compreender-se, omitindo a preposição *in*.

<sup>6</sup> Referência a um acontecimento importante da história da cidade. Évora foi tomada aos Mouros por Geraldo, no ano de 1165.

<sup>7</sup> Imperador romano do Oriente, nos anos 527-565, lutou pela paz na Igreja ameaçada pela heresia monofisita. Convocou em 553 o concílio de Constantinopla que reforçou a condenação que já o concílio de Calcedónia (451) tinha feito da heresia.

(Vd. FRANCIS DVORNIK, *Histoire des Conciles*, Éditions du Seuil, pp. 47-49).

<sup>8</sup> Gaio Júlio Octaviano César Augusto viveu de 63 a. C. a 14 d. C.; foi o primeiro imperador romano. Depois de uma série de guerras civis, de lutas com os outros membros do segundo triunvirato (António e Lépido), formado no ano 43, Augusto, vencedor, estabelece finalmente a paz no Império no ano 31.

<sup>9</sup> Cf. «Epitaphia pro eodem Principe», insertos nos *Poemata* de Cataldo:

N.º 1, v. 5:

Vnicus ut natus, toto sic unicus orbe;

N.º 3, vv. 1-2:

Vna auis in terris, sic filius unicus et sic

Alphonsus toto Princeps fuit unicus orbe.

<sup>10</sup> RUI DE PINA (*ob. cit.*, cap. XLIV, p. 111) conta que os embaixadores que foram a Castela, em Março de 1490, para tratar do casamento do príncipe D. Afonso, «a requerimento da Rainha de Castela, levaram a fegura do Príncipe inteira, bem tirada por natural, que natural e verdadeiramente era das muy fermosas do mundo».

Do paradeiro deste quadro não há conhecimento, como nos informa Cordeiro de Sousa em «Notas acerca de la boda de Isabel de Castilla con el principe don Alfonso de Portugal» in *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, t. LX, I (1954) p. 36.

<sup>11</sup> Cf. «Epitaphia pro eodem Principe» *Epigrammatum liber primus*, n.º 5:

Moribus Alphonsus Cato, pulchritudine Phoebus  
Raptus equo praeceps occidit ante diem.

e em *Epigrammatum liber secundus* (*Poemata*, P iij):

Ad Alphonsum Principem  
Vnicus in toto princeps amplissime mundo  
Diceris, et priscis anteferendus auis,  
Moribus, ingenio, forma, pietate, fideque  
Viribus, atque animo solus et eloquio

(vv. 1-4)

<sup>12</sup> Cf. o que diz Cataldo a propósito de D. Manuel em carta dirigida a este Rei:

«Videris profecto e caelo in terras superno nutu elapsus ut malos emendes, castigesque, bonos praemiis afficias».

(*Epistolae* I, A v-A vj v.º)

<sup>13</sup> As artes liberais eram sete, divididas em dois grupos: *trivium* (gramática, retórica e dialéctica) e *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música).

Cataldo diz que D. João II conhecia nove. Querirá significar o encarecimento da cultura do rei, sem ter a intenção de designar concretamente qualquer arte? Não deixaremos de apontar o facto de o conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, na oração que proferiu em 1504, no Estudo Geral de Lisboa, ao fazer o louvor «das ciências e artes exercitadas nestas escolas» se referir a nove artes; além das sete mencionadas, inclui a oratória e a poesia. Cf. o esquema apresentado por A. MOREIRA DE SÁ na introdução à *Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa por D. Pedro de Meneses*. Lisboa, 1964, p. 47.

<sup>14</sup> É natural que Cataldo, em Portugal desde 1485, como demonstrou o Prof. Doutor AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, no seu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, p. 92 (e n. 16 p. 114) e com a preocupação de biografar os reis portugueses, D. Afonso V e D. João II (Vd. A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 90), estivesse informado da viagem de Bartolomeu Dias que, tendo contornado o extremo sul da África, navegou ao longo da costa oriental daquele continente até ao rio do Infante. Bartolomeu Dias chegou de regresso a Lisboa em Dezembro de 1488.

Afirmção semelhante a esta de Cataldo tinha feito já Vasco Fernandes de Lucena, em 1485, na oração de obediência ao papa Inocência VIII (Vd. FRANCIS M. ROGERS, *The Obedience of a King of Portugal*, translated, with commentary. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1958, fl. 6 vº da reprodução do texto).

Fontoura da Costa provou que Lucena se baseara na primeira viagem de Diogo Cão (1482-1484), que, interpretada à luz da geografia ptolomaica, tinha levado à conclusão de que a navegação portuguesa se aproximara da costa oriental do continente africano (Vd. a interpretação dada ao passo da oração de Lucena em A. Fontoura da Costa, «Às Portas da Índia em 1484», separata dos *Anais do Club Militar Naval*, Lisboa, 1936. Esta interpretação foi aceite e completada por F. ROGERS, *ob. cit.*, pp. 83-86).

Cataldo podia conhecer a oração de Lucena — foi publicada logo em Itália, como informa ROGERS a págs. 14-16 — e os factos que deram origem à discutida afirmação, mas não deixava de acompanhar, na possibilidade permitida, o progresso dos descobrimentos, tema grato à sua personalidade de humanista.

Logo em 1486, Diogo Cão também atingiu a Serra Parda, mais ao sul do que o Cabo de Santa Maria (limite sul da Viagem de 1482-84) e, no entanto, ainda na costa ocidental.

<sup>15</sup> Título atribuído depois da morte aos imperadores divinizados; Júlio César foi o primeiro a recebê-lo. Aparece com frequência em inscrições epigráficas e em Suetónio.

<sup>16</sup> Em 1471, quando tinha ainda dezasseis anos, D. João tomou parte na expedição que conquistou Arzila e Tânger, no Norte de África. Aí o armou cavaleiro seu pai, o rei D. Afonso V (vd. R. DE PINA, *Crónica de D. Afonso V*, in «Ineditos de Historia Portuguesa», Lisboa, 1970, Tomo I, cap. CLXIII-CLXV).

Esta expedição, que Cataldo celebrou no poema *Arcitínges*, ficou immortalizada nas tapeçarias de Pastrana.

Em 1476, a ala comandada pelo então príncipe D. João venceu militarmente as forças castelhanas que a defrontavam na batalha de Toro.

<sup>17</sup> Uma figura feminina que se distinguia pela cultura é frequentemente comparada por Cataldo a uma sibila (Vd. M. ISABEL A. LIMA PEREIRA, *Algumas Cartas e Poemas de Cataldo Sículo*, nota 2 à carta transcrita e traduzida com a numeração II, 4).

<sup>18</sup> Pintores muito notáveis do século IV a. C.; Apelles foi o célebre retratista de Alexandre Magno, o único a quem o rei da Macedónia concedia o direito de o pintar. Parrásio celebrou-se na pintura de figuras. Uma pintura de Teseu, de sua autoria, adornou o Capitólio, em Roma.

<sup>19</sup> Por uma longa série de casamentos, estavam muito ligadas as famílias reais da Península. Para dar os exemplos mais próximos, recordarei que a rainha Isabel de Castela era filha de uma neta do rei D. João I de Portugal, Isabel de Portugal, filha do infante D. João.

Esta Isabel de Portugal era, portanto, irmã da infanta D. Beatriz, mãe da rainha D. Leonor.

Por outro lado, tanto D. João II como D. Leonor eram netos da rainha D. Leonor de Aragão, mulher de D. Duarte, que era irmã do rei de Aragão, João II, de quem era filho Fernando, marido de Isabel.

<sup>20</sup> Ave fabulosa, de cuja espécie se dizia existir apenas um exemplar, que renascia das próprias cinzas.

<sup>21</sup> Diz RUI DE PINA, no capítulo XXXIII, p. 85, da *Crónica de El-Rei D. João II*: «os dictos Reys [de Castela] tynham já despedidos os Embaxadores do Rey dos Romaãos, que a Valhedolid a vieram requerer, e assy ElRey de França, e ElRey de Napoles, com quem sobr'este casamento da Infanta Dona Isabel ouve muitos requerimentos, e grandes pendenças».

<sup>22</sup> Cataldo exhibe o seu conhecimento de geografia antiga: os povos da Europa, que nomeia, estão atestados em autores latinos como Cícero, César e Plínio; refere depois povos do norte de África e da Ásia.

A forma *Anglici*, que Cataldo usou, não é a forma clássica.

*Teucri* designa muitas vezes em Cataldo o povo turco. (Vd. ANA MARIA OSÓRIO PEREIRA DE MELO, *O Homem Perfeito de Cataldo Sículo*, p. 84).

<sup>23</sup> Inicia assim RUI DE PINA o cap. XLV, p. 122, da *Crónica de El-Rei D. João II*: «E seendo asy aparelhados, e compridas todas estas cousas em Portugal, logo ElRey ho noteficou a ElRey, e aa Rainha de Castella, que eram em Cordova, pera que podessem enviar a Princesa, com a qual logo se partiram, e per suas pequenas jornadas chegaram ao lugar de Constantina a dez dias de Novembro...».

<sup>24</sup> Acerca da hora a que terá sido pronunciada esta oração, sabemos por RUI DE PINA que «ElRey depois de comer... se foy sem o Principe ao dicto Mosteiro [Santa Maria do Espinheiro]...», para trazer a princesa até à cidade. E, mais adiante, depois de dizer que «chegaram com grande vagar aa See», informa que «chegaram aos Paços ja de nocte e aas tochas» (*ob. cit.*, cap. XLVII, pp. 126-127).

Já ia no fim o mês de Novembro com seus curtos dias; é possível, portanto, que a princesa tivesse chegado a Évora, no começo da tarde.

<sup>25</sup> O mosteiro de Espinheiro, situado a cinco quilómetros da cidade de Évora, foi fundado em 1458 com o patrocínio de D. Afonso V. Aqui esteve a princesa desde quarta-feira até este domingo, e aqui foi visitada pelo rei, rainha e príncipe.

<sup>26</sup> Diz RUI DE PINA que a princesa estava «posta em hũa mulla de muitos arreos guarneçada» (*ob. cit.*, cap. XLVII, p. 126).

A ORAÇÃO QUE CATALDO PREPAROU  
PARA A ENTRADA SOLENE  
DA RAINHA D. MARIA EM SANTARÉM

Esta oração foi composta por Cataldo para a primeira visita da rainha D. Maria, segunda esposa de D. Manuel, à vila de Santarém.

Está publicada em *Cataldi Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*, fls. B iiiij-C iij, que, segundo o Prof. Doutor Luís de Matos<sup>1</sup>, foi impressa em 1513 ou 1514. O único exemplar conhecido, em Portugal, que forma um só volume com os *Visionum libri*, encontra-se na Biblioteca Pública de Évora.

Uma carta de Cataldo, dirigida a D. Jorge, duque de Coimbra, pode sugerir-nos a data da composição desta oração. A carta foi escrita em 1501, logo após o nascimento do filho mais velho do duque, D. João de Lencastre, um ano depois do seu casamento com D. Beatriz de Vilhena, em Novembro de 1500<sup>2</sup>.

Cataldo exprime a sua alegria e o desejo de ver D. Jorge e seu filho, mas só o poderá fazer depois de se

---

<sup>1</sup> «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Perísio Sículo», *A Cidade de Évora*, 35-36, p. 9.

<sup>2</sup> MARIA BEATRIZ SILVESTRE, *A Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*, pp. 75-76.

desembaraçar de umas incumbências que recebeu do rei para a recepção da rainha e sua entrada em Santarém. São estas as suas palavras:

«Cataldo Magistro et Duci suo domino. S.  
Gloria in excelsis Deo, et in terra pax et uita Duci domino meo.

Acceptis litteris tuis non apertis non lectis, interrogavi tabellarium de dominae meae partu. Respondit te iam unius esse filii patrem.

O laetitiam immensam! O gaudium incredibile Cataldi! Amplexus sum litterarum datorem, et osculatus obtuli domum et quicquid habui.

Dixi anno praeterito si profundissimam memoriam tuam colliges: si hanc coniugem tibi copulabis, ad annum, Deo auctore, Ioanni Regi nepotem generabis, quod cum perspicue intellexero, ab hac decedam uita nunc uero mori nollem, nisi postquam iocundissimum uultum tuum uidero et infantuli tui manum fuero deosculatus. Cum primum quaedam a Rege mihi commissa pro Reginae receptu, et in hoc oppidum introitu expediero, ad te celerrime ibo. Ex hoc quidem erit, si huiusmodi morulam animus poterit suferre meus, si minus, commissis non expeditis, Coro Notoque leuior ad te uolabo. Vale»<sup>3</sup>.

Era, sem dúvida, à preparação desta oração que Cataldo se referia.

Não há, no entanto, notícia de que em 1501 a corte se tenha deslocado a Santarém<sup>4</sup>.

Damião de Góis fala apenas da estadia dos reis em Alcácer de Sal e Lisboa para o período desde o casamento

---

<sup>3</sup> *Epistolae II*, B ij

<sup>4</sup> A. COSTA RAMALHO, «Cataldo Sículo e Gil Vicente», *Colóquio*, n.º 49, Junho de 1968, pág. 63.

de D. Manuel e D. Maria, em Outubro de 1500, naquela vila, até ao nascimento do príncipe D. João, em Junho de 1502, em Lisboa <sup>5</sup>.

Do texto da oração podemos talvez deduzir um termo *ante quem*: a morte da rainha Isabel de Castela, em 26 de Novembro de 1504. Cataldo, quando fala da rainha, nada deixa entender (ll. 72-75, p. 92). O perfeito, o tempo que emprega ao referir a sua acção, foi também usado a seu respeito na oração de 1490; indica anterioridade em relação ao *omitto* da oração principal. Parece, pois, de admitir que a rainha vivia ainda quando Cataldo preparava a sua oração.

A data que tem sido apontada como possível para a realização desta cerimónia é de alguns anos posterior, final de 1505, princípio de 1506 <sup>6</sup>, quando o rei e a corte se estabeleceram em Almeirim, fugidos à peste que grassava em Lisboa, depois da chegada em Outubro de 1505, dos navios da embaixada que D. Manuel enviara a Roma <sup>7</sup>.

Mas o próprio título com que a oração é apresentada na obra de Cataldo «*Oratio habenda coram Emmanuele S. Rege ad Mariam S. Portugaliae Reginam tunc primum Sancterenam ingressuram*» nos faz pôr em dúvida ter chegado algum dia a ser pronunciada <sup>8</sup>.

O gerundivo *habenda* aparece também na pequena oração publicada em *Epistolae I*, fls E ii vº-E iii, que Cataldo preparou para uma embaixada de D. João II a Carlos VIII, rei de França: «*Oratio habenda coram Carolo Gallorum Rege*». E essa não foi pronunciada. Em carta dirigida ao rei, que lha havia encomendado, Cataldo mostra estranheza,

---

<sup>5</sup> *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte I, cap. LXII, p. 153.

<sup>6</sup> A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pp. 75, 99 e 168.

<sup>7</sup> DAMIÃO DE GÓIS, *ob. cit.*, I, cap. XCIII, p. 229.

<sup>8</sup> Vide A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, «Addenda», p. 383.

por ter sabido que tinha sido dispensado, e pede a D. João II que disto o certifique <sup>9</sup>.

As outras orações publicadas na obra de Cataldo, e de que temos a certeza terem sido proferidas, são qualificadas não com o gerundivo, mas com o particípio perfeito *habita*:

A «Oratio habita Bononiae publice a Cataldo in omnium scientiarum et in ipsius Bononiae laudes»<sup>10</sup>, em data a primeira conhecida, valeu ao seu autor um comentário elogioso do jurista André Barbazza, que Cataldo refere numa carta que dirigiu a D. Diogo de Sousa<sup>11</sup>:

«Et Andreas Barbatia post habitam Bononiae (quam scis) orationem in magnorum uirorum frequentia iurauit se adhuc uidisse eloquentiorem neminem»<sup>12</sup>.

Da «Oratio habita a Cataldo in aduentu Elisabeth principis Portugaliae, ante ianuam urbis Eborae», de que já falámos anteriormente, são conhecidas as circunstâncias em que foi pronunciada.

Há ainda em *Epistolae II*, fols. D-E iij a «Oratio habita a Petro Menesio Comite Alcotini coram Emmanuele S. Rege in Scholis Vlyxbonae». O próprio Cataldo descreve no livro terceiro das *Visiones*<sup>13</sup>, as circunstâncias em que esta oração foi proferida, e em carta à mãe do conde, D. Maria Freire, comenta o comportamento do seu aluno<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> Luís DE MATOS, *ob. cit.*, pp. 6-7. A carta está publicada em *Epistolae I*, fol. B vj.

<sup>10</sup> *Epistolae I*, fol. I iij.

<sup>11</sup> A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, pp. 48 e 96.

<sup>12</sup> *Epistolae I*, D iij.

<sup>13</sup> A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, pp. 69 e 78-79. Vide também JAIME PEREIRA DO NASCIMENTO, *O Terceiro Livro das Visões de Cataldo Século*, vv. 37-90.

<sup>14</sup> *Epistolae II*, fol. A iijj. Vide também M. BEATRIZ SILVESTRE, *ob. cit.*, pp. 270-273.

Também o modo como está indicada a ocasião a que se destinava a oração, *tunc* e particípio futuro, contribui para reforçar a nossa hipótese de que a oração foi composta numa altura em que se preparava a entrada solene da rainha D. Maria na vila de Santarém, não se provando, no entanto, que tenha sido pronunciada.

Cataldo principia a oração pelo elogio das pessoas reais e, para atrair de novo a sua presença à vila, dedica ao louvor de Santarém a parte maior.

Aquela *optatissimam Sancterenam*, como lhe chama o humanista em carta a D. Manuel<sup>15</sup>, fora desde D. Afonso III até D. João II por muitas vezes assento dos monarcas<sup>16</sup>. Lamenta agora Cataldo a ausência de D. Manuel de lugar tão prodigamente dotado pela natureza e enumera os benefícios que Santarém e a sua região oferecem a quem nela habita: a situação, o clima, a fertilidade do campo, o rio que em muito contribuiu para a riqueza local, a variedade de animais e aves. «Quicumque inter tantas honestissimas delicias uiuere, cum possit, recusat, singulare bonum perdit in uita» (ll. 285-286, p. 108), lembra Cataldo aos reis, reavivando a intenção com que vem tecendo o elogio da privilegiada vila e acrescenta: «uolucres feraeque bestiae multo melius huius loci felicitatem nouerunt quam homines» (ll. 287-288, p. 108).

Grous e cegonhas não emigram e o rouxinol canta todo o ano.

Três comparações usa o orador para provar a excelência de Santarém: compara-a primeiro a Veneza, embora forçando a analogia, — é sintomática a escolha de uma cidade de Itália, o país de origem de Cataldo e a pátria da

---

<sup>15</sup> *Epistolae I*, fol. C vj vº-D. Vide. M. ISABEL A. LIMA PEREIRA, *Algumas Cartas e poemas de Cataldo Sículo*, carta I, 7.

<sup>16</sup> J. VERÍSSIMO SERRÃO, *Santarém, História e Arte*, pp. 27-31.

nova cultura — concluindo pela superioridade de Santarém, em virtude da própria Natureza; a posição altaneira da vila a dominar a lezíria circundante fá-la assemelhar-se a uma águia que paira de asas desdobradas vigiando os campos; outra imagem é a de uma rapariga muito bela e modesta por quem se apaixona um velho, seu contemporador.

Até final Cataldo continua a enumeração das vantagens que oferece Santarém, e Almeirim na sua vizinhança, e que a tornam «lugar único sob o sol».

O orador tenta explicar a origem do topónimo, e interpreta-o baseado no seu aspecto exterior, aproximando *Scalabi* ou *Calabicastrum* do latim *scala* e *Herena* do latim *aerea* ou *haerere*.

O gosto de Cataldo por Santarém é analisado pelo Senhor Prof. Doutor Costa Ramalho no capítulo V, «Cataldo Sículo em Santarém», do seu livro, já citado, *Estudos sobre a Época do Renascimento*.

Nessa vila se dedicava Cataldo à composição e aperfeiçoamento das suas obras e à leitura do *Mestre das Sentenças* e de Tortélio; são informações que colhemos da correspondência com D. Manuel<sup>17</sup> e com o conde de Alcoutim<sup>18</sup>. Na carta que escreve ao rei, datável de 1498<sup>19</sup>, transparece a alegria do humanista por poder dispor de seis meses em Santarém para se dedicar às letras sagradas e à conclusão de obras começadas, e não é com muita facilidade que os interrompe para iniciar as lições a D. Pedro de Meneses<sup>20</sup>.

Mas de todas as referências a Santarém o livro I do poema *De Obitu Alphonsi Principis*, que Cataldo dedicou

<sup>17</sup> *Epistolae I*, fol. C vj vº-D.

<sup>18</sup> *Epistolae II*, fol. A iij vº; A iv vº-A v. Vide também M. BEATRIZ SILVESTRE, *ob. cit.*, pp. 272-277 e 278-283.

<sup>19</sup> M. ISABEL A. LIMA PEREIRA, *ob. cit.*, carta I, 7.

<sup>20</sup> M. BEATRIZ SILVESTRE, *ob. cit.*, pp. 68-69.

ao rei D. Manuel, tem especial interesse pelas afinidades que apresenta com esta oração. A data da sua composição deve ser posterior à elevação do monarca, em 1495, e anterior a 1502, data atribuída à impressão dos *Poemata*, em que está incluído<sup>21</sup>. É com certeza anterior à oração que Cataldo preparou para a entrada solene da rainha D. Maria, pois que é referido a ele<sup>22</sup> o passo desta oração: «Quapropter conuenientissime quidam nostri temporis nouus uates hunc locum aquilae in medio aere pansis et apertis alis stanti, terramque superbe despectanti assimilauit» (ll. 247-250, p. 106).

Este primeiro livro é um hino à terra santarena.

São muito próximos os termos do louvor num e noutro texto, num adaptados ao género poético, no outro, à limitação do tempo. Teria Cataldo para ambos a mesma intenção?

A morte do príncipe D. Afonso em Santarém, em 1491, parecia ser a causa do afastamento posterior dos monarcas<sup>23</sup>. Talvez por isso tivesse Cataldo a preocupação de cantar os méritos da vila no início do poema que dedicou àquele assunto.

O rei estivera em Santarém no final do ano de 1498, depois do seu regresso de Saragoça, como concluímos da citada carta de Cataldo para D. Manuel.

Lopo Fernandes de Castanheda, na oração que pronunciou na entrada solene de D. João III e sua mulher, D. Catarina, na mesma vila, depois de referir os reis que nela viveram, fala deste modo a respeito de D. Manuel: «soo do grande Rej voso paj, D. Manuel; que por sua

---

<sup>21</sup> LUÍS DE MATOS, *ob. cit.*, p. 8. Vide também M. LUÍSA NOGUEIRA DE CARVALHO COSTA, *Da Morte do Príncipe D. Afonso (livro terceiro) e Epitáfios de Cataldo Sículo*, p. 8.

<sup>22</sup> *Poemata*, fol. A ij v.º Cf. A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 76 e n. 9; p. 102 e n. 35.

<sup>23</sup> J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, p. 32.

grandeza mais a ouvera de favorecer com sua continua presença, delle foi desfavorecida, não que para isso nella houvesse causa»<sup>24</sup>.

Vimos em primeiro lugar a novidade desta oração em relação à que tínhamos estudado anteriormente: a extensa exaltação da vila de Santarém.

Na oração que pronunciou em Bolonha, e que estava publicada em Portugal desde 1500, Cataldo tinha incluído um elogio da cidade, breve, como breve é também o elogio de Lisboa na oração de D. Pedro de Meneses, de 1504<sup>25</sup>.

Mas o elogio das cidades onde se faziam os estudos era tema comum entre os humanistas. Santarém, porém, não está neste número.

O exemplo de Cataldo, que preparou o elogio da vila que ia receber solenemente a rainha e o rei, foi seguido por Lopo Fernandes de Castanheda na oração em vernáculo, que já referimos. Lopo Fernandes refere igualmente a fertilidade dos campos, a beleza e salubridade do lugar, os benefícios que o Tejo «das areas Douradas» proporciona, os animais, as matas, coisas que «não se achão asi juntas em nenhuma outra uilla, nem cidade dos uosos reinos, nem de espanha, nem de europa». E conclui: «E por isso não se pode negar que em elles de todo ella he mais principal e das uosas para uoso seruico a mais necessaria»<sup>26</sup>. É aqui também o canto de desespero de uma vila que fora por muito tempo acarinhada e se vê agora abandonada.

---

<sup>24</sup> FRANCISCO DIAS, *Memórias Quinhentistas dum Procurador del-Rei no Porto*, vol. IV de Documentos e Memórias para a História do Porto, p. 75. Cf. A. CAETANO DE SOUSA, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo III, I parte, p. 3. Os dois textos, que não são coincidentes, diferem consideravelmente do transcrito por Verissimo Serrão, *ob. cit.*, p. 32.

<sup>25</sup> *Epistolae II*, fol. D vj v.º-E.

<sup>26</sup> FRANCISCO DIAS, *ob. cit.*, pp. 75-76.

Podemos aproximar as duas orações que estamos a estudar no que têm de comum — os elogios das pessoas reais — e analisar a identidade de processos e atitudes que apresentam.

No início das duas orações e com a consciência de que desse modo quebrava as regras da retórica, Cataldo introduz uma invocação: numa, dirige-se à princesa; na outra, depois de usar um verso de Virgílio, invocando as Musas, é na rainha, nas suas virtudes, nas de seus pais e marido que confia para poder prosseguir o seu discurso <sup>27</sup>.

Muito semelhante é a fórmula do cumprimento apresentado à princesa D. Isabel em nome da cidade de Évora e de todo o reino e a preparada para a recepção em Santarém da rainha D. Maria <sup>28</sup>.

Tal como em relação ao príncipe D. Afonso, se não conhecesse seus pais, o julgaria o orador «um outro Febo» pela sua elegância <sup>29</sup>, assim acreditaria em relação à rainha D. Maria, pela sua figura, pelo seu nome e qualidades, tratar-se da Virgem Maria, se a não soubesse nascida de mortais <sup>30</sup>.

E se Cataldo não encontrou para a princesa Isabel e para a rainha com quem as comparar entre os historiadores antigos, faz o elogio da princesa em referência aos atributos das Musas e das deusas <sup>31</sup>, ao passo que de D. Maria enumera as virtudes que a tornam digna de ser não só entre elas contada, mas a elas preferida <sup>32</sup>.

Também no elogio da rainha inclui o orador, como já fizera em 1490 no elogio da princesa, sua irmã, a referência

---

<sup>27</sup> I, ll. 8-50, pp. 46-50; II, ll. 26-35, p. 90.

<sup>28</sup> I, ll. 51-57, p. 50.

<sup>29</sup> I, ll. 94-96, p. 54.

<sup>30</sup> II, ll. 41-45, p. 90.

<sup>31</sup> I, ll. 210-220, p. 62.

<sup>32</sup> II, ll. 46-63, p. 92.

a seus pais, os reis de Castela. Se então comparara Fernando a Justiniano, «amantíssimo do culto divino», e a Octávio, «imperador muito vitorioso e pacífico», concluindo pela superioridade do rei castelhano<sup>33</sup>, passados mais de dez anos, não refere o aspecto religioso, mas qualifica-o de «agustíssimo e vitoriosíssimo rei»<sup>34</sup>.

Da rainha Isabel no discurso para Santarém, Cataldo fala mais concretamente da sua participação na guerra e na paz<sup>35</sup>.

Outro ponto comum nas duas orações é a valorização da experiência em relação aos conhecimentos transmitidos pelos livros. Cataldo manifesta-o, na oração de Évora, quando se refere à rainha D. Leonor, que tem presente, e às Sibilas que conhece dos livros<sup>36</sup>; na oração para Santarém, em relação a D. Manuel e a Alexandre Magno, Júlio César e Ptolemeu<sup>37</sup>.

Esta era uma atitude que vinha nascendo na época e para a qual contribuiu a navegação portuguesa, opondo aos ensinamentos dos antigos os factos observados<sup>38</sup>.

Verificamos ainda, que quase textualmente se repete numa e noutra oração a ideia da expansão da religião católica com o progresso dos descobrimentos<sup>39</sup>.

Na oração que Cataldo preparou para a recepção da rainha D. Maria em Santarém, os descobrimentos são a única referência à acção de D. Manuel, a quem o orador vai qualificando, sempre em superlativo, de *triumphantissimus*, *sapientissimus*, *potentissimus*, *sanctissimus*, *caesarissimus*, e, no final, *pientissimus* e *christianissimus*.

---

<sup>33</sup> I, ll. 71-76, p. 52.

<sup>34</sup> II, ll. 68-71, p. 92.

<sup>35</sup> I, ll. 77-81, p. 52; II, ll. 72-75, p. 92.

<sup>36</sup> I, ll. 166-170, p. 58.

<sup>37</sup> II, ll. 76-90, p. 94.

<sup>38</sup> COSTA PIMPÃO, *História da Literatura Portuguesa*, II, pp. 4-6.

<sup>39</sup> I, ll. 130-131, p. 56; II, ll. 108-117 p. 96.

*Auctores ad scribendum desunt, non materia* (l. 102, p. 94), diz Cataldo a respeito de D. Manuel, com o mesmo sentimento da hora épica que se vivia que levou D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, a afirmar em 1504:

«Siquidem decem patauini Liuii solute, totidem Homeri carmine Portugalensium gesta praesertim hoc nouennio quo Emmanuel regnare coepit, gesserint, diurnis nocturnisque uigiliis scriberent, etiam longissima aetate uiuentes, non tamen eius suorumque meritis integre satisfacerent»<sup>40</sup>.

São muito semelhantes, pois, na oração de Évora e na de Santarém, os processos de que Cataldo se serve para enaltecer as figuras reais: a inclusão entre as divindades, a comparação com figuras da Antiguidade, o uso abundante de adjectivação, numerosíssimas vezes superlativada, exclamações e interrogações sucessivas, frases de construção paralela, de enorme efeito retórico, insistindo na palavra inicial, seja ela, como na oração que devia ser proferida em Santarém, o *tanta* valorativo (l. 14, p. 88 e ll. 17-18, p. 90), o *Tu* dirigido à rainha (ll. 46-52, p. 92) ou o *omnis*, que nada exclui (ll. 78-79, p. 94).

---

<sup>40</sup> *Epistolae II*, fol. E.

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

ORATIO HABENDA CORAM EMMANVELE  
SACRATISSIMO REGE  
AD MARIAM SACRATISSIMAM  
PORTVGALIAE REGINAM,  
TVNC PRIMVM SANCTERENAM INGRESSVRAM

«Pandite nunc Heliconā, deae, cantusque mouete.»

Recte quidem eminentissimi uatis uersum huic nostro principio conuenire arbitror, siue fas sit siue nefas oratori exordienti numen inuocare. Nam quis esset adeo  
5 cumlatus orator, qui sit de tantis principibus praesertim coram uerba facturus, qui non hebescat? non deficiat? non omnino confundatur et corruat? Nunc illa mihi Arpinatis, nunc illa Demosthenis facundia foret admodum necessaria. Certe cogitans ipse mecum quibus de rebus  
10 dicturus uenio, non solum ingenii mei, sed corporis quoque uires debilitari ac penitus dissipari sentio.

Una superest titubanti mihi spes, quae iacentem reficiat et subleuet.

15 Tanta est tuarum rerum magnitudo, serenissima omniumque reginarum undique effulgentissima Regina

---

1 heliconā deae

3 arbitror. siue

14 magnitudo. Serenissima

ORAÇÃO QUE DEVIA SER PROFERIDA  
PERANTE D. MANUEL, SACRATISSIMO REI,  
DIRIGIDA A D. MARIA,  
SACRATISSIMA RAINHA DE PORTUGAL,  
ENTÃO PARA ENTRAR PELA PRIMEIRA VEZ  
EM SANTARÉM

«Abri agora o Hélicon, deusas, e inspirai meus cantos.»

Na verdade penso convir bem a este nosso princípio o verso do eminentíssimo vate<sup>1</sup>, seja lícito ou não ao orador que começa um discurso invocar uma divindade. Pois qual é o orador de tal modo perfeito que vá falar de tão grandes príncipes, sobretudo na sua presença, e não se embote, não falhe, não se perturbe completamente e fracasse? Agora a famosa eloquência do Arpinate<sup>2</sup>, agora a famosa eloquência de Demóstenes ser-me-iam muito necessárias. Eu, que sem dúvida pensei no que venho dizer, sinto as forças, não só as da minha inteligência, mas as do corpo também, debilitarem-se e dissiparem-se completamente.

Resta-me, titubeante, uma única esperança que me restabeleça da minha prostração e me anime.

É tanta a grandeza das vossas qualidades, sereníssima e de todas as rainhas do mundo inteiro a mais brilhante

(sic primo me ad te conuertere hoc tempus postulat),  
tanta tuarum uirtutum exuperantia, tanta tuorum parentum  
cum splendore maiestas, tanta demum uiri cunctis in  
20 rebus immensitas, ut earum quaelibet ex rerum uerborum-  
que inope copiosum ex balbo eloquentem reddere ualeat.

Nemo igitur in tuo pulcherrimo uenustissimoque  
aspectu dicere desperet. Nemo rursus clementissimo  
Rege consorte tuo fauente, immensum pelagus tranare  
25 diffidat.

Gratulatur itaque Celsitudini tuae totum hoc Sancte-  
renae oppidum mirum in modum, tuoque optatissimo  
aduentu supra fidem laetatur et gaudet. Et cum eo castra,  
uillae, locaque omnia, quae complura in tam lato terri-  
30 torio existunt, eiusmodi praestant obsequium, et manum  
oboedientissime deosculantur, teque suam Dominam reue-  
rentissime libentissimeque excipiunt, apertissime cognos-  
cunt, et firmissime tenent. Fortunas omnis, corpora,  
liberos, uitamque ipsam non minus prompto quam laeto  
35 offerunt animo.

Ad quod obligationis uinculum, etsi diuina huma-  
naque lege teneantur, multo tamen magis tuis ipsius  
meritis deuinciuntur. Es enim ea repleta bonitate, his  
decorata moribus, ea rerum peritia praedita quod ueluti  
40 deam quandam e caelo in terras elapsam colant, magni-  
faciant, adorent. Namque nisi te ex mortalibus genitam  
sciremus, omnes ob pulcherrimam uenustissimamque effi-  
giem, ob suauissimum loquendi leporem placidissimumque  
tractandi modum ut nomine ita etiam re ipsa caelestem  
45 illam Diuam esse procul dubio crederemus.

- 
- 16 postulat). Tanta  
23 desperat: Nemo  
25 diffidat: Gratulatur  
37 teneantur. multo  
38 bonitate. His  
41 colant magnificent adorent

rainha (assim requer a presente circunstância que em primeiro lugar me volte para vós), é tanta a preeminência das vossas virtudes, tanta a majestade esplendorosa de vossos pais, tanta, enfim, a grandeza do vosso marido em todas as coisas, que qualquer daquelas qualidades é capaz de transformar em rico um pobre de assuntos e de palavras e em eloquente um gago. 20

Ninguém, pois, desespere de falar na vossa tão bela e tão elegante presença. Ninguém, por outro lado, se o clementíssimo rei, vosso marido, for favorável, perca a esperança de vencer esse mar sem fim. 25

E assim, cumprimenta de maneira extraordinária Vossa Alteza toda esta vila de Santarém e com a vossa desejadíssima vinda se regozija e alegra mais do que acreditar se pode. E com ela aldeias, povoações e todos os lugares, que são numerosos em tão vasto território, do mesmo modo manifestam a sua submissão e muito obedientemente vos beijam a mão <sup>3</sup> e como sua Soberana vos recebem com muita reverência e contentamento, muito claramente vos reconhecem e muito firmemente vos respeitam. Todos os bens, pessoas, filhos e a própria vida vos oferecem de espírito não menos pronto do que alegre. 30 35

E, embora estejam presos a este vínculo de obrigação, pela lei divina e humana, todavia muito mais se ligam pelos vossos próprios méritos. É que vós sois repleta de tal bondade, ornada de tais costumes, vós sois dotada de tal conhecimento das coisas, que, como uma deusa que desceu do céu para a terra, vos honram, glorificam, adoram. 40 E na verdade, se não soubéssemos que sois nascida de mortais, pela muito bela e muito elegante figura, pelo suavíssimo encanto da fala e muito brando modo de tratar, tanto pelo nome como pelas próprias qualidades longe de dúvida acreditaríamos todos que sois a famosa Deusa celeste <sup>4</sup>. 45

Tu omnibus reginis optimum es humanitatis, benignitatis ac mansuetudinis exemplar. Tu lucidissimum es honestatis, grauitatis et modestiae speculum. Tu in diuinis quantum regia ratio et paulo plus postulat peruigil.  
50 Tu pupillorum orphanorum, uiduarum tutrix fidissima. Tu pauperum miserorumque ac desertorum omnium sedula subleuatix. Tu in dando promptissima in accipiendi lentissima. Nemo unquam ad te subsidii uel cuiuspiam gratiae causa ueniens (ut publica fama est)  
55 a te abiit maestus.

O donum immortale a Deo tributum!

Non inuenio apud uetustissimos historicos cum qua aequa lance te comparem. Es deabus iure ipso comparanda. Es inter illas pro angelicis animi tui dotibus annumeranda.  
60 Immo consideratis beneque inspectis (ut dicam sine adulatione quod sentio) tot tantisque tui ipsius ac tuorum omnium meritis non inter illas solum annumeranda, sed illis uenis omnino praeferenda.

Annus efflueret si quae de caelicis uirtutibus tuis quotidie audio, sine ulla temporis intermissione litterarum monumentis traderem nec adhuc cumulate me satisfacturum putarem.  
65

Ferdinandum autem patrem augustissimum uictoriosissimumque regem hoc loco omitto, qui non cum summis excelsisque regibus comparandus sed omni ex parte sit illis merito praefendus.  
70

Omitto Elisabeth matrem quae omnium reginarum gloriam, siue bello siue paci interfuerit, uel praefuerit, aut et interfuerit una eidem rei et praefuerit, clarorum uirorum fidelissimo testimonio, longe excesserit.  
75

---

46 humanitatis benignitatis

48 honestatis grauitatis

50 orphanorum uiduarum

Vós, entre todas as rainhas, sois o melhor exemplo de humanidade, benignidade e brandura. Vós sois lucidíssimo espelho de honestidade, ponderação e modéstia. Vós no culto divino vigilante, quanto o requer a vossa régia condição e mais ainda. Vós dos órfãos, das viúvas protectora fidelíssima. Vós dos pobres e dos infelizes e de todos os abandonados diligente consoladora <sup>5</sup>. Vós no dar prontíssima, no receber lentíssima. Ninguém que alguma vez veio junto de vós por causa de ajuda ou de algum favor — como é pública fama — de vós se afastou triste <sup>6</sup>.

Ó dádiva imortal por Deus concedida!

Não encontro nos historiadores mais antigos com quem vos compare em igual balança. Às deusas deveis ser comparada por mérito próprio. Entre elas deveis ser enumerada pelos dotes angélicos de vosso espírito. Ou melhor, considerados e bem examinados — para dizer sem adulação o que sinto — tantos e tão grandes méritos, os vossos e os de toda a vossa família, surgis não só como devendo ser entre elas enumerada mas em tudo a elas preferida.

Um ano correria, se eu consignasse em obras literárias, sem qualquer interrupção, tudo quanto diariamente oiço sobre vossas celestes virtudes. E ainda assim eu não julgaria ter satisfeito por completo à minha obrigação.

Quanto a Fernando, vosso pai, o augustíssimo e vitoriosíssimo rei, omito-o neste lugar, embora ele não deva ser comparado com os maiores e mais nobres reis mas com merecimento ser-lhes em tudo considerado superior.

Omito Isabel, vossa mãe, embora, participando na guerra ou na paz, ou a uma e outra presidindo, ou simultaneamente participando e presidindo, tenha excedido a glória de todas as rainhas, segundo o mais fiel testemunho de homens ilustres.

At uero ipsius uiri Emmanuelis laudes quae papyrus?  
quae membrana capere? qui calami perscribere poterunt?  
Omnis scriptorum mens hebetabit. Omnis lingua torpebit.  
80 Omnis manus languebit. Quem seu cum Alexandro Magno, Caioue Iulio Caesare, aut cum Ptolemaeo compares (etsi maximi omnes exstitisse scribantur) minores tamen in omni uirtutum genere comperies. Nec tantum laudis illi tres simul iuncti quondam meruerunt, quantum triumphantissimus Emmanuel hac nostra tempestate solus meretur.  
85 Quippe illos non uidimus, ex libris tantummodo cognoscimus, qui plerumque ad ostentationem adulationemque uel ineundam gratiam componuntur. Nostrum autem Caesarem eiusque sublimia facta praesentes cernimus oculis, manu tractamus, auribus audimus, uerisimaque omnia experti enarramus.  
90

Vere de illo absque pudore aliquo dicere ausim, quae de nullo hactenus principe a tot antiquarum recentiorumque rerum scriptoribus tradita fuerunt. Multa optima ad magnum aliquem regem statuendum necessaria in  
95 hoc uno adeo quadrare eminereque manifestissime concernimus, ut eorum singula quemuis non regio, sed humili sanguine genitum maximum optimumque regem honestissime constituerent, stabilirent et seruarent. Vnde fit tantum uirtutis, honoris et gratiae hunc unum fautore  
100 Deo possidere, quantum multos maximos optimosque reges oporteat habere.

Auctores ad scribendum desunt, non materia quae multiplex, uaria sublimisque scribere aut dicere uolenti,

- 
- 78 hebetabit: Omnis  
79 torpebit: Omnis  
87 componuntur: Nostrum  
90 enarramus  
93 recentiorumque  
99 fit Tantum uirtutis honoris

E quanto aos méritos de Manuel, vosso marido, que papiro, que pergaminho os poderão conter? Que cálamos os poderão escrever? Todo o pensamento dos escritores se obscurecerá. Toda a língua se entorpecerá. Toda a mão desfalecerá. A ele, se se comparar ou com Alexandre Magno, ou com Gaio Júlio César, ou com Ptolemeu — embora se escreva que todos foram muito grandes — descobrir-se-á todavia que lhe são inferiores em todo o género de virtudes. E não mereceram outrora aqueles três juntos ao mesmo tempo tantos louvores, como merece sozinho nesta nossa época o triunfantíssimo Manuel. De facto, àqueles não os vimos, conhecemo-los apenas dos livros, que são compostos muitas vezes para ostentação e adulação ou para ganhar o favor. O nosso César, pois, e os seus sublimes feitos nós, presentes, os vimos com os olhos, tocamos com a mão, ouvimos com os ouvidos e é com experiência que narramos coisas todas muito verdadeiras.

Na verdade, acerca dele e sem receio algum ousarei dizer o que de nenhum príncipe até agora foi contado por tantos escritores das coisas antigas e das mais recentes. Muitas das melhores qualidades necessárias para definir alguém como um grande rei, só nele, com a máxima clareza, as vemos harmonizarem-se e sobressaírem de tal maneira, que cada uma delas muito dignamente investiria, firmaria e conservaria como o maior e melhor rei quem quer que fosse, não de régio, mas de humilde sangue nascido. Donde resulta que este só, com a protecção de Deus, possui tanta virtude, honra e graça quanta devem ter numerosos mui garndes e muito bons reis.

Faltam autores para escrever, não matéria, que essa, múltíplice, variada e sublime, para quem queira escrever

non quaesita, sed sponte sua undique copiosissima occur-  
105 rit seque uberrimam patentemque exhibet et offert.

    O rem mirandam!

    O rem nunquam et nusquam antehac auditam!

Emmanuel Rex, non minus sapientissimus quam  
110 potentissimus, non minus sanctissimus quam caesaris-  
simus, in tam iuuenili aetate sua prudentia nouum  
adinuenit orbem, nouas gentes, noua commercia. Tot  
milibus passuum ultra extremam Indiam nauigans suae  
ditionis posuit terminum. Neque pudet me idem saepe  
115 ratione urgente repetere. Orientem tandem coniunxit  
occidenti. Idque in totius christianitatis commodum et  
augmentum fecit, multos prauae sectae homines ad fidem  
catholicam conuertendo.

Sed quia temporis incommoditas longius orationem  
nostram progredi non sinit multa quae dicenda propo-  
120 sueram reseabo, et ad propositam optatamque metam  
celerioribus passibus properabo. Ideo ad te optimorum  
maximorumque regum, optime et maxime Rex, ser-  
monem meum conuerto.

Quid causae erit? cur Sancterenam frequenter non  
125 uisites, colas et habites? Quandoquidem eo cordis ardore,  
ea integritate, ea oboedientia in superiores tuos fuerit  
semper, et in te ipsum in primis, qua aliae Portugaliae  
urbes uillaeque nunquam exstiterunt. Possides quidem

---

108 Rex non  
109 potentissimus non  
110 caesarissimus in  
111 orbem nouas  
111 gentes noua  
120 reseabo. et  
122 maxime. Rex  
125 uisites? colas  
128 extiterunt. possides

ou falar, sem ser procurada, espontaneamente ocorre de todos os lados com muita abundância e se mostra e oferece 105  
ubérrima e acessível.

Ó coisa admirável!

Ó coisa nunca e em parte alguma até agora ouvida!

O rei Manuel, não menos sapientíssimo do que poderosoíssimo, não menos sacratíssimo do que cesaríssimo <sup>7</sup>, 110  
em idade tão jovem, com a sua prudência, descobriu novo mundo, novas gentes, novos comércios. Navegando tantos milhares de passos para além do extremo da Índia, fixou o termo do seu domínio. E não tenho pejo de repetir isto mesmo muitas vezes, por força da razão: ligou finalmente o oriente ao ocidente <sup>8</sup>. E isto fê-lo para benefício 115  
e aumento de toda a cristandade, convertendo à fé católica muitos homens de religião errada.

Mas porque o condicionamento do tempo não permite avançar mais longamente a nossa oração, suprimirei muito do que tinha pensado dizer e apressar-me-ei a passos mais 120  
céleres para a meta proposta e desejada. Por isso, para vós, ó rei, dos mais nobres e maiores reis o mais nobre e o maior, dirijo as minhas palavras.

Que causa haverá? Por que razão não visitais frequentemente Santarém, não a habitais e nela não residis? Pois que sempre foi de um ardor de coração, de uma integridade, de uma obediência para com os vossos antecessores e 125  
sobretudo para convosco, com que nunca se mostraram as outras cidades e vilas de Portugal. Vós, com efeito, sois senhor de muitas e inumeráveis gentes, mas, com o seu

130 multas et innumerabiles gentes, sed quae obsequio, fide,  
amoreque erga te sancterenensem populum superet, pace  
earum dixerim, habes nullam. Habes in regnis tuis  
urbes celeberrimas, ditissimas, opulentissimas, quales  
in toto terrarum ambitu uix reperiantur, sed fertiliorem,  
amoeniorem, pulchriorem Sancterena habes nullam.

135 Grande conficerem uolumen, si de loci huius innumeris  
incredibilibusque bonis uellem dicere, si situm, si aeris  
temperiem, si spatiosum uberrimumque campum, si flu-  
mina, et in iis ingentes, paruos, minimosque sapidissimos  
natantes pisces, si salicta, si uincta, oliueta, pomaria, roseta,  
140 canneta, si diuersorum olerum hortos, si ad aedificia  
construenda diuersimodos lapides, si candidissimos salis  
montes, si lepores, cuniculos, oues, capras, uaccas, boues,  
porcos errantes passimque occurrentes.

Hic hic praeterfluit ille aurifer (immo uerius) aureus  
145 Tagus. Cuius stercus omni auro pretiosius non mediocre  
(ut experientia docet) colonis affert emolumentum. Affir-  
mant enim simul omnes coloni: si per annos quattuor  
aut quinque excrescere inundareque nullum afferens stercus  
cessauerit, ex seminibus iactis aut nihil aut uix steriles  
150 auenas se collecturos. Quamquam inundatione incremen-  
toque illo ueluti diluuiio pauperiem perniciemque sege-  
tibus, uineis arboribusque ac bobus ceterisque pecoribus  
quin etiam colonis ipsis uideatur interdum allaturus, qui  
post biduum triduumue in suum rediens alueum, metum  
155 omnem in spem mirificamque laetitiam conuertit. Etsi

---

131 nullam: Habes  
132 opulentissimas. quales  
134 fertiliorem amoeniorem pulchriorem  
144 hic  
147 coloni. Si  
152 segetibus uineis  
153 allaturus Qui

consentimento o direi, não tendes nenhuma que em deferência, fidelidade e afeição para convosco exceda o povo de Santarém. Possuíis nos vossos reinos cidades celebérrimas, riquíssimas, opulentíssimas, como difficilmente se encontram em todo o âmbito da terra, mas mais fértil, mais amena, mais bela do que Santarém, não tendes nenhuma. 130

Comporia um grande volume, se quisesse falar dos inúmeros e inacreditáveis bens deste lugar: a situação, a amenidade do ar, o vasto e fertilíssimo campo, os rios e os saborosíssimos peixes, grandes, pequenos e minúsculos que neles nadam, os salgueirais, os vinhedos, olivais, pomares, roseirais, canaviais, as hortas de diversos legumes, as pedras variadas para a construção de edifícios, os alvíssimos montes de sal, as lebres, coelhos, ovelhas, cabras, vacas, bois, porcos errantes que surgem por todo o lado. 140

Aqui, aqui corre o aurífero ou, em mais verdade, áureo Tejo<sup>9</sup>. O seu nateiro, mais precioso do que todo o ouro, traz aos agricultores — como ensina a experiência — um benefício que não é pequeno. Na verdade, todos os agricultores são unânimes em afirmar que, se durante quatro ou cinco anos o rio deixar de crescer e inundar, não originando nenhum nateiro, das sementes lançadas nada virão a colher ou quando muito estéreis palhas. Ainda que, com a inundação e aquela enchente, como um dilúvio, pareça por vezes que há-de causar a pobreza e a ruína às colheitas, vinhas e árvores, aos bois e aos outros animais e até aos próprios agricultores, o rio, passados dois ou três dias, volta ao seu leito e transforma todo o medo em esperança e extraordinária alegria. Embora tenha causado 150

quod excursu illo dānnum attulerit, multo cum fenore  
gaudentibus agricolis resarcit.

Non memoro quantam piscium copiam emittat;  
quorum nomina, si Latine scirem proferre, non dedignarer  
160 aliqua saltem, si non singula ut optarem recensere.

Non ex regno solum, sed ex tota fere Hispania ducen-  
teni, quingenteni, et aliquando milleni suo tempore geru-  
larii, agasones, muliones, uectoresque alii uario iumen-  
torum genere etiam plaustis per boues ductandis  
165 conueniunt. Et aut data pecunia, aut aliqua rerum  
permutatione coemptis piscibus contenti admodum et  
alacres in suas primum inde in externas remotissimasque  
exportant regiones.

Nec si eloquentissimus Maro Tagum in Lusitania  
170 uidisset qualis nunc eminet, quemadmodum in Gallia  
Cisalpina uidit Eridanum, postposito patriae amore Tagum  
fluuiorum regem appellasset, non Eridanum.

Nam quod plerique fluuīi aurum ferant, non est tanta  
admiratione dignum, quanta Tagum tantorum bonorum  
175 causam exstare. An Ganges (ut hinc incipiam) cum toto  
auro Indiae commodior quam Lusitaniae Tagus fluit?  
An Lydiae Hermus? An Asiae Pactolus? An Tridenti-  
nis amoenissimus Athesis? An Tusciae alpinus Tyberis?

Nulla certe ex parte cum una huius nostri ex tot ac  
180 tantis commoditatibus comparandi ueniunt praecipue  
in hac extrema, in quam desinit, regione. Immo ut auden-  
tius promam quod lucidissime experior: uniuersi totius  
orbis fluuīi admixti simul (si fieri posset) non tantae essent  
ubertatis, utilitatis, felicitatis quantae Tagus noster quoti-

---

156 attulerit. multo

158 emittat. quorum

177 Pactolus An

180 ueniunt Praecipue

182 experior. Uniuersi

184 ubertatis. utilitatis

algum dano com aquele transbordamento, recompensa com muito lucro os lavradores que se regozijam.

Não refiro quanta abundância de peixes produz; não desdenharia enumerar os seus nomes, se os conhecesse em latim, pelo menos a alguns, se não a todos, como desejaria. 160

Não só do reino, mas de quase toda a Hispânia afluem na altura própria, aos duzentos, quinhentos e às vezes mil carregadores<sup>10</sup>, condutores de cavalos, condutores de mulas e outros almocreves com várias espécies de animais de carga e ainda com carros de bois. E extraordinariamente contentes e alegres com os peixes comprados a dinheiro ou por alguma permuta, levam-nos primeiro para as suas regiões, depois para regiões estrangeiras e muito longínquas. 165

E<sup>11</sup> se o eloquentíssimo Marão tivesse visto o Tejo na Lusitânia tal como agora se mostra, do mesmo modo que na Gália Cisalpina viu o Erídano, pondo de lado o amor da pátria, ao Tejo teria chamado rei dos rios, não ao Erídano<sup>12</sup>. 170

Na verdade, o facto de grande número de rios transportar ouro não é digno de tanta admiração como ser o Tejo a causa de tão grandes bens. Porventura o Ganges<sup>13</sup> (para começar por aqui), com todo o seu ouro, corre mais vantajoso para a Índia do que para a Lusitânia o Tejo, ou para a Lídia o Hermo, ou para a Ásia o Pactolo<sup>14</sup>, ou para a região tridentina o ameníssimo Ádige<sup>15</sup>, ou para a Toscana o alpino Tibre? 175

De nenhuma parte, decerto, vêm rios comparáveis com um só de tantos e tão grandes benefícios deste nosso, especialmente nesta última região em que termina. Mais ainda — para exprimir com mais audácia o que muito claramente experimento — os rios do mundo inteiro, todos juntos (se tal pudesse acontecer) não seriam de tanta fertilidade, utilidade, fecundidade quanta o nosso Tejo, com 180

185 dianis experimentis in dies magis se probat et ostendit.  
Hebrus, Rhenus, Danubius, Tanais, solum nominibus  
terribiles, Tigris, Euphrates. Adde etiam Nilum, de quo  
multa referuntur, poetica et fabulosa magis quam histo-  
rica, a doctissimis cantatissimum.

190 Nec quisquam in admirationem adducatur, si a uete-  
ribus scriptoribus non fuerit ita late hic noster, sicut ii  
ipsi quos nominavi, celebratus. Nam cum omnia terrena  
natura ipsa maxime mutantur, quaedam a suo statu  
minuuntur, decrescunt et prorsus corruunt, quaedam  
195 suapte crescunt, et praeter hominum opinionem augentur.  
Quod montibus stabilibus naturaque firmissimis accidit,  
quanto magis fluentibus et mutabilibus fluminibus contin-  
get. Veterum temporibus non adeo proficuus, adeo  
fertilis, adeo diues fluebat, ut nostra hac fluit tempestate.

200 Siquidem modico interuallo a capite distant pedes,  
Hispania est principium eius et origo, Hispania est finis.  
A Bethica Carthagine surgit, uenit in Lusitaniam quietum,  
in eam regni partem ubi opulentissimarum opulentissima  
urbs Vlysbona ab occiduo oceano fluxu et refluxu abluitur.  
205 Quae ab hoc felicissimo oppido quadraginta fere milibus  
passuum distare existimatur.

A qua urbe emptores mercatoresque infiniti omni  
cessatione amota onerariis nauigiis confluunt. Hinc uariam  
annonam: triticum, hordeum, uinum, oleum, carnes,  
210 coria, caseos, linum, funes cannabeos multaque huiusmodi  
ad uitae usum necessaria educunt. Quibus rebus non  
modo sub boreali Germanos, Anglicos, Britannos, sed sub

---

188 referuntur. poetica  
195 suapte  
198 proficuus adeo  
199 tempestate: Siquidem  
200 pedes. hispania  
209 annonam triticum ordeum

provas quotidianas, de dia para dia mais confirma e mostra 185  
ter: Hebro<sup>16</sup>, Reno, Danúbio, Don, terríveis só nos nomes,  
Tigre, Eufrates. Acrescente-se ainda o Nilo, cantadíssimo  
por homens muito doutos, do qual se contam muitas coisas  
poéticas e fabulosas, mais do que históricas.

E que ninguém se admire se este nosso rio não tiver 190  
sido celebrado tão largamente pelos escritores antigos, como  
aqueles que nomeei! Na verdade, como todas as coisas  
terrenas se transformam muitíssimo pela própria natureza,  
umas diminuem do seu estado inicial, decrescem e arruí- 195  
nam-se totalmente, outras, desse estado, crescem e aumen-  
tam contra a expectativa dos homens. Aquilo que acontece  
aos montes estáveis e firmíssimos por natureza, quanto  
mais não acontecerá aos rios que fluem e mudam. No  
tempo dos antigos não corria tão benéfico, tão fértil, tão  
rico, como corre nesta nossa época.

Pois que é pequena a distância que separa a cabeça 200  
dos pés, a Hispânia é seu princípio e origem, a Hispânia  
é o seu limite. Nasce na Bética Cartaginense<sup>17</sup>, vem, tran-  
quilo, para a Lusitânia, para aquela parte do reino onde a  
mais opulenta cidade entre as mais opulentas, Lisboa,  
é lavada pelo oceano ocidental com o seu fluxo e refluxo.  
Calcula-se que Lisboa fica à distância de quase quarenta mil 205  
passos desta felicíssima vila<sup>18</sup>.

Daquela cidade afluem sem descanso comerciantes e  
mercadores incontáveis, em suas embarcações de trans-  
porte. Daqui levam a variada colheita anual: trigo, cevada,  
vinho, azeite, carnes, couros, queijos, linho, cordas de 210  
cânhamo e muitas coisas desta espécie necessárias à vida.  
Com elas satisfazem os que vivem na região boreal, Ger-  
manos, Ingleses e Bretões, e, na região austral, Fenícios,  
Assírios, Indianos e diversas ilhas do oceano. E como

australi plaga uiuentes, Phoenices, Assyrios, Indos et  
diuersas oceani insulas satiant. Et cum hoc Sancterenae  
215 oppidum in meliore totius regni situm sit parte et iter a  
nominata urbe uenientibus tum terrestre tum flumineum  
existat, iustissimam ob causam uenire quotidie non cessant.

Carpat me licet aliqui, dicam quod sentio, et siquis  
contra senserit, erit a ueritate alienus.

220 Ex multis urbibus quas per magnam orbis partem  
uagatus uiderim, nulla me in maiorem stuporem, non  
dicam admirationem, adduxit quam Venetiarum urbs,  
utpote inter aquas, et praeter naturam, et a mundi pri-  
mordio praeter confirmatam consuetudinem fundamentis  
225 ualidis aedificata sublimibusque erecta fastigiis et plus credi-  
bili ornatissima.

Sed siquis diligentius scrutabitur non erit urbs illa unica  
(cum uenia loquor) cum hac nostra ullo pacto conferenda.

230 Accepi a quibusdam prudentioribus uenetis cum illic  
quondam essem urbis tantae initium a mille et trecentis aut  
paulo plus annis exstitisse. Quippe cum piscatores aptis-  
simum ad piscandum locum comperissent tuguria quaedam  
primo cannis herbisque sibi parauerunt deinde perticis,  
235 tigillis tabulisque casulas erexerunt postmodum aucta multi-  
tudine lapidibus domos aedificauerunt adeo ut infra dictum  
temporis spatium Venetiarum urbs opus necubi uisum  
auditumue aut lectum concernatur.

At in oppidi quale est Sancterenae aedificatione quot  
annorum milia excurrerent, ut in tam alto situ tamque  
240 salubri aere cum latissimo fertilissimoque campo, tali  
tantoque fluuio Tago interlabente erigeretur? Centum  
annorum milia et ultra cum totidem operariis hominibus

---

213 phoenices assyrias indos

222 stuporem non dicam admirationem

233 perticis tigillis

239 excurrerent? ut

esta vila de Santarém está situada na melhor parte de todo o reino e existe caminho terrestre ou fluvial para os que vêm da dita cidade, com justíssima razão, não cessam de vir todos os dias. 215

Ainda que alguém me censure, direi o que sinto, e, se alguém sentir o contrário, estará fora da verdade.

Das muitas cidades que vi, vagueando por grande parte do globo, nenhuma me causou maior espanto, não direi admiração, do que a cidade de Veneza, visto que foi edificada com fortes alicerces entre as águas, contra a natureza e contra o costume confirmado desde o princípio do mundo, e erigida comt elhados sublimes e muito ornamentada, mais do que é acreditável. 220 225

Mas se alguém procurar com mais cuidado, não será aquela cidade sem par (com consentimento o digo) de algum modo comparável com esta nossa.

Ouvi dizer a alguns venezianos mais doutos, pois outrora estive lá<sup>19</sup>, que a fundação de tão grande cidade tinha sido há mil e trezentos anos ou pouco mais. Com efeito, como os pescadores tivessem descoberto que era lugar muito propício à pesca, prepararam para si primeiro algumas cabanas com canas e ervas, levantaram depois choupanas com estacas, ripas e tábuas<sup>20</sup>; em seguida, quando a população aumentou, construíram casas de pedra, de tal modo que para lá da referida data não surge a cidade de Veneza como obra que em parte alguma se veja, de que se oiça ou leia. 230 235

Mas na edificação da vila de Santarém, tal como é, quantos milhares de anos correriam, para que fosse erigida em tão elevada posição e ar tão saudável, com campo tão vasto e fértil, por onde desliza tal e tão grande rio, o Tejo? Cem milhares de anos e mais ainda, com outros tantos operários, não seriam suficientes, porque é obra da natu- 240

satis non essent, quoniam naturae rerum parentis opus est,  
Venetiaram autem artificum.

245 Ergo quanto eminentior est artificio natura ipsa, tanto  
Sancterena Venetiis excellentior.

Quapropter conuenientissime quidam nostri temporis  
nouus uates hunc locum aquilae in medio aere pansis et  
apertis alis stanti, terramque superbe despectanti assimi-  
250 lauit: pectore et rostro elata campum, flumen, fluentaque  
ut edat et bibat, circumspectat. Alis geminis densissimas  
fecundissimasque utrinque uineas operit et defendit, longis-  
sima cauda diffusissimas oliuas intuetur et seruat.

Aut de Sancterena et ipsius spectatore sic dicerem:  
255 ueluti siquis senex pulcherrimam modestissimamque  
puellam adamet, eiusque amore flagret ardentissime. Quo-  
cumque tempore, quocumque loco, quocumque modo  
illam, ornatam inornatamue, capillatam tonsamue, fronte  
aduersa uel a tergo, a dextro uel a sinistro latere uiderit,  
260 gaudet spectare, nec corporis mentisque oculos spectando  
satiare, nec ab ea intentissimus laetissimusque nisi cum  
molestia potest auertere.

O agrum saluberrimum! O agrum omnibus agris  
anteponendum! O agrum nullo pretio aestimandum,  
265 nullo bono quamuis magno commutandum!

Ter in anno uernat. Tres mediocriter cultus donat  
prouentus. Primo frumentum, secundo hordeum, tertio  
miliu.

270 Prope uero campum inter frutices apri non desunt  
frendentes, non damae, non cerui capreolique leuissimi.

Aues quoque omnium generum coloris modique  
diuersissimi cateruatim totius anni tempore conspiciuntur.  
Partim pascentes rostroque terram fodientes, partim iacen-

---

250 eleta  
257 loco. quocumque  
264 estimandum. nullo  
270 frendentes non dame non

reza, mãe das coisas, ao passo que a cidade de Veneza é obra de artífices.

Quanto mais eminente, pois, é em artifício a própria natureza, tanto mais excelente é Santarém do que Veneza. 245

Por isso, com muita propriedade, um poeta recente <sup>21</sup>, do nosso tempo, comparou este lugar a uma águia <sup>22</sup> pairando no ar, com as asas desdobradas e abertas, olhando a terra com soberba: com o peito e o bico observa do alto o campo, o rio e as correntes para comer e beber. Com as duas asas cobre e protege de um e outro lado densísimas e fecundíssimas vinhas, com a cauda longuíssima vigia e guarda as oliveiras muito difundidas <sup>23</sup>. 250

Ou de Santarém e do seu contemplador assim diria eu: é como um velho que ande apaixonado por uma rapariga muito bela e modesta e se abraça muito ardentemente no seu amor; em qualquer ocasião, em qualquer lugar, de qualquer modo que a veja, enfeitada ou não, de cabelos compridos ou curtos, de frente ou de costas, do lado direito ou do esquerdo, deleita-se a contemplá-la e não pode saciar, a observá-la, os olhos do corpo e do espírito, nem, embevecido e feliz, dela os pode desviar sem pesar. 260

Ó campo tão saudável! Ó campo preferível a todos os campos! Ó campo em nenhum preço avaliável, por nenhum bem, por grande que seja, comutável! 265

Três vezes no ano floresce <sup>24</sup>. Pouco cultivado, produz três colheitas. Na primeira, trigo; na segunda, cevada; na terceira, milho.

E perto do campo, entre os arbustos, não faltam javalis rangedores, corças, veados e cabritos muito ágeis. 270

Também se vêem aves de todos os géneros de colorido e dos mais diversos tamanhos, aos bandos, em todas as épocas do ano. Umam alimentam-se, escavando a terra com o bico, outras estão em repouso, estas voam, aquelas

tes, hae uolant, illae arboribus, uel in fluminum ripis  
275 insidunt, quae cantu clangoreque uario se in uicem salutant,  
aut dissensionem bellumque sibi ipsis minantes acuunt.

Non memoro apium copiam, ceram et mel consti-  
pantium, hyblaeis atticisque et utiliorum et plurium.

Quae omnia ex alto Deus ad Principum Portuga-  
280 lensium, et ad tui ipsius ante omnis, quam a rerum  
creatione horum regnorum Dominam futuram esse praeui-  
derat solacium delectationemque prouidentissime creauit,  
creataque decentissime diffudit, diffusaque liberalissime  
concessit.

285 Quicumque inter tantas honestissimas delicias uiuere,  
cum possit, recusat, singulare bonum perdit in uita.

Quid dicam? Volucres feraeque bestiae multo melius  
huius loci felicitatem nouerunt quam homines. Grues  
singulis annis sedem mutare solitae, aeris solique bonitate  
290 conuictae, naturam frangunt: hic hyemem, hic aestatem  
transigunt, nidificant, commorantur, uiuunt, moriuntur.  
Istud idem de ciconia affirmant agricolae, quod est  
mirandum et notatu dignissimum. Quid philomela?  
Nonne quolibet anni mense hic concinit, cum alibi in  
295 uere tantummodo canere consueuerit?

Non ab re mihi uisus sum quaedam minutissima  
sigillatim uulgare, sine quibus ne magnae quidem res satis  
decenter possunt exsistere.

Non enim indigenis narramus haec, non tibi morta-  
300 lium sapientissimae. Quae etsi nunc primum huc aduenias,

---

274 iacentes. he

280 omnis: Quam

288 homines: Grues

290 frangunt. hic

291 transigunt. nidificant

292 agricole. quod

293 dignissimum: Quid philomena?

294 concinit? cum

estão pousadas nas árvores ou nas margens dos rios e com canto e gritos estridentes, variados, saúdam-se à vez, ou com provocações instigam-se à discórdia e à luta. 275

Não falo da abundância das abelhas, que juntam a cera e o mel, mais úteis e mais numerosas do que as do Hibla ou da Ática <sup>25</sup>.

Todas estas coisas criou Deus, lá do alto, com muita providência para conforto e deleite dos príncipes portugueses e, antes de todos, para vosso próprio, pois tinha previsto desde a criação do mundo que havíeis de ser senhora destes reinos, e, uma vez criadas, distribuiu-as muito sabiamente, e distribuídas elas, muito liberalmente as concedeu. 280

Quem quer que, podendo viver entre tão grandes e tão honestas delícias, o recusa, perde na vida um singular bem. 285

Que hei-de dizer? As aves e os animais selvagens conhecem a ventura deste lugar muito melhor do que os homens. Os groux, que costumam mudar o seu poiso todos os anos, convencidos da excelência do ar e do solo, desrespeitam a natureza: aqui passam o inverno, aqui passam o verão, fazem ninho, habitam, vivem e morrem. Isto mesmo afirmam os agricultores a respeito da cegonha, o que é de admirar e muito digno de ser notado. Que direi do rouxinol? Não canta aqui em qualquer mês do ano, quando noutros lugares costuma cantar apenas na Primavera? 290 295

Não creio fora de propósito divulgar uma a uma coisas de pequena importância, sem as quais nem sequer as grandes podem existir como convém.

Com efeito, não narramos estas coisas para os naturais da região, nem as narramos para vós, a mais sapiente dos mortais. Vós, ainda que agora aqui chegueis pela primeira 300

adeo tamen res omnis calles, adeo humana diuinaque  
intelligi, ut longe latius haec tuae sapientiae quam loci  
cultoribus patefiant, sed externis et ignotis propalamus,  
305 utque nostro officio quod est laudanda merita laude laudare  
fungamur.

An fortasse pro diuini nominis cultu domus desunt  
aptissimae, quales uix in aliqua christianorum urbe repe-  
riantur? Duodequadragesima, in quibus diurnis noctur-  
nisque horis solemnissime diuinum celebratur officium,  
310 instituto sacrificio nunquam praetermisso, excellunt. Ex  
quibus septem illas loci moenibus cohaerentes non pigebit  
explicare. Inprimis ex aquilonis parte Beatae Clarae monas-  
terium, uetustum, sublime et nulli postponendum; mox  
Francisci, Trinitatis, Spiritus Sancti, Dominici fratrum,  
315 Dominici uestalium templum conspicitur, quae singula  
in eadem planitie continuata, ueluti septem procerissimae  
lauri pulchra serie consitae, lapidis fere iactu distantia,  
suisque organis resonantia, regio palatio e regione eminent-  
tissimo concentum praebent suauissimum.

320 Nec desunt quocumque pergas herbae nullo cultore  
nascentes, tum cibo conuenientes, tum humano corpori,  
tamquam optimae medicinae, salubres.

An fontium nitidissimae dulcissimaeque aquae et puteo-  
rum semper manantium et scaturientium desiderantur? In  
325 quamcunque partem se uerterit abstemius sitim nec per  
horae dimidium nec per momentum sustinebit.

Atque haec naturae commemorata commoda non  
longo distant itinere. E fenestra quiuis sancterenensis uel  
turri obambulans, quae superius commemorauit, laetus  
330 gaudensque uel maestus prospiciet.

---

313 postponendum. mox

315 conspicitur. que

316 continuata. ueluti

329 ob ambulans

330 prospiciet: Nemo

vez, todavia, de tal modo tudo conheceis, de tal modo compreendeis as coisas humanas e divinas, que estas se revelam de longe mais abertamente à vossa sabedoria do que aos habitantes do lugar; mas é para os estrangeiros e ignorantes que as divulgamos e para cumprirmos o nosso dever, que é louvar com merecido louvor aquilo que deve ser louvado.

305

E faltam porventura casas muito apropriadas ao culto do nome de Deus<sup>26</sup>, como difficilmente se encontram em alguma cidade de cristãos? Distinguem-se trinta e oito<sup>27</sup>, onde de dia e de noite se celebra com muita solenidade o ofício divino, sem uma omissão desde que foi instituído o sacrifício. De entre todas não será enfa- donho referir em especial aquelas sete<sup>28</sup> que estão junto dos muros da vila. Antes de tudo, do lado do Aquilão<sup>29</sup>, o mosteiro de Santa Clara<sup>30</sup>, antigo, sublime, a nenhum deve ser considerado inferior; logo depois, vêem-se o templo de S. Francisco<sup>31</sup>, o da Trindade<sup>32</sup>, o do Espírito Santo<sup>33</sup>, o dos Frades<sup>34</sup> e o das Freiras de S. Domingos<sup>35</sup>. Um após outro se continuam no mesmo planalto, como sete loureiros altíssimos implantados em bela fileira, à distância quase de um arremesso de pedra, e fazendo ouvir os seus órgãos, proporcionam uma suavíssima harmonia ao palácio real que se ergue em frente.

310

315

E não faltam, para qualquer lado que se vá, ervas que nascem sem cultivador, próprias para a alimentação e salu- tares para o corpo humano, como os melhores remédios.

320

Porventura há falta das águas mais límpidas e mais doces, de fontes e de poços sempre a jorrar? Para qualquer parte que se dirija, o abstémio não conterà a sede por meia hora nem por um momento.

325

E não distam longo caminho os benefícios da natu- reza acabados de mencionar. Da janela, ou andando à volta do castelo, qualquer habitante de Santarém, alegre e satisfeito ou triste, verá o que acima referi.

330

Nemo externorum est, quos ego compellarim, qui cum primum huc aduentarint, qui non idem quod ipsemet sentio, senserint ac saepissime loci ubertate salubritateque capti domicilium sibi parant, et ad extremum usque diem  
335 tranquillissime permanent.

Quin etiam hunc esse unicum sub sole locum pluribus rationibus contenderem. Omnis lusitanus princeps Vlyx-bonae uel Eborae uiuens, maximus ut est spectantibus uidetur. At Sancterena degens si ex ea in Almerim  
340 descendat, uel item ex Almeri sublimem illam conscendat, non maximus princeps, sed tanquam uerus et glorificatus Deus, angelis comitantibus, in terras labi, et inde in caelos redire non falso iudicatur. Idque loci positione, non comitantium multitudine apparet, quae semper et ubique  
345 eadem fere lusitanum comitatur principem.

Denique una sententiola rem arduam finiam.

Omnes Lusitaniae urbes, oppida, castra, ac uillae membra sunt corpus, hoc est, regnum conficiencia. At Sancterena totius corporis, hoc est, regni anima est conseruatrix.

350 Nec solum ego noue et oppidani propriae patriae amore forte decepti huius sumus sententiae, sed alienigenae exteraeque nationes hoc idem sentiunt, approbant et confirmant.

Et cum antea peregrino et arabico appellaretur  
355 uocabulo propter cliusum sublimem aditum Scalabi seu Calabicastrum quod idem significat scala est castrum, ubi uero ex Nabantia, nunc Tomario, uirginis et martyris Herenae corpus per se delatum ad inferiorem loci partem prope ripam substitit, Sancterena a uirginis nomine appel-

---

342 labi. et

344 apparet. que

347 oppida. castra

356 castrum. ubi

357 Nabantia nunc Tomario

359 substitit Sancterena

Dos estrangeiros com quem falei, não há nenhum que aqui tenha chegado pela primeira vez, que não tenha sentido o mesmo que eu próprio sinto e, muitíssimas vezes, seduzidos pela fertilidade e salubridade do lugar, aqui se instalam e muito tranquilamente permanecem até ao último dia. 335

Mais ainda, que é lugar único sob o sol, o afirmaria eu por várias razões. Todo o príncipe lusitano, quando vive em Lisboa ou em Évora, parece, a quem o observa, o maior, como de facto é. Mas habitando em Santarém, se daí descer para Almeirim ou de novo subir de Almeirim à famosa vila, lá no alto, com razão se julga que não é apenas o maior príncipe, mas que, como um verdadeiro e glorificado deus, desce à terra em companhia dos anjos e volta depois aos céus. E isto acontece pela posição do lugar, não pela multidão de acompanhantes, que sempre e por toda a parte segue, quase a mesma, o príncipe lusitano. 340 345

Concluirei, enfim, com uma pequena sentença esta árdua matéria.

Todas as cidades, vilas, aldeias e povoações da Lusitânia são os membros que compõem o corpo, isto é, o reino. Mas Santarém é, de todo o corpo, isto é, do reino, a alma defensora.

E não só eu recentemente, e os seus habitantes, talvez enganados pelo amor da própria pátria, somos desta opinião, mas nações estranhas e estrangeiras isto mesmo sentem, aprovam e confirmam. 350

E como primeiro tivesse um nome estrangeiro, árabe, Scalabi ou Calabicastrum, que significa escada da povoação<sup>36</sup>, por causa do acesso íngreme e altaneiro, quando de Nabância, hoje Tomar, o corpo da virgem e mártir Herena [Iria], vindo por si para a parte inferior do lugar, parou junto à margem, do nome da virgem se chamou 355

360 lata est, detracta in compositione aspiratione, syllabaque  
producta in correptam ascita. Herena graece aerea latine  
et caelestis apte interpretari posset. Vel quia Deo firmissime  
haeserit, ab haerendo. Cuius uirginis casus sexcentesimo  
365 quinquagesimo tertio a salutifero nati Verbi anno contigit.  
Cumque latae et diffusae sit haec ciuitas iurisdictionis  
multaque sub se contineat loca, Almeris in medio campi  
cum excelsa turri castellum uolanti aquilae Tago medio  
oppositum est. Quo nil melius uoluptuosius et ad repa-  
370 aptius inueniri. Opus a primo Ioanne clararum rerum  
auctore Septaeque urbis africanae expugnatore cogitatum.  
Quod a descripto oppido per duo miliaria duobus, Tago  
Apiastroque, mediis fluminibus distat. Philippa uxor  
anglica ob singularem castris amoenitatem consentiente uiro  
375 suae patriae nomine Almerim appellauit. Quae uox licet  
nec romana nec graeca sit, quia tamen lingua illa totum  
designat solacium, cunctis gentibus in hodiernum usque  
diem noua perplacuit impositio.

Plura et multo pluribus plura, si uacaret, haberem  
380 commemoranda. Sed iam sit finis. Si prius illud dixero:  
Vniuersos populos ratione suadente supplices et toto  
corde debere Deum ipsum dies noctesque orare, ut pientis-  
simo christianissimoque Regi, pientissimae christianis-  
simaecque Reginae (a quibus nostra nostrorumque libe-  
385 rorum salus, status, honor, quies et ipsa demum uita  
prorsus pendent) felicitatem augeat in dies et sobolem  
multiplicem in aeternum duraturam largiatur.

---

366 loca Almeris

373 duobus Tago Apiastroque mediis

376 sit quia

377 solatium cunctis

380 illud dixero.

383 regi pientissime

385 salus status honor quies

Santarém, depois de tirada em composição a aspiração e 360  
abreviada a sílaba longa. Herena em grego poder-se-ia  
interpretar convenientemente como «aérea» e em latim  
também como «celestes». Ou de *haerere*, por se ter unido  
muito firmemente a Deus <sup>37</sup>. A morte desta virgem aconte-  
teceu no seiscentésimo quinquagésimo terceiro ano depois  
do ano salutar do nascimento do Verbo <sup>38</sup>.

E possuindo esta cidade vasta e extensa jurisdição, 365  
tendo na sua dependência muitas localidades, o castelo de  
Almeirim, no meio do campo, com a sua alta torre ergue-se  
fronteiro à águia que voa, ficando o Tejo de permeio <sup>39</sup>.  
Nada melhor, mais agradável e propício a recuperar a  
tranquilidade de espírito e a afastar a tristeza. Obra pla-  
neada por D. João I, autor de feitos notáveis e conquista- 370  
dador da cidade africana de Ceuta <sup>40</sup>. Da vila descrita  
dista dois mil passos, ficando no meio dois rios, o Tejo  
e o Alpiarça <sup>41</sup>. Filipa, a esposa inglesa, com o acordo do  
marido, chamou-lhe Almeirim, com um nome da sua  
pátria, pela singular amenidade da povoação <sup>42</sup>. Ainda que 375  
esta palavra não seja grega nem romana, todavia porque  
naquela língua designa todo o conforto, a nova denomi-  
nação agradou a todos até ao dia de hoje.

Mais e muito mais com mais pormenores teria para 380  
recordar, se tivesse tempo. Mas seja já o fim da oração,  
depois das palavras seguintes:

Todos os povos — a razão o aconselha —, suplicantes  
e de todo o coração, devem implorar dia e noite o próprio  
Deus para que àqueles de quem totalmente dependem a  
segurança, posição, honra, tranquilidade e, enfim, a própria  
vida, nossas e de nossos filhos, ao pientíssimo e cristianíssimo 385  
rei, à pientíssima e cristianíssima rainha aumente a felicidade  
de dia para dia e conceda numerosa descendência que dure  
para sempre.

## NOTAS

<sup>1</sup> O eminentíssimo vate é Virgílio que usa este verso, como invocação, por duas vezes, na *Eneida* (VII, 641; X, 163).

<sup>2</sup> Cícero, natural de Arpino.

<sup>3</sup> Forma de cumprimento usada em Portugal. (Vd. A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 63 e nota 19).

<sup>4</sup> A Virgem Maria.

<sup>5</sup> A palavra *subleuatrix* não está registada nos dicionários. Cataldo formou-a a partir do verbo *subleuo* com o sufixo de agente para o feminino *-trix*.

<sup>6</sup> Cf. o que diz DAMIÃO DE GÓIS, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte IV, p. 55: «Foi ha Rainha... muim honesta em todas suas praticas, de que has mais eram de cousas divinas, muito caridosa, & dada a emparar horphãos, & veuvas a que fazia muitas esmolas pera se sustentarem...»

<sup>7</sup> Palavra forjada por Cataldo a partir de *Caesar*. (Vd. M. BEATRIZ SILVESTRE, *ob. cit.*, p. 347, nota 112).

<sup>8</sup> Em carta a D. Manuel, em que faz a exaltação da empresa marítima (*Epistolae I, A v v.º*), Cataldo repete esta mesma ideia: «Debet itaque, diuinissime Rex, Maiestati ac potius Sanctitati Tuae tota christianitas, unice qui orientem occidenti coniunxisti...».

(Vd. M. ISABEL LIMA PEREIRA, *ob. cit.*, carta I, 1).

<sup>9</sup> O Tejo tinha fama, na Antiguidade, de transportar ouro.

Cf. «De Obitu Alphonsi Principis, liber primus», *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo VI, II parte, p. 67, em que Cataldo qualifica o Tejo de *Chrysofer*.

<sup>10</sup> Palavra que não está registada nos dicionários. Foi formada a partir de *gerulus*, com o sufixo *-arius*.

<sup>11</sup> «Nec... non Eridanum»: não faz sentido. Possivelmente, um erro tipográfico substituiu *ac* ou *at* por *nec*.

<sup>12</sup> Nome que designa nos poetas latinos o rio Pó, o maior rio da Itália. Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas* I, 481-483:

«Proluit insano contorquens uertice siluas  
Fluuiorum rex Eridanus, camposque per omnes  
Cum stabulis armenta tulit».

<sup>13</sup> Também do Ganges, rio da Índia, se dizia na Antiguidade que transportava ouro.

<sup>14</sup> Hermo, rio da Lídia na Ásia Menor, é afluente do Pactolo; do ouro de um e outro fala Virgílio:

«Nec pulcher Ganges atque auro turbidus Hermus  
Laudibus Italiae certent;...»

(*Geórgicas* II, 137-138)

e

«Te quoque magnanimae uiderunt, Ismare, gentes  
Vulnera dirigere et calamos armare ueneno  
Maeonia generose domo, ubi pinguis culta  
Exercentque uiri Pactolusque irrigat auro.»

(*Eneida* X, 139-142)

Maeonia é o nome antigo da Lídia.

<sup>15</sup> Também Virgílio qualifica o Ádige, rio da Itália do Norte, de *amoenum*:

«...Athesim ... amoenum»

(*Eneida* IX, 680)

<sup>16</sup> Rio mais importante da Trácia.

<sup>17</sup> O rio Tejo nasce na Serra de Albarracim, na região de Espanha que se enquadrava na Cartaginense, divisão administrativa tardia da Península romana. Seria mais exacto dizer que nasce na Tarraconense.

<sup>18</sup> Cataldo menciona uma distância, cerca de 60 Km, menor do que a realidade — 70 km.

<sup>19</sup> Nos provérbios que enviou ao príncipe D. Afonso, Cataldo refere também a sua estadia em Veneza: «Venetiis cum essem...» (*Epistolae* I, H v v.º).

<sup>20</sup> Aqui floresceu a civilização das *terramare*, que se estendeu por toda a região do Pó. As casas eram construídas sobre estacas em terra firme, rodeadas por um fosso e um muro defensivo. Desenvolveu-se esta civilização de 1300 a 1200 a. C.. (M. ALMAGRO BASCH, *Manual de Historia Universal*, tomo I, Prehistoria, pp. 761-762).

A datação de Cataldo é de mil e trezentos anos anteriores a si.

<sup>21</sup> Segundo o Prof. COSTA RAMALHO, esse poeta é o próprio Cataldo.

<sup>22</sup> Ver a discussão sobre *aquila* em Cataldo, na Introdução, pp. 17-30.

<sup>23</sup> Cf. «De Obitu Alphonsi Principis liber primus». *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo VI, II parte, pp. 67.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 72:

«Bis, terque, interdum quater ipso uernat in anno»

<sup>25</sup> Era célebre o mel das abelhas do monte Hibla, na Sicília, e o do monte Himeto, ao Sul de Atenas.

<sup>26</sup> *Aptus* constrói-se normalmente com dativo ou com *ad* e acusativo.

<sup>27</sup> Eram muito numerosas as igrejas e ermidas de Santarém e é difícil avaliar o seu número exacto neste tempo. Rondava, pelo menos, a casa das trinta, como se conclui da enumeração que delas faz VERÍSSIMO SERRÃO, em *Santarém. História e Arte*.

<sup>28</sup> Cataldo fala em sete, mas refere apenas seis.

<sup>29</sup> Vento norte.

<sup>30</sup> Fundado no séc. XIII por vontade de D. Afonso III, este convento gótico, situado no cimo do Mont'Írás, foi considerado o mais importante mosteiro da Ordem de Santa Clara em todo o reino. (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, pp. 102-103).

<sup>31</sup> Vizinho do convento de Santa Clara e construído junto do da Trindade, no reinado de D. Sancho II, foi protegido pelos reis D. Afonso III, D. Dinis e muito especialmente por D. Fernando. Aqui estão os túmulos de nobres de várias famílias, entre os quais o do primeiro marquês de Vila Real. (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, pp. 101-102; Vd. também A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 65).

<sup>32</sup> O mais antigo convento de Santarém; a sua fundação data do início do séc. XIII.

<sup>33</sup> Entre as ermidas anexas à igreja do Salvador, VERÍSSIMO SERRÃO refere uma ermida do Espírito Santo, fundada em 1498 — já no reinado de D. Manuel portanto — que se prolongava nas traseiras até ao convento da Trindade. (*Ob. cit.*, p. 116).

<sup>34</sup> Fundado por volta de 1225, «veio a ser o primeiro convento dominicano de todas as Espanhas». (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, p. 98).

<sup>35</sup> Foi fundado em 1240, para a Ordem de Santo Agostinho, e daí conservaram as religiosas a designação de Donas, mesmo depois de, em 1287, terem adoptado a Ordem de S. Domingos. (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, pp. 100-101).

<sup>36</sup> *Scalabi* ou *Calabicastrum* não tem origem árabe, nem se liga ao latim *scala* como supõe Cataldo. A lenda céltica da fundação da vila faz derivar o seu nome do príncipe Abidis, que aqui teria passado os primeiros anos; *Esca-Abidis* quererá significar «manjar ou iguaria de Abidis». Tomou a povoação o nome de *Scalabicastrum* quando

Octávio pacificou a Península e a dividiu em quatro conventos jurídicos, sendo um precisamente o de Santarém. *Calabicastrum* deriva de *Scalabicastrum*, por aférese. Era esta a denominação da vila quando foi conquistada pelos Visigodos. (Vd. J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, pp. 16-17).

<sup>37</sup> Cataldo identificou *Herena* como palavra grega, mas o conhecimento que tinha daquela língua não era suficiente para chegar ao seu significado — *paz*. (Vd. A. COSTA RAMALHO, *ob. cit.*, p. 39).

Explica-a, fazendo-a corresponder ao latim *aerea* e atribuindo-lhe, como alternativa, origem no verbo latino *haerere*.

<sup>38</sup> É no ano 653 que os Visigodos se assenhoreiam de Santarém. Por essa altura se dera o milagre (em 631 ou 632, informa PINHO LEAL, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 8, p. 466). Recesvindo, rei visigodo que se convertera ao cristianismo, é o responsável pela mudança de designação. (J. VERÍSSIMO SERRÃO, *ob. cit.*, p. 17).

O milagre de Santa Iria vem narrado por ALMEIDA GARRETT em *Viagens na Minha Terra*, cap. XXX.

<sup>39</sup> Cf. «Est locus Almerim lato pulcherrimus agro  
Oppositus medio flumine Sancterenae.»

(*Cataldi Visionum Quartus*, D v)

Por outro lado a «uolans aquila» é Santarém. Cf. a Introdução, pp. 22-23.

<sup>40</sup> A fundação de Almerim é atribuída a D. João I, em 1411. Aqui mandou construir este rei um palácio que foi depois ampliado por D. Manuel. Era lugar de predilecção da corte, que se entregava à caça nas suas coutadas.

<sup>41</sup> *Apiastar* deve querer designar a ribeira de Alpiarça que entre Almeirim e Santarém corre paralela ao Tejo.

Não corresponde à realidade (sete quilómetros) a distância entre as duas localidades apontada por Cataldo — cerca de três quilómetros.

<sup>42</sup> Mais um erro de Cataldo em explicações etimológicas. A palavra é de origem árabe e não inglesa. PINHO LEAL, *ob. cit.*, vol. I, p. 148, diz que a localidade foi fundada por D. João I «em um sitio a que os mouros chamavam já Almeirim (nome próprio de homem)».

(Página deixada propositadamente em branco)

FOTOCÓPIAS

(Página deixada propositadamente em branco)

¶ Epistole et orationes que  
dam Cataldi siculi.

¶ Cataldus petro menesio  
Comiti alcorum. S.



Altheus quidā: cognomine sicul<sup>o</sup>: re vero ipsa: in media nat<sup>o</sup> cala  
brya: solet enī gēs ea libēter hoc sibi vsurpare: i minutissimo opu  
sculo multa se de variis: magnisq; reb<sup>o</sup> volumina cōposuisse testa  
bat. illozū titulos tantūmodo illie notādo. Que cū diligēter pquirere para  
ui: nec ea repperi: nec vsq; esse a quoq; audiui. Ipsum cōueni: hominē bo  
ni sane ingenij: aspectu grauē: senectuti potius q̄ iuuetuti. p̄pinquū. Arbi  
trat<sup>o</sup> sū oīa ab illo aucupāde inanis cuiusdā fame gratia cōficta. Atq; hoc  
nō aliter detractare sit: q̄ si verū proferre: detractare sit. Eadem fere ratio  
ne credo te motū sepe dixisse: a me aliquid soluta oratiōe cōpositū desidea  
re: vt oculis cognosceres q̄ corā aliq̄ndo me scriplisse nō negaui. Nec te: nec  
quēuis aliū moueat epistola illa ad emanuelē regē: qua me homerū libro  
rū numero cōsecuturū significo. Legisti enī magnā illius operis partē. Si  
moris paucissimis āms cataldo annica extiterit: qd̄ forte arrogāter nimis di  
ctū quisq; putat: verū experiet. Iditū igit̄ q̄ potui ex tot perditis solute scri  
pta colligere: q̄ tua ne ip̄o: tūitate: an mea poti<sup>o</sup> volūtate: et an in tenebras  
magisq; in lucē. p̄deāt: nō ausim dicere. scio si noluisse: nō edidissem. Vale.

¶ Oratio habita a cataldo in aduentu i Delisabet  
principis portugalie: ante ianuā vrbis ebure.



Ecce lur mūdi tandē apparuit: ecce lur mūdi tā  
dē effulsi: ecce lur mundi tandē aduenit: que lō  
go tēpore nō sine marimo omniū gētū dolore  
latuit: que lur a deo clara: a deo splēdida: a deo  
potēs est: vt omne oculoꝝ meoꝝ acūmē itūēti  
mibi suis radius eripiat: auditū minuat: linguā  
dicēti torpere: mentē vero omnē prosus faciat  
hebescere. Quid dicā: qd̄ agam: quo me verrā:  
nescio. i Nunc nūc vellē clarissima lur: licere ora  
torib<sup>o</sup>: qd̄ poetis licet: in principio operū numē aliqd̄ inuocare. Ego enī nō  
vni<sup>o</sup>: aut p̄hebi aut calliopes: sed omniū deoꝝ auxiliū implorarem. In his  
paucissimis: q̄ ciuitatis ebure nomine celsitudim tue expositur<sup>o</sup> venio. Im  
mo vt christiane loquar ad deū ipsuz oim rerū conditorē: que trinū et vnū  
credim<sup>o</sup>: cōfugerē. Quinenā tāta est nūc mētis mee trepidatio: tāta animi

caligo: tāta cōfusio et claritatis tue aspectu meis viscerib<sup>9</sup> ero: ta: vt: salua  
 pace nullozū deozū: nullarū de arū memor erustā: sed tantūmodo: numinis  
 tui incredibilē vigore pauidus stupidus: trepid<sup>9</sup>: territus: et vit pedib<sup>9</sup> me  
 sustinēs mecū ipse contēploz: quādoqdē formosissimi corpōis figurā pre  
 iminēso splēdore (vt desidero) intueri nequeo. Terrēt etiā me animi tui inn  
 mere virtutes: quarū (vt publica fama est q̄ magis excellat in te difficile est  
 iudicare. Et certe licet nō nihil parat<sup>9</sup>: p̄meditatusq; ad dicendū venerā:  
 viso tamē tāti sideris fulgore: statū qd̄ dicēdū p̄posuerā: e memoria ercidit  
 qd̄ cū p̄ideri: me quoq; hoc dedecore p̄ditū esse animaduerto. Arguant  
 me q̄ntū velit artis p̄ceptores. Arguāt inq̄ et corripāt: omnino aliqd̄ in  
 tāta necessitate numē iuocabo: malo enī in arte errare quā turpiter labi: et  
 miserrime perire. Te igitur serenissima lux iuoco: te iploro: tuū sanctissimū  
 numē erposco: iRedde precor oculis meis qd̄ mo aspectu surripuisti: iRed  
 de auditū: redde ligue loquēdi facultatē. iRedde mēti p̄stinū itelligēdi vi  
 gore: quē ob tuā repētūā claritatē dudū amiserā: Torus et arbitrio tuo pē  
 deo. Si p̄miseris: potero fortiter p̄sistere. Si abnueris ab incepto ignomi  
 niose cadā. Sed iā paulatī sētio clemētissima dñā refici mihi vires iā perdi  
 tas: et aliquātulā dicēdi facultatē ex tua benignitate p̄missioneq; recupe  
 rare. Quapropter: y quozū causa: et nomine hūc locū conscēdi: et ego quo  
 q; in marimū: celesteq; munus suscipim<sup>9</sup>. Gratulatur itaq; celsitudini tue  
 tota hec ciuitas mirifice: atq; manū obediētissime deosculatur: et te p̄ncipē  
 suā reuerentissime ercipit et conoscit: et cū ea ciuitates oēs horūq; regionū  
 oppida tota mente idē faciūt. Que vt expectatissima: desideratissimaq; oī  
 b<sup>9</sup> fueras: ita acceptissima carissimaq; āte omnia eristis. Nec vllō tēpore lu  
 sitana gēs ip̄rimis ātīquissima: nobilissimaq; vrbs hec tātū gaudij quātū  
 p̄fētū die animo cōcepit: quē diē illo: in quo a maurōzū manu liberata fuit  
 letiore: feliciorēq; esse ore: verbo: opere: vbiq; demonstrat. iNeq; id̄ i merito  
 Quid enī maius: quid nobilius: quid magnificentius altius: p̄ciosius: et  
 deniq; sanctū: tuo optatissimo aduētū i toto regno cōtigere poterat. Lerte  
 nihil. iNā si p̄ te meritis: virtutib<sup>9</sup>q; tuis maxima es: quāto magis faciēda  
 magis honorāda: amāda: ⁊ cūctis reb<sup>9</sup> p̄ferēda es: cū potētissimozū re  
 gū castelle sis filia? Quozū ferdinādū patrē siue in religione cū iustiniano  
 diuini cult<sup>9</sup> amātissimo: siue in imperij latitudine omniq; virtutū genere cū oc  
 tauo victoriosissimo: trāq̄llissimoq; imperatore cōpares (quāq; marim<sup>9</sup>  
 vterq; fuerit) lōge tamē maiore: supio: ēq; illis cōperies. iDelisaber vero ma  
 trē in ijs q̄ bello: paceq; p̄ multos ānos vltra femineū serū gessit: non tātū  
 dicā magnarū dñarū: reginarūq; supasse virtutes: sed diuini dearū excel  
 sisse gloriā ausim affirmare. De quib<sup>9</sup> cōmodio: dicendi: scribēdiq; locus

erigitur. **N**unc ad alia ad rem etiam tuam attinentia festinemus. **A**ccedit ad decorem orationēq; et maiestatis tue amplitudinē: **A**lphonsus: princeps gloriosissimus. **S**ponsus quidē tuus decentissim⁹: iohannis inuictissimi portugalie regis et lianoze regine filius. qui vt est vnicus fili⁹: ita in toto terrarū ambitu vnicus est princeps. **S**ive in eo elegantiā corporis: vires: habilemq; ad omnes honestas exercitationes dispositionē cōsideres: vere cōstanterq; dices: in huic vnū formādū: omnē sui vim naturam effudisse. **S**tatura procera: vultu virili: oculis vegetis: capillo flavo: colore candido rubore decentissime admixto. **D**eniq; tam bona corporis cōpositio est: vt phoebum alterū: nisi parentes nosceremus: esse illū proculdubio arbitramur. **I**n morib⁹ autem: ingenio: facultate: modestia: pietate: liberalitate: et ceteris animi dotibus: nullus vnquā non modo nostris: sed ne pacis quidem temporibus vilius: auditus ve aut lectus: in quorumuis aurozum libris: virozū prudentiū iudicio erant. **G**rauitas vero in illo tanta est: vt quicunq; dicit: quecūq; agit: nō velut a quindecim annozū adolescentulo: sed velut a catone sene proficiuntur. **N**ecq; hanc virtutū magnitudinem aliquis admirari debet: cum iohannes potentissimus rex illius pater: non humanitatis: sed diuinitatis vim a natura sit consecutus. qui adeo in omnium prudentia prouidus: in omni rerū cognitione expertus: in omni bonarum artuz disciplinarūq; vsu peritus est: vt ob tantam eruperantiā dei nutu e celo in terras clapsus ab omnib⁹ existimetur: vt omnes corrigat: omnes doceat: omnes emendet. **A**rtes liberales dicuntur septē: hic sapientissimus rex nō soluz omnes septem scire: verum etiā nouem: et eas nō didicisse sed per se inuenisse: secumq; a natura attulisse videtur. **S**ive quis cum illo de astrologia verbū faciat: nihil melius nosse videtur: q̄ astrologiā. **S**eu cum aliquo religioso de rebus diuinis incidat sermo: nemo in dubitationibus proponendis: solutionibusq; afferendis rege ipso subtilior. **E**undē in philosophia: et in quauis facultate se prestat. **O**mitto cosmographiā: omitto historias omnis: tum romanas: tum grecas: longe promptiores dilucidioresq; habet ijs ipsis: qui proprijs sunt dediti facultatib⁹. **N**ec pudet me mei ipsius testimoniu afferre. **E**ū aliquid aut carmine: aut soluta oratione compono: nullū rerum mearū meliorem emendatorē: castigatozēq; rege nostro inuenio. **A**udit enim libenter benignissim⁹ rex: et legit libentius lingue latine opera: quotiens opportuno tempore sibi offerūtur. **I**dem adeo summarū rerum scrutator est: vt in tam recenti etate ad indiam fere vsq; per maritimā meridiē plagam suis nauigijs transiretauerit: abditissimaq; loca nullo romanozū tempore adinuēta: immodicis sumptibus patefecerit:

multos quidem prave secte homines ad catholice fidei cognitionem conuer-  
 tendo. In rebus autem bellicis: in quibus ab adolescentia viuente diuo al-  
 phonso patre se exercuit: presertim in aphyricanis expeditionibus: quis dicit  
 in subeundo audacior: in conficiendo celerior: vnq̄ extitit: quem seu alexan-  
 dro magno: seu caio cesari (in quibus maxime claruerunt) opponas: aut  
 excellentiorem hunc: aut certe nulla ex parte dissidentem inuenies. nihil quā  
 tumuis magni honoris: emolumentiq;: quod domi: foris ve geratur: nisi  
 peractis prius solēniter sacris aggreditur. Illud in eo mirandum: notatu  
 q; dignissimū dare: aperte q; nimis perspicimus. Quod cum omnia crea-  
 ta naturaliter ipsa die senescant magis: noster vero rer prouidentia quadā  
 dei quotidie iunior: fortior: formosiorq; efficitur. Ut quid de serenissima re-  
 gina: principis matre dicā: De cuius laudibus satius esset tacere: q̄ quicq̄  
 breuiter diminuteq; dicere. Idic marcus tulli° latine: hic demosthenes gre-  
 ce facundie pater: dicendo deficerent. Siue quis eam a benignitate: siue a  
 māsuētudine: sagacitate: prudentia: omniq; animi cultu uelit cōmendare:  
 potius uerba credat sibi de futura: q̄ sententias. quibus suam illustret ora-  
 tionē. cuius tanta est ingenij uis: tum interpretando: tum legendo sacre pa-  
 gine ⁊ latine lingue volumina: mira quadam facilitate: uelocitateq; legen-  
 di: ut nō lectrix aut interpretatrix: sed interpretatorū: lectorūq; operu con-  
 ditrix esse censeatur. Si tam facilem: tāq; affabilem se omnibus nō preberet  
 de sibyllis aliquā nō ab re illam iudicaremus. Quauquā de sibyllis: alijsq;  
 doctissimis: que traduntur: minus credenda sunt: utpote in libris tam diu  
 redacta. Hanc tamē dominā quotidie uidemus: cernimus ⁊ manibus (ut  
 ita loquar) tangimus. De pulchritudine nihil refero. Cum apelles ipse: ⁊  
 parrhasius si fato aliquo reuiuiscerent: nec se uidisse: nec se huius forme si-  
 milem pinxisse faterentur. Et quicquid modo de patre socero: de matre so-  
 cru attigi: nō eos laudandi causa attigi: sed ad amplificationē: ornamentū  
 q; tuū illustrissima princeps adduri: que talem: tantumq; patrem: talem:  
 tantamq; matrem sponso medio adeptas sis. Idis igitur ⁊ tui animi bonis  
 nec non tantis parentibus decorata: nō ne es ⁊ ijs qui fuerunt ante hac: ⁊  
 qui hac sunt tempestate: qui ue futuri sunt: merito preferenda? nihil ad  
 pfectiōis tue cumulū: nisi hec sanctissima cōiunctio deerat. Que isto pacto  
 cōfirmata iter celestes te uiuētē adhuc cōnumerari facit. O tēp° felicissimū  
 o tēpus beatissimū: quo te incl̄yta dñā patres duos: duas matres habere  
 contigit. Quo tempore statuit ⁊ mirabili prouidētia uoluit deus. ut quem  
 admodum regia utrinq; consanguinitate: ⁊ regnoꝝ uicinitate eratis  
 propinqui: ita arctiori cōsanguinitatis affinitatisq; uinculo essetis colliga-  
 ti: ut ex sex corpꝝbus unum corpus. ex sex animis vna cōficeretur anima.

**E**odem sanguinis genere: eadem origine deriuata. que sit et nostris et cur-  
 tis futuris seculis: tum ipsa per se: tum sobole: propagationeque sua dura-  
 tura. Qui omnes adeo natura conneri sunt: ut si alterum ab altero in lau-  
 dando tollas: immodestissime dicas: necesse est. Genus autem tuorum pa-  
 trum et matrum cum sit idem: et omnium generum maximum ac nobilissi-  
 mum: maiorum: multorumque regum longa serie continuatum: et in ve-  
 stre stirpis chronicius latius pertractatum: nihil in presentia esse a me dicen-  
 dum arbitror. **N**amque hic ad eronandum: confirmandumque (ut plerumque  
 apte fieri solet) veterum historias: aut aliunde exempla adduco. Si quidem  
 tanta est dicendi de te veritas: tantus euagandi in omni genere laudum cam-  
 pus: ut non ego hunc ab alijs afferre: sed alij hunc singularia exempla opti-  
 masque imitationes sumere debeant. Quorsum enim vetusta monumenta  
 euoluam? quorsum historicos requiram? cum apud illos: cui te comparem:  
 non inueniam? **T**u moribus unica es in terris phenix: **T**u in litteris polymnia:  
**T**u vrania: **T**u euterpe: **T**u es diua illa: quam solam poete post hac inuoca-  
 bunt: de qua ipsimet inuocando scribebunt: de qua oratores enarrabunt: de  
 qua historici volumina conficient. Sapiencia palladem: pulchritudine ac  
 pudicia dianam excellis. Quo fit: ut tu sola tanto sponso digna: utque ipse  
 solus tanta sponsa dignus superna concessione reperti sitis. multis ad tui co-  
 iugium claris principibus contendentibus. **N**am quid dubitamus? (ad te nunc me  
 conuerto sacratissime rerum) eam a celsitudine tua vince amari non debere?  
**N**am quid dubitamus? eam a celsitudine tua plurimum magnifici non debere? **I**m-  
 mo certo scimus: et quia ipsa meretur: et quia natura mitissimum es: ne momento  
 quidem temporis te illa ab intimis precordijs amoturum. Sed quia non oratu-  
 rus precipue huc veni: ad finem nostra properet oratio. **N**ulla profecto gens quam  
 uis immanis: barbaraque admodum foret: a uestrarum laudum commemoratione  
 abstinebit. Laudabunt celsitudines vestras (ut hic incipiam) veneti: illyrici: ger-  
 mani: galli: sardi: baleares: celtiberi: britanni: anglici: catabri: cimbrici: sicam-  
 bri: daci: scythae: sarmatae: greci: mauri: arabes: egyptij: assirij: teucrici: indi:  
 ethiopes: et si qui sunt antipodes. **D**emum tota europa: asia: aethiopia: et si qua  
 est alia praeter istas regio: quam lateat: perpetuis laudibus felicitatem istam extollent.  
**Q**uodque mirabilius est: quodque magis omnes admirantur. **E**t quo a corduba ut  
 bepederentini: ocioseque profecta es: nulle pluuie: nulli hymbres in tanto tem-  
 poris spacio deciderunt: nulli ventis (ut in aspera hyeme solet) regnauerunt. **S**e-  
 per tecum magna aeris temperies: magna celi serenitas: nulla inde segetibus:  
 nulla arboribus: nulla colonis incommoditate allata. **L**upimum vero ad desti-  
 natum locum puenisti: miraculo quodam dei comodissime pluuie super capos abunde

a iij

diffuse sunt: vt intelligeret vnusquisq; diuinum donum tecum ⁊ in gremio  
 tuo ad nos portasse. ☉ diem faustissimum: o diem candidissimum: o diem  
 omnibus diebus anteponendum. Non solum totius hispanie populi: ve-  
 rum etiam extere: remotissimeq; nationes hac tanta solemnitate gaudent.  
 Nolo singulorum alacritatem conuimemorare: viroꝝ: mulierum: pue-  
 roꝝ: senioꝝ: puellarum: infantium: et ceteroꝝ ratione viuentium.  
 Aduta animalia: sensu carentia: etiam illa que ante nocua fuerant: inno-  
 cta nunc facta: de terrarū latebris ac cubilibus suis aduentum tuū sentien-  
 tia ad tante festiuitatis cōmunionē foras prodeūt. Aues per liquidū aerem  
 volitantes dulcius solito garrūt. Et quasi si loqui possent leticiā conceptam  
 expromere conātur. Et que raro vel nūq̄ cecinit: in aduētū tuo garrire nō  
 desinit. Pisces quoq; a fundo maris ad summitatē ereuntes: tantā gloriā  
 percipientes: vndis trāquillis huc ⁊ illuc salire nō cessant. Omnia letantur:  
 omnia iuuenescūt. Arboꝝ: fara: flumina: herbe: prataq; leta omnia ame-  
 naq; magis q̄ vnq̄ ante vidēt. Quinetiā terra: ceteraq; elemēta vidētur  
 ridere: mare: aer: ignis: celū cū sole: luna ⁊ stellis: et ea que in celo sunt: con-  
 gratulāf. Angeli: archāgeli: animeq; beate: quarū infinit⁹ est numer⁹ hac  
 arcaissima coniuñctione pene gestiūt: pulsant: cātāt: certatimq; choreas du-  
 cunt. Et cū sol hodierno die a summo mane vsq; ad hanc vespertinā horā  
 nubiuū dēsitae aerisq; nimia crassitudine ipedit⁹ erire nō potuisset: cū tamē  
 e monasterio (vt dicunt) spineto: quo ciuitatē hāc intrares: egressa es: subī-  
 to adhibitis virib⁹ impetū fecit: ⁊ nemine opināte se in publicum exhibuit.  
 simul vt diem serenum faceret: simul vt te in magnifica mula cūctos super-  
 eminentem tanto procerum comitatu conspiceret. Et diem natura breui-  
 simum in longius produceret: et adhuc aspicit et moram trahit. Donec tā-  
 toꝝ principum solēnitas perficiatur. Nunquid nugor? nūquid mētioꝝ?  
 nunquid fortasse aduloꝝ? Vos qui adestis amplissimi patres hec omnia  
 multo melius me dicente presentes videtis. Attēde principum decus quid  
 dico. Deus ipse in throno sedens: hec que hic piissime sanctissimeq; gerun-  
 tur: approbat: laudat: confirmat. ⁊ suo artificio tanq̄ optimus epifex (vt  
 tantam diuinitatem decet.) gloriatur. Quem omes supplices precemur:  
 vt tales in dies successus: taliaq; ⁊ maiora rerum incrementa ampliet: ⁊ ad  
 augeat.

Finis.

**C**Oratio habēda corā emanl. S. rege Ad Mariā. S.  
pōtugalieregina: tūc primū sc̄tērenā ingressurā.

**P**andite nūc heliconā deē: cant' q̄ mouete. Recte q̄dem eminetissimi  
patris verſum huic n̄ro p̄cipio conuenire arbitror. ſiue ſas ſit ſiue ne  
ſas oratori exordienti numen inuocare. Nam quis eſſet adeo cumulat'  
orator: qui ſit de tātis p̄cipib' p̄fertim coram verba factur': qui nō hebe  
ſcat: nō deſciat: nō omnino cōfūdatur et corruat: Nunc illa mihi arpi  
natis: nūc illa demoiſthenis ſacundia foret admodū neceſſaria. Certe co  
gitans ipſe mecū q̄bus de rebus dicitur' venio: nō ſolū ingenij mei: ſed cō  
poris quoq; vires debilitari ac penit' diſſipari ſentio. Una ſuper eſt titu  
banti mihi ſpes: que iacentē reſciat et ſubleuet. Tanta eſt tuarū rerū ma  
gnitudo. Sereniſſima omniūq; reginarū vndiq; eſſulgentiſſima regina  
(ſic p̄m) me ad te cōuertere hoc tempus poſtulat. Tanta tuarū virtutū  
eruperantia: tanta tuorū parentū cum ſplendore maieſtas: tanta demū  
viri cunctis in rebus imenſitas: vt earū quelibet ex rerū verborūq; inope  
copioſū ex balbo eloquentē reddere valeat. Nemo igitur in tuo pulcher  
rimo venuſtiſſimoq; aspectu dicere deſperet: Nemo rursus clemētiſſimo  
rege cōſorte tuo ſaue: imenſum pelagus tranare diſſidat. Oratula ita  
q; celſitudini tue totū hoc ſc̄tērene oppidum mirū in modū: tu d̄q; optatiſſi  
mo aduentu ſupra fidē letatur et gaudet. Et cū eo caſtra: velle: locaq; oīa:  
que cōplura in tam lato territorio exiitū: cuiſmodi preſtant obſequi: et  
manū obedientiſſime deoſculant. teq; ſuā d̄nā reuerentiſſime libentiſſi  
meq; excipiūt: apertiffime cognofcūt: et firmiſſime tenent. Fortunas oīs:  
corpora: liberos: vitamq; ipſā non min' prompto q̄ leto offerūt aī. Ad  
quod obligationis vinculū: et ſi diuina humanaq; lege teneantur. multo  
tamē magis tuis ipſius meritis deuinciūtur. Es enim ea repleta bonita  
te. Hīs decorata morib' ea rerū peritia preſtita quod veluti deā quandā  
e celo in terras elapſam colant magnificiāt adorēt. Namq; niſi te ex mor  
talib' genitum ſcirem oēs ob pulcherrimā venuſtiſſimāq; effigie ob ſua  
niſſimū loquendi leporem placidiſſimū q; tractandi modū vt nomine ita  
etiā re ipſa celeſtē illā diuam eſſe procul dubio crederem. Tu oībus re  
ginis optimū es humanitatis benignitatis ac manſuetudinīs ē exemplar  
Tu lucidiſſimū es honeſtatis granitatis et modeſtie ſpeculū. Tu in diu  
nis quātum regia ratio et paulo plus poſtulat peruigil. Tu pupilloꝝ or  
phanorū viduarū tutrie fidiffima. Tu pauperum miſerorūq; ac deſertorū  
omniū ſedula ſubleuatrice. Tu in dando promptiſſima in accipiēdo len  
tiſſima. Nam vñq; ad te ſubſidij vel cuiuſpiam gratie cauſa veniēte vt  
publica fama eſt Ca te abiit in veſtus. O donum imortale a deo tributum.  
Non inuenio apud vetuſtiſſimos hiſtoricos cum qua equa lance te com  
parem. Es de abus iure ipſo comparanda. Es inter illas pro angelicis  
animi tui dotib' ānumerandā. Immo conſideratis beneq; inſpectis vt

dicas sine adlatioe qđ sentio) tot tantisq; tui ipsi ac tuoz omnia meritis  
 nō inter illas solū ānumeranda; sed illis venis omnino pferenda. Ann<sup>o</sup>  
 efflueret si que de celicis virtutibus tuis quotidie audio: sine vlla tēporis  
 intermissione litteraz; monumētis traderem nec adhuc cumulate me sati  
 sfactorum putarē. ferdinādum autē patrē augustissimū victoriosissimūq;  
 regem hoc loco omitto: qui nō cum sumis excelsisq; regibus cōparandus  
 sed omni ex parte sit illis merito preferend<sup>o</sup>. Omitto belisabet matrē que  
 omniū reginarū gloriā: siue bello siue paci inter fuerit: vel pferuerit: aut  
 et inter fuerit vna eidem rei et pferuerit: clarozū viroz fidelissimo testimo  
 nio: longe exsuperet. At vero ipsius viri emanuelis laudes que papyrus<sup>o</sup>  
 que mēbrana capere: qui calami per scribere poterūt: Omnis scriptozum  
 mens hebetabit: Omnis lingua torpebit: Omnis manus languebit. Quē  
 seu cum alexandro magno: caio ve iulio cesare: aut cum ptoleleo compa  
 res (et si maximi omnes extitisse scribantur) minores tamē in omni virtu  
 tum genere comperies. Nec tantū laudis illi tres simul iuncti quondam  
 meruerunt: quantum triumphantissimus emanuel hac nra tempestate so  
 lus meretur. Quippe illos nō vidimus: ex libris tantummodo cognosci  
 mus: qui plerunq; ad ostentationē adulationēq; vel ineundā gratiā cō  
 ponūtur: Nostrū autē cesares ei<sup>o</sup> q; sublimia facta presentes cernim<sup>o</sup> ocu  
 lis: manu tractamus: auribus audimus: verissimāq; omnia experti ena  
 ramus. Vere de illo absq; pudore aliquo dicere ausim: que de nullo hactē  
 nus principe a tot antiquarū recentiorūq; rerum scriptozib<sup>o</sup> tradita fu  
 erunt. Multa optima ad magnū aliquem regem statuendū necessaria in  
 hoc vno adeo quadrare eminareq; mani estissime concernimus: vt eoz  
 singula quemuis non regio: sed humili sanguine genitum maximū opti  
 mūq; regem honestissime constituerent: stabilirent et seruarcent. Unde fit  
 Tantū virtutis honozis et gratie hunc vnum fautoze deo possidere: quā  
 tum multos maximos optimosq; reges oporteat habere. Autozes ad scri  
 bendū desūt: nō materia que multiplex: uaria sublimisq; scribere aut dice  
 re volēti: nō que sita: sed spōte sua vndiq; copiosissima occurrit seq; vberri  
 mam patentemq; exhibet et offert Ozem mirandā. Ozem nunq; et nūq;  
 antehac auditam. Emanuel Rex non minus sapientissim<sup>o</sup> q; potentissi  
 mus non minus sanctissimus q; cesarissim<sup>o</sup> in tam iuuenili etate sua pru  
 dentia nouum ad inuenit orbem nouas gentes noua cōmercia. Tot mi  
 libus passuum vltra extremā indiā nauigans sue ditionis posuit termi  
 num. Necq; pduct me idem sepe ratione vrgente repetere. Quē tē tandē  
 coniuuere occidit. Idq; in totius christianitatis cōmodum et augmen  
 tum fecit. Multos praeue secte homines ad fidem catholicā conuertēdo  
 Sed quia temporis incōmoditas lōgins orationē nostrā progredi nō si  
 nit multa que dicēda proposueram ressecabo. et ad propositā optatāq;  
 metam celeriorib<sup>o</sup> passib<sup>o</sup> properabo. Ideo ad te optimozū maximozūq;

regum optime et maxime. Rex: sermonē meū conuerto. Quid causērit: cur sancter enā frequēter nō viſites: colas et habites: quadoquidē eo cor-  
 vir ardore: ea integritate: ea obedientia in superiores tuos fuerit semper:  
 et in te ipsum in primis: qua aliē portugaliē vrbes villesq; nunq; exi-tere:  
 possides quidem multas et in numerabiles gētes: sed que obsequio: fide:  
 amoreq; erga te sancter enē sem populū superet: pace earū dixerim: habes  
 nullā: Id abes in regnis tuis vrbes celeberrimas: ditissimas: opulentissi-  
 mas. quales in toto terrarū ambitu vix reperiat̄ur: sed fertiliozem ameni-  
 orem pulchriorēz sancter ena habes nullā: Brāde cōficere volumen: si de  
 loci bai<sup>o</sup> innumeris incredibilib<sup>9</sup> q; bonis velle dicere. si situm: si aeris tē-  
 periez: si spatiosū vberimūq; cāpuz: si flumina: et in ijs ingentes parues:  
 minimosq; lapidissimos natātes pisces: si salicta: si vinceta: oliueta: poma-  
 ria: roseta: cāneta: si diuersorū olerū hortos: si ad edificia construenda di-  
 uersimodos lapides: si cādissimos salis montes: si leporēs: cuniculos:  
 oues: capras vaccas: boues: porcōs errātes passimq; occurrētes. hic bie-  
 preterfluit ille aurifer (imo verius) aure<sup>o</sup> tagus. Cui<sup>9</sup> sterc<sup>o</sup> oī auro pre-  
 ciosius nō mediocre (vt experientia docet) colonis affert emolumentum.  
 Affirmant enim simal om̄ ies coloni. Si per annos quattuor aut quinq; }  
 excreſcere inundareq; nullū afferens stercus cessauerit: ex seminib<sup>9</sup> iactis  
 aut nihil aut vix steriles auentis se collecturos. Quāq; inundatione inere-  
 mētoq; illo veluti diluuiū pauperiē perniciēq; segetib<sup>9</sup> vineis arborib<sup>9</sup>  
 q; ac bobus ceterisq; pecori<sup>9</sup> quinetiā coloni ipsi ri deatur interdū al-  
 latur<sup>9</sup> Qui postbiduū triduū ve in suū rediēs aluēū: metū omnē in spē mi-  
 rificāq; leticiā perierit. Et si qd̄ ex cursu illo damnū attulerit. multo cuz fo-  
 enū regaudentib<sup>9</sup> agricolis resarci. Non memoro quantā pisciū copiā  
 emittat. quorū nomina: si latine scirem proferre: non dedignarer aliqua  
 saltem: si nō singula vt optare recensere. Nō ex regno solum: sed ex tota  
 fere hispania ducenteni. quingēteni: et aliquādo milleni suo tēpore geru-  
 larj: agasones: multiones: vct̄ resq; alij vario iumētoz genere etiā plau-  
 stris per boues ductandis cōueniunt. Et aut data pecunia. aut aliqua re-  
 rum permutatione coemptis piscib<sup>9</sup> cōtenti admodū et alacres in suas p-  
 mū inde in externas remotissimasq; exportant regiones. Nec si eloquē-  
 tissim<sup>9</sup> maro tagum in lusitania vidisset qualis nūc eminet: quem ad mo-  
 duz in gallia cisalpina vidit eridanū: post posito patrie amore tagū flui-  
 orum regem appellasset: nō eridanuz. Nam quod pleriq; fluij aurū fe-  
 rant: nō est tanta admiratione dignū: quanta tagū tantozū bonozū cau-  
 sam extare. An ganges (vt hinc incipi) cum toto auro indie cōmodioz  
 q; lusitaniae tagus fluit: An lydie herm<sup>9</sup>: An asie pactolus An tridētinis  
 amenissim<sup>9</sup> athesis: An ruscie alpiū tyberis: Nulla certe ex parte cum  
 vna huius nostri ex tot actantis cōmoditatib<sup>9</sup> cōparandi veniunt. Preci-  
 pue in hac extrema: in quā desinit: regione. Immo vaudentius pro ma-

quod lucidissime experi r. Uniuersi totius orbis fluij ad mixti simul (si fieri posset) non tante essent vbertatis. vrilitatis: felicitatis quante tag<sup>o</sup> noster quotidianis experimētis in dies magis se probat et ostedit. hebr<sup>o</sup> rhenus: danubius: tanais: soluz nominib<sup>o</sup> terribiles: Tigris: euphrates Adde etiam nilū: de quo multa referuntur. poetica et fabulosa magis q̄ historica: ad octissimis caratissimū. Nec qui q̄z in admiratione adducat: si a ueteribus scriptorib<sup>o</sup> non fuerit ita late hic noster: sicut y ipsi quos nominant: celebratus. Nam cum oīa terrena natura ipsa maxime mutetur: quedā a suo statu minuūtur: decrescunt et prolius corruunt: quedā suapte crescunt: et preter homini opinionē augētur. quod montib<sup>o</sup> stabilib<sup>o</sup> natura. p̄ firmis accidit: quāto magis fluentib<sup>o</sup> et mutabilib<sup>o</sup> flumini bus cō. inget. Veterū temporib<sup>o</sup> nō adeo proficu<sup>o</sup> adeo fertilis: adeo diues fluebat: vt nostra hac fluit tēpestate. Siquidē modico intervallo a capite distant proes. hispania est p̄ncipiū eius et origo: hispania est finis. Aethiopia carthagine iurgit: venit in iustitianiā quietū: in eam regni partē vbi opulētissimarū opulētissima vrbs vlyx bona ab ccciduo oceano fluxu et refluxu abluūtur. Que ab hoc felicissimo oppido quadraginta fere milib<sup>o</sup> passū distare existimatur. A qua vrbe emptores mercatoresq̄ in hui<sup>o</sup> rionni cessatione amota onerarys nauigys cōfluunt. Et in variā anonaꝝ triticum ordeū: vinum: oleum: carnes: coria: caseos: linū: funes cānabeos multa p̄ huiusmodi ad uitę vsuz necessaria secūcunt. Quib<sup>o</sup> rebus nō modo sub boeali germanos: anglicos britānos: sed sub australi plaga riuētes: p̄boenices asyrios indos et diuersas oceani insulas satiant. Et cuz hoc sancterene oppidū ia meliōri totius regni situm sit parte et iter a nominata vrbe venientib<sup>o</sup> tum terrestre tum flumineū existat: iustissimā ob causā venire quotidi nō cessant. Carpat me licet aliquis dicam quod sentio: et si quis cōtra senserit: erit a veritate alienus. Et multis urbib<sup>o</sup> quas per magnā orbis partem vagatus viderim: nulla me in maiōre stuporem nō oīcā admirationē adducit q̄z venetiarum vrbs: vt pote inter aquas: et preter naturā: et a mūdi primordio preter cōfirmatā consuetudines fundamētis valētis edificata sublimib<sup>o</sup> erecta fastigys et plus credibili ornatissima. Sed si quis diligentius scrutabitur nō erit vrbs illa vnica (cū venia loquor cū hac nostra vllō pacto conferenda. Accepi a quibusdā prudentiorib<sup>o</sup> venetiis cum illic quondā esse vrbs tante incitium a mille et trecentis aut paulo plus annis extritisse. Quippe cum piscatores aptissimuz ad piscandū locum cōperissent tuguria quedā primo cānis herbisq̄ sibi parauerūt deinde perticis rigillis tabulisq̄ casulas erexerūt postmoduz aucta multitudine lapidib<sup>o</sup> de mos eoincauerūt adco vt infra dictū temporis spatium venetiaz vrbs opus necubi vlsū audirū vt aut lectum cernatur. At in oppidi quale est sancterene eoincacione quot annoꝝ milia excurrerent. vt in tam alto situ tamq̄ salubri aere cum fatissimo fertili

**flumino** q̄ campo: tali tantoq̄ fluuio ita go interlabente crigeretur? Centum  
 inozū milia et ultra cum toti sem operarijs hominib⁹ satis nō essent: qm  
 nature rerum parentis opus est. venetiarum autē artificū. Ergo quanto  
 eminentior est artificio natura ipsa. tanto facterena venetijs excellētior.  
**Qua** p̄: opter conuenientissime quidam nostri tēporia nouus vates hunc  
 locum aquile in medio aere pansis et apertis alis stanti. terrazq̄ luperbe  
 despectanti assimilauit. pectore et rostro eleta c̄m̄pū flumē: fluentaq̄ vt  
 edat et bibat: circū: pectat: **Alia** geminis densissimas fecudissimasq̄ vtri  
 q̄ vineas operit et defendit: longissima cauda diffusissimas oliuas intue  
 tur et seruat. Aut de setērena et ipius spectatore sic dicere. **El**uti si quis  
 senex pulcherimā modestissimāq̄ puellā adamer. et q̄ amore flagret ardē  
 tissime. quocunq̄ tempore: quocunq̄ loco. quocunq̄ modo illam: ornataq̄  
 inornatā vt: capillatam tonsam vt: frōte aduersa vel a tergo: a dextro vel  
 a sinistro latere viderit: gaudet spectare: nec corporis mētisq̄ oculos spe  
 ctando satiare: nec ab ea intentissimus letissimusq̄ nisi cum molestia po  
 test auertere. **O** agrum saluberrimū. **O** agrum oīb⁹ agris anteponēdus  
**O** agrum nullo precio estimandū. nullo bono quamuis magno cōmutan  
 dum. **Ter** in āno vernat: **Tres** mediocriter cultus donat proventus. **Pr**i  
 mo frumentū: **secundo** ordeum. **tertio** miliū. **Prope** vero cāpum inter fru  
 tices ap̄: i nō desunt frendentes nō dame non ceruicapreoliq̄ leuissimi.  
**Alis** quoq̄ oīz generū coloris modi: diuersissimi cateruati toti āni tē  
 poze conspiciuntur. **Partim** pascentes rostroq̄ terram fodientes: partiz  
 iaceutes. **be** volant. **ille** arborib⁹: **vel** in flaminū ripis insidunt: que cantu  
 clangor: eaq̄ vario se in vicem salutant: aut dissensionē bellūq̄ sibi ipsis mi  
 nāres acuiūt. **Non** memoro apium copiam: ceram et mel cōstipantiū: **hy**/  
 bleis artificisq̄ et vtiliorū et plurium. **Que** omnia ex alto deus ad p̄ncipuz  
 portugalsium: et ad tui ipsius ante omnis: **Quā** a rerū creatione horuz  
 regnozū dominā futuram esse prouiderat solatium delectationēq̄ proui  
 dentissime creauit. creataq̄ decētissime diffudit: diffusaq̄ liberalissime cō  
 cessit. **Quicūq̄** inter tantas honestissimas delicias viuere: cum possit: re/  
 cusat: **singular** bonū perdit in vita. **Quid** dicam: volucres fereq̄ bestie  
 multo melius huius loci felicitatē nouerunt q̄ homines: **Quies** singularis  
 annis sedem mutare solite: aeris soliq̄ bonitate conuicte: naturam fran/  
 gunt. **hic** hyemē: **hic** estatē transigunt. **nidific**ant: cōmorantur: viuūt: mor  
 iuntur. **Vitū** idē **de** ciconia affirmant agricole. quod est mirandū et no//  
 ratū dignissimū: **Quid** philomena: non ne quolibet anni mense hic con/  
 cinit: **cuz** alibi in vere tantūmodo canere consueuerit: **Non** ab re mibi  
 visus sum quedam minutissima sigillatim vulgare: sine quibus ne magne  
 quidem res satis decenter possunt existere. **Non** enim indigenis narra/  
 mus hec: nō tibi mortaliū sapientissime: **Que** et si nunc primū huc adue  
 nis: a deo tamen res omnis calles: a deo humana diuinaq̄ intelligis: vt

Longe latius hec tue sapientie q̄ loci cultorib⁹ patefiant. sed externis et ig-  
 notis propalamus: utq; nostro officio quod est laudāda merita laude lau-  
 dare fūgamur. An fortasse p̄iuiui noīs cultu dom⁹ de sūt aprissime: qua-  
 les vir in aliqua christianoꝝ vrbe rep. rianē: Quo de quadragita. in qui-  
 bus diurnis nocturnisq; horis sollemnissime et iuā celebratur officiu; iū-  
 tuto sacrificio nunq; p̄termisso: excellunt. Ex quibus septem illas loci  
 moenib⁹ coherentes nō pigebit explicare. In primis ex aquilonis parte  
 beate clare monasteriū: vetustum sublime et nulli postponēdū. mox fran-  
 cisci: trinitatis: spiritus sancti: dominici fratru; dominici vestaliū templū  
 conspicitur. que singula in eadem planitie cōtinuata. veluti septem proce-  
 rissime lauri pulchra serie consistit: lapidis fere iactu distātia: suisq; orga-  
 nis resonātia: regio palatio e regione eminetissimo concentū prebent su-  
 auissimū. Nec desunt quocūq; pergas herbe nullo cultore nascētes: tum  
 cibo cōueni. tes: tum humano co: porū: tanq; optime medicine salubres.  
 An fontiu nitidissime dulcissimeq; aque et puteoꝝ semper manātiū et sca-  
 turientiū desiderantur: In quācūq; partem se verterit abstemius sitim  
 nec per hore dimidium nec per momentum sustinebit. Atq; hec nature cō-  
 memorata cōmoda nō longo distāt itinere. Et fenestra quiuīs sanctere/  
 nēsis vel turri ob ambulans: que superius cōmemorauit: letus gauden⁹q;  
 vel moestus p̄spiciet: Quo externorū est: quos ego cōpella. im: qui/  
 cum p̄imum huc aduen: arit: qui nō idem quod ipse met sentio: sentierint  
 ac lepissime loci obertate salubritateq; capti domiciliū sibi parant: et ad  
 extremū vsq; diem tranquillissime permanent. Quinetiam hunc esse vni/  
 cum sub sole locum pluribus rationibus contenderē. Omnis lusitan⁹ p̄-  
 cept vlyebone vel eburē viuens: maxim⁹ vt est spectantibus videtur. At  
 sancterene regens si ex ea in almerim descendat: vel item ex almeri subli/  
 mē illam cōscendat: nō maxim⁹ princeps: sed tanq; verus et gl̄rificatus  
 deus angelis comitantibus in terras labi. et inde in celos redire nō falso  
 iudicatur. Idq; loci positione: non comitantū multitudine apparet. que  
 semper et vbiq; eadem fere lusitanū comitatur principē. Et eniq; vna sen-  
 tentiola rem ardnā finiam. Omnes lusitanie vrbes: oppida. castra: ac vil/  
 lemēbra sunt co: pus hoc est regnū conficiētia. At sancterena toti⁹ co:  
 poris hoc est regni anima est cōseruatrix. Nec solum ego noue et oppi/  
 dani proprie patrie amore forte decepti huius sum⁹ sentētie: sed alienige-  
 ne extereq; nationes hoc idem sentiūt: approbant et cōfirmant. Et cum  
 antea peregrino et arabico appellaretur vocabulo propter eliuosum su/  
 blimē aditum scalabi seu calabi castrū quod idē significat scala est castrū.  
 vbi uero ex nabantia nūc tomari⁹ virginis et martyris berene corp⁹ per  
 se delatum ad inferiores loci partem prope ripā substitit sancterena a vir-  
 ginis nomine appellata est. detracta in cōpositione aspiratione: syllabā  
 q; producta in co: reptas ascita. berena grece aerea latine et celestis apte

Interpretari posset vel quia deo firmissime beferit: ab heredo. Cuius vir-  
ginis calus sexcesesimū qui quagesimo tertio a salutifero nati verbi au-  
no corrigi. Cūq; late et oi fase sit hec cui: as iurisdictionis multa q; sub  
se contineat loca almeris in medio campi cum excelsa turri castellum vo-  
lanti aquile tago mēditō oppositum est. quo nil meli<sup>9</sup> voluptuosius et ad  
reparandā animi quietem deponendūq; moerorem posset aptius inu-  
ni. Opus a primo iohanne clararū rerū autore septeq; vr bis a phricane ex  
pugnatore cogitatum. Quod a descripto oppido per duo milia iā c uob<sup>9</sup>  
tago apiastroq; medijs fluminibus distat. philippa vxor anglicā ob sin-  
gularē castri amenitatē consentiente viro sue patrie nomine almerim ap-  
pellauit. que vox licet nec romana nec greca sit quia tamen lingua illa to-  
tum designat solatium cunctis gentibus in hodiernū vsq; diem noua per-  
placuit impositio. Plura et multo pluribus plura si vacaret haberem cō-  
memorāda. Sed iam sit finis. Si prius illud dixero. An in cōsuetos populos  
ratione suadente supplices et toto corde debere deum ipsum diēs noctes  
q; ora: e. vt pientissimū christianissimūq; regi pientissime christianissime  
q; regine (a quibus nostra nostrorūq; liberorūq; salus status honoz qui  
es etiosa oemam vita proius pendent) felicitatem augeat iā diēs et fo-  
bolem multiplicem in eternum oraturam largiatur.

¶ Catald<sup>9</sup> georgio furtato antonio  
mendose fratribus. S.

**N** Dai vos ingenio et memoria plurimū semper valuisse. Verū hoc tē-  
porūm: moriā poti<sup>9</sup> q̄ ingeniu velle exerceatis quāq; vnū vix sine  
altero queat exerceri. Si omnium rerum thesaurum memoriaz reuocabi-  
tis. in ijs que de magistro duce et cataldo preceptore nuper: hic simul tra-  
ctauim<sup>9</sup>: non eritis (vt arbitror) cataldi omnino immemores. Valete.

¶ Cataldus magistro  
duci dño suo. S.

**N** On est in terris *Quæ christiæ id est* .humanitas: abijt in celos  
cum christo ascendēte. Ad quid medicina querēda est: egrotō iāz pro-  
pe expiranti: functo iam diem cataldo voles succurrere: et non poteris.  
Poenitebit sero. An non est satis me fame necari: sed adhuc hol<sup>9</sup> itij vili-  
tate perire permittis: Aut si huius rei inscius non permittis: illum mini-  
me curas: hoc vel illud q̄ sit laudabile muti proferent. Ultra duos mēses  
in vico neophytico: domibus. Angustissimis et pluuiosis patientissime  
permansi. quo loco nullus poesi operūq; compositioni posset magis inue-  
niri p̄trari. Tēpus tandē est. vt senectuti: vite; bonozq; quē vite prefero  
consulas meo: immo verius tuo: vite autem mee. Si vero me pro tot meri-  
tis hoc pacto iacere bonum esse iudicas: equissimo feram animo: ad vili-  
simā acerbissimāq; vsque mortē pro te feruentissim<sup>9</sup>. Valeat. S. Bz.

(Página deixada propositadamente em branco)

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Manuel Lopes de (vide SOUSA, D. António Caetano de).
- AMEAL, João — *Dona Leonor, Princesa Perfeitíssima*, Liv. Tavares Martins, Porto, 1968.
- BARATA, António Francisco — *Évora Antiga*, Évora, 1909.
- BASCH, Martín Almagro — *Manual de História Universal*, tomo I, Prehistória, Espasa-Calpe, S. A., 1960.
- BASTO, A. Magalhães (vide DIAS, Francisco).
- BATTELLI, Guido — «Parisi Cataldi Siculi Proverbia», *O Instituto LXXVIII*, Coimbra, 1929, pp. 628-634.
- BATTELLI, Guido — «Parísio Cataldo Sículo», *O Instituto*, LXXIX, 1930, pp. 182-202.
- BENEZIT, Emmanuel — *Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs*, nouvelle édition, Saint-Ouen (Seine), 1960.
- Bibliografia Geral Portuguesa, século XV*, Academia das Ciências de Lisboa, vol. I, MCMXLI.
- CAMÕES, Luís de — *Os Lusíadas*, edição organizada por EMANUEL PAULO RAMOS, 7.ª edição. Porto, s. d.
- CARVALHO, Alberto Martins de (vide PINA, Rui de).
- X CARVALHO, Joaquim de — *Estudos sobre a Cultura Portuguesa no século XVI*, Coimbra, I, 1947; II, 1948.
- CATALDO — *Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi Siculi*, Lisboa, 1500.
- CATALDO — *Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*. Lisboa, s. d.
- X CATALDO — *Poemata*. Lisboa, s. d.

- CEREJEIRA, M. Gonçalves — *O Renascimento em Portugal. Clenardo (com a tradução das suas principais cartas)*, Coimbra, 1918.
- CÍCERO, *Brutus*, Les Belles Lettres, Paris, 1960.
- *Orator*, Les Belles Lettres, Paris, 1964.
- *De Oratore*, Les Belles Lettres, Paris, 1950.
- *Pro Archia*, Les Belles Lettres, Paris, 1947.
- COSENZA, Mario — *Biographical and Bibliographical Dictionary of the Italian Humanists and of the World of Classical Scholarship in Italy, 1300-1800*. Boston, 1962, 5 vols.
- COSTA, Abel Fontoura da — «Às Portas da Índia em 1484», separata dos *Anais do Club Militar Naval*, Lisboa, 1936.
- COSTA, Américo — *Diccionario Chorográfico de Portugal Continental e Insular*, 12 vols. Porto, 1929-1949.
- COSTA, Avelino de Jesus da — *Santa Iria e Santarém*, Separata da *Revista Portuguesa de História*, XIV, Coimbra, 1972.
- COSTA, Maria Luísa Nogueira de Carvalho — *Da Morte do Príncipe D. Afonso (Livro primeiro) e Epitáfios de Cataldo Sículo*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1968.
- DIAS, Amélia da Encarnação Sousa Pinto Simões — *Visões (Livro primeiro) de Cataldo Sículo*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1969.
- DIAS, Francisco — *Memórias Quinhentistas dum Procurador del-Rei no Porto*, inédito da Biblioteca Municipal do Porto, ms. n.º 553, «Documentos e Memórias para a História do Porto», vol. IV, prefacção e notas finais de A. MAGALHÃES BASTO. Porto, 1937.
- Encyclopedia Britannica*.
- ERNOUT, Alfred et THOMAS, François — *Syntaxe Latine*, Klincksiek, Paris, 1953.
- ESPANCA, Túlio — *Évora. Guia*, Évora, 1959.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — *A Épica Portuguesa no século XVI*, Edições Pátria, Gaia, 1932.
- FLORES, Angel — *Spanish Stories*, New York, 1960.
- FORCELLINI, Aegidius — *Lexicon Totius Latinitatis*. Patavii, MCMXXXX.

- FREIRE, A. Braamcamp — *As Sepulturas do Espinheiro*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1901.
- GAISBROIS, Manuel Ballesteros — *Isabel de Castilla Reina Catolica de España*, Madrid, 1964.
- GARCIA MERCADAL, J. (vide POPIELOVO, Nicolás de)
- GARRETT, J. B. L. de Almeida — *Viagens na Minha Terra*, 2 vols. Liv. Lello e Irmão, Porto, s. d.
- GÓIS, Damião de — *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Nova edição conforme a primeira de 1566, 4 vols., Coimbra, 1949-1955.
- GÓIS, Damião de — *Vrbis Olisiponis Descriptio*, tradução de RAUL MACHADO, Lisboa, 1937.
- GRIMAL, Pierre — *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*, P. U. F., Paris, 1951.
- HIRSH, Elisabeth Feist, Damião de Góis. *The life and thought of a Portuguese Humanist, 1502-1574*. Netherlands, Martinus Nijhoff, the Hague, 1967. Recensão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Colóquio*, n.º 48, Lisboa, 1968.
- HOLANDA, Francisco de — *Diálogos de Roma*. Prefácio e notas de MANUEL MENDES. Lisboa, 1955.
- LAUSBERG, Heinrich — *Elementos de Retórica Literária*, tradução, prefácio e aditamentos de R. M. ROSADO FERNANDES. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 21967.
- LEAL, Pinho — *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1873.
- LUZ, Marilina dos Santos — «Fórmulas de Tratamento no Português Arcaico», sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. VII, VIII, IX, Coimbra, 1958.
- MASI, Gino — «Due Lettere inedite di D. João II a Lorenzo e Piero de Medici», *Biblos*, V, Coimbra, 1929, pp. 511-515.
- MATOS, Luís de — *A Corte Literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa, 1956.
- MATOS, Luís de — «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Sículo», *A Cidade de Évora*, 35-36 (1954), pp. 3-13.
- MATOS, Luís de — *Quatro Orações Latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes (séc. XVI)*, Coimbra, 1937.

- MATOS, Luís de — «O Humanista Diogo de Teive», *Revista da Universidade de Coimbra* XIII (1937), pp. 215-270.
- MELO, Ana Maria Osório Pereira de — *O Homem Perfeito de Cataldo Sículo*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1969.
- MENDES, João Pedro — *O Poema de Cataldo Sículo De Diuina Censura et Verbo Humanato, livro primeiro*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1969.
- MENESES, Miguel Pinto de (vide SÁ, A. Moreira de)
- NASCIMENTO, Jaime Pereira do — *O Terceiro Livro das Visões de Cataldo Sículo*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1969.
- «Os Originais do Cartório da Câmara Municipal de Évora», *A Cidade de Évora*, 45-46, 1962-1963, pp. 343-427.
- OSÓRIO, Jorge Alves — *M<sup>e</sup> João Fernandes, «Rhetor Conimbricensis», A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Introdução, tradução e notas de..., Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, 1967.
- Oxford (The) Classical Dictionary*, Oxford, 1950.
- PEGADO, César (vide SOUSA, D. António Caetano de)
- PEREIRA, Maria Isabel A. Lima — *Algumas Cartas e Poemas de Cataldo Sículo*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1969.
- PERES, Damião — *Descobrimientos Portugueses*, Coimbra, 2<sup>a</sup>1960.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa — *História da Literatura Portuguesa*, vol. II, Coimbra, s. d.
- PINA, Rui de — *Chronica d'ElRey D. Afonso V*, in «Ineditos de Historia Portugueza», Tomo I, Lisboa, MDCCXC.
- PINA, Rui de — *Crónica de El-Rei D. João II*, nova edição com prefácio e notas de ALBERTO MARTINS DE CARVALHO, Coimbra, 1950
- POPIELOVO, Nicolás de — «Relación del viaje», in *Viajes de estrangeros por España y Portugal desde los tiempos mas remotos, hasta fines del siglo XVI*, recopilación, traducción, prologo y notas por J. GARCIA MERCADAL, vol. I, Madrid, 1952.
- PULGAR, Fernando del — *Cronica de los señores reyes católicos don Fernando y doña Isabel de Castilla y de Aragon*, Madrid, 1919-1923.

- RAMALHO, Américo da Costa — «Cataldo Sículo e Gil Vicente», *Colóquio*, n.º 49, Lisboa, 1968, pp. 62-63 (a 2 columnas).
- RAMALHO, Américo da Costa — *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 1969.
- RAMALHO, Américo da Costa — «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas* XXIII-XXIV, Coimbra, 1971-72, pp. 435-452.
- RAMALHO, Américo da Costa — «Um elogio em latim, contemporâneo de Miguel Corte Real», *Humanitas* XXV-XXVI, Coimbra, 1973-74, pp. 3-16.
- RAMALHO, Américo da Costa — «MENESES (D. Pedro de)», «NORONHA (D. Leonor de)», «SÍCULO (Cataldo Parisio)», *Enciclopédia Verbo*, s. vv.
- RAMALHO, Américo da Costa (vide VIEIRA, Dulce da Cruz).
- RAMALHO, Américo da Costa (vide HIRSCH, Elisabeth Feist).
- «Regimento que el-rei D. João II mandou à câmara de Évora, para se fazerem n'esta cidade as festas do casamento do principe», *O Instituto*, vol. XV, Coimbra, 1872, pp. 143-144.
- RESENDE, Garcia de — *Crónica de El-Rei D. João II*, contendo a interessantíssima Miscellanea conforme a edição de 1622, Biblioteca de Clássicos portugueses, 2 vols. Lisboa, 1902.
- ROGERS, Francis M. — *The Obedience of a King of Portugal*, translated with commentary, by..., University of Minnesota Press, Minneapolis, 1958.
- SÁ, A. Moreira de — *D. Pedro de Meneses, Oração Proferida no Estudo Geral de Lisboa (Oratio Habita in Scholis Ulyxbonae)*, tradução de MIGUEL PINTO DE MENESES, introdução de..., Lisboa, 1964.
- SARAIVA, António José — *Para a História da Cultura em Portugal*, Lisboa, 1961, 2 vols.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo — *Santarém. História e Arte*, Santarém 1959.
- SILVA, Dulce Cristina da — «Cataldo Sículo e o poema Arzitinge», *Gil Vicente*, Nova Série, Guimarães, I (1950), pp. 18-23, 54-60, 77-83, 109-115, 157-166, 182-190.
- SILVA, Nuno J. Espinosa Gomes da — *Humanismo e Direito em Portugal no Século XVI*, Lisboa, 1964.

- SILVESTRE, Maria Beatriz — *A Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*. Tese de licenciatura dactil., apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1965.
- SOUSA, D. António Caetano de — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo III, nova edição revista por M. LOPES DE ALMEIDA e CÉSAR PEGADO, Coimbra, 1947.
- SOUSA, D. António Caetano de — *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, nova edição revista por M. LOPES DE ALMEIDA e CÉSAR PEGADO. 12 vols., Coimbra, 1946-1954.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de — «Apuntes sobre la vida y muerte de la Reina D. Maria, hija de los Reyes Católicos», *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, t. LVII, Madrid, 1951, pp. 657-696.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de — «Notas acerca de la boda de Isabel de Castilla con el príncipe don Alfonso de Portugal», in *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, t. LX, I, Madrid, 1954.
- VASCONCELOS, Basílio de — *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer*. Coimbra, 1932.
- VERBO — *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, 1963 e segs.
- VIEIRA, Dulce da Cruz e RAMALHO, Américo da Costa — *Cataldo Parísio Século — Martinho, Verdadeiro Salomão*. Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, 1974.
- VIRGÍLIO — *Oeuvres*, Librairie Hachette, Paris, s. d.
- VITERBO, Sousa — «A Cultura Intellectual de D. Affonso V», *Archivo Histórico Portuguez*, II, Lisboa, 1904, pp. 254-268.

## ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS\*

- ABIDIS**, príncipe — 118 (*ter*)  
**ÁDIGE** (rio; *vide* **ATHESIS**) — 100, 101, 117  
**AFONSO**, D. (filho de D. João II) — 20, 22, 37, 41, 42 (*bis*), 52, 53, 70 (*quater*), 71 (*bis*), 72 (*bis*), 81, 83, 117  
**AFONSO** III, rei D. — 79, 118 (*bis*)  
**AFONSO** V, rei D. — 42, 56, 57, 72, 73, 74  
**ÁFRICA** — 64, 65, 72, 73, 74  
**ÁGUIA** (livro de Cataldo; *vide* **AQUILA**) — 18 (*bis*), 19, 21, 25 (*ter*), 26  
**ALBARRACIM**, Serra de — 117  
**ALCÁÇOVAS**, tratado de — 70  
**ALCOUTIM**, 2.º conde de (*vide* **MENESES**, D. Pedro de) — 7, 9, (*bis*), 85  
**ALESSANDRO** — 39  
**ALEXANDRE** VI, papa — 41  
**ALMAGRO** M. — 117  
**ALMEIDA**, M. Lopes de — 21 n. 9, 31, 35, 42 n. 24, 137 (*bis*)  
**ALMEIRIM** — 23 n. 13, 77, 80, 112 (*bis*), 113 (*bis*), 114 (*bis*), 115 (*bis*), 119 (*quater*)  
**ALPIARÇA** — 114, 115, 119  
**ANTÓNIO**, Marco — 71  
**APELES** — 58, 59, 73  
**AQUILA** (livro de Cataldo; *vide* **ÁGUIA**) — 18 nn. 5 e 6, 19 n. 7, 21, 22, 23, 24 n. 16, 25 n. 17 (*bis*), 26, (*bis*), n. 18, 28, 29; falso apelido de Cataldo: 8 (*bis*), 10, 12, 17 (*ter*), 21 (*bis*), 24, 29  
**AQUILÃO** (vento) — 110, 111  
**ARAGÃO** — 41 (*bis*), 74  
**ARCINGE** (*vide* **ARZILA**) — 15  
**ARPINATE** (*vide* **CÍCERO**, Marco Túlio) — 88, 89  
**ARPINO** — 116  
**ARZILA** (*vide* **ARCINGE**) — 15, 73  
**ÁSIA** — 64, 65, 74, 100, 101  
**ÁSIA MENOR** — 117  
**ATENAS** — 118  
**ATHESIS** (*vide* **ÁDIGE**) — 117  
**ÁTICA** — 109  
**AUGUSTO**, Octaviano César — 41, 52, 53, 71 (*bis*), 84, 118  
**AVEIRO** — 19  
**AVIS** — 35, 36, 39 (*bis*)  
**BALLESTEROS GAISBROIS**, M. — 41 n. 20, 136  
**BARBAZZA**, André — 78 (*bis*)  
**BASTO**, A. de Magalhães — 137  
**BATTELLI**, Guido — 15 (*bis*), 137 (*bis*)

---

\* Elaborado pela Lic.ª Maria de Fátima de Sousa e Silva, assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- BEATRIZ, Infanta D. (mãe da rainha D. Leonor) — 70, 74
- BEJA, duque de (futuro rei D. Manuel *q. v.*) — 36
- BIBLIOTECA Corsiniana — 9
- BIBLIOTECA Nacional de Lisboa — 13 n. 4
- BIBLIOTECA do Porto — 10, 11, 13
- BIBLIOTECA Pública de Évora — 75
- BOLONHA — 82
- BOSTON — 24 n. 15
- BRAGANÇA, duque de — 70
- BRANCO, Manuel Bernardes — 10, 11 (*quater*), 12 (*ter*), 14 (*bis*)
- CALABICASTRUM (*vide* Santarém e Scalabicastrum) — 80, 112, 113, 118, 119
- CALCEDÓNIA, concílio de — 71
- CALÍOPE — 46, 47, 71 (*quater*)
- CAMÕES — 71
- CÃO, Diogo — 73 (*bis*)
- CAPITÓLIO — 73
- CARLOS VIII, rei de França — 74, 77
- CARTAGINENSE, Bética — 102, 103, 117
- CARVALHO, Alberto Martins de — 35 n. 1, 36 n. 1, 37 n. 6, 137
- CARVALHO, Joaquim de — 15, 135
- CASTANHEDA, Lopo Fernandes de — 81, 82 (*bis*)
- CASTELA — 35, 37, 40, 41 (*ter*), 52, 53, 70 (*bis*), 71 (*bis*), 74 (*bis*), 84
- CASTELO Branco, D. Martinho de — 38
- CASTRO, António de — 8 (*bis*), 9-10, 10 (*bis*), 11, 20, 21 (*ter*), 24 (*bis*), 25
- CATALDO Parísio Sículo — 3, 7 (*quater*), 8 (*octies*), 9 (*bis*), 9 n. 1, 10 (*quater*), 11 (*septies*), 12 (*novies*), 13 (*ter*), 13 n. 4 (*bis*), 14 (*bis*), 15 (*sexies*), 16 (*ter*), 17 (*septies*), 18 (*ter*), 19 (*sexies*), 20, 20 n. 8, 21, 22 n. 12, 23, 24 (*bis*), 25 (*ter*), 26 (*bis*), 26 n. 18, 27, 28, 29 (*bis*), 31 (*ter*), 35, 36, 37, 38 (*ter*), 39 (*ter*), 40 (*ter*), 42 (*bis*), 43 (*bis*), 44 (*quater*), 46, 47, 70 (*ter*), 71, 72 (*quater*), 73 (*ter*), 74 (*ter*), 75 (*quater*), 76 (*ter*), 77 (*quinquies*)
- 78 (*ter*), 79 (*quater*), 80 (*quater*), 81 (*quater*), 82 (*bis*), 83 (*bis*), 84 (*ter*), 85 (*bis*), 116 (*quater*), 117 (*quater*), 118 (*bis*), 119 (*ter*), 137 (*ter*)
- CATÃO — 54, 55, 72
- CATARINA, D. (esposa de D. João III) — 81
- CATÓLICOS, Reis (*vide* Fernando e Isabel) — 31, 41
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves — 15 (*bis*), 138
- CÉSAR, Gaio Júlio — 56, 57, 73, 74, 84, 94 (*bis*), 95 (*bis*), 116
- CEUTA — 114, 115
- CÍCERO (*vide* Túlio, Marco) — 44, 71, 74, 116, 138
- CISALPINA, Gália — 100, 101
- COIMBRA — 3 (*bis*), 16 (*bis*), 17 nr. 1 e 2, 21 n. 9, 31, 35, 37 n. 4, 38 n. 10 (*bis*), 39 n. 13, 42 n. 24
- COIMBRA, Duque de (*vide* Lencastre, D. Jorge) — 18, 75
- COLÉGIO da Graça (Coimbra) — 9
- COLÉGIO de S. Paulo (Coimbra) — 9
- CONSTANTINA, lugar de — 74
- CONSTANTINOPLA, concílio de — 71

- CONVENTO do Espinheiro (Évora) — 35, 66, 67, 74 (*bis*)  
 CÓRDOVA — 64, 65, 74  
 CORVO (livro de Cataldo) — 25 (*quater*), 25 n. 17 (*bis*)  
 CONSENZA, Mario — 23-24, 138  
 COSTA, Fontoura da — 73 (*bis*), 136  
 COSTA, M. Luísa Nogueira de Carvalho — 81 n. 21, 136  
  
 DANÚBIO — 102, 103  
 DEMÓSTENES — 44, 58, 59, 88, 89  
 DEUS — 43, 44, 46, 47, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 68, 69, 76 (*bis*), 92, 93, 94, 95, 108, 109, 111, 112, 113 (*bis*), 114 (*bis*), 115  
 DIANA — 40, 62, 63  
 DIAS, Bartolomeu — 72 (*bis*)  
 DIAS, Francisco — 82 nn. 24 e 26, 138  
 DINIS, D. — 118  
 DON (rio) — 102, 103  
 DONAS (religiosas da Ordem de Santo Agostinho) — 118  
 DREPANA (*vide* Trapani) — 14  
 DUARTE, D. (rei de Portugal, marido de D. Leonor de Aragão) — 74  
 DVORNIK, Francis — 71  
  
 ENNA (cidade siciliana) — 12  
 ENNENSE, Marco — 11, 12  
 ERÍDANO (rio; *vide* Pó) — 100 (*bis*), 101 (*bis*), 116, 117  
 ERMIDA do Espírito Santo (Santarém) — 118  
 ESPANHA — 37, 82, 117, 118  
 ESTREMOZ — 36, 40  
 ESTUDO Geral de Lisboa — 43, 72  
 EUFRATES (rio) — 102, 103  
  
 EURO (vento do Nascente) — 22 n. 11  
 EUROPA — 64, 65, 74, 82  
 EUTERPE (musa) — 40, 62, 63  
 ÉVORA — 31 (*ter*), 32, 35 (*ter*), 37 (*ter*), 38 (*ter*), 40 (*bis*), 46 (*bis*), 47 (*bis*), 71, 74 (*bis*), 83, 84, 85, 112, 113  
  
 FEBO — 46, 47, 54, 55, 71, 72, 83  
 FERNANDO (rei de Castela e Aragão; *vide* Católicos, Reis) — 39, 40, 41, 52, 53, 74, 84, 92, 93  
 FERNANDO, D. (rei de Portugal) — 118  
 FERREIRA, Francisco Leitão — 15  
 FILIPA, D. (esposa de D. João I) — 114, 115  
 FREIRE, D. Maria (marquesa de Vila Real) — 78  
 FURTADO, Jorge (tio de Lencastre, D. Jorge de) — 19  
  
 GAMA, Vasco da — 71  
 GANGES (rio) — 100, 101, 117 (*bis*)  
 GARCIA Mercadal, J. — 41 n. 21  
 GARRETT, Almeida — 119, 139  
 GERALDINI, António — 39  
 GERALDO — 71  
 GÓIS, Damião de — 76, 77 n. 7, 116, 139  
 GRANADA — 41 (*bis*)  
 GUIMARÃES — 15, 23 n. 14  
  
 HEBRO (rio) — 102, 103  
 HÉLICON — 88, 89  
 HENRIQUE, mestre — 13 (*bis*)  
 HERCULANO, Alexandre — 11 (*ter*), 12, 13  
 HERENA, mártir (*vide* Iria) — 80, 112, 113, 114, 115, 119  
 HERMO (rio) — 100, 101, 117 (*bis*)  
 HIBLA — 109, 118

- HIMETO — 118
- HISPÂNIA — 22, 22 n. 11, 64, 65, 100, 101, 102 (*bis*), 103 (*bis*)
- HOLANDA, Francisco de — 29
- HOMERO — 85
- HORÁCIO (*vide* Venusino) — 18, 18 n. 6, 19 (*bis*)
- IBÉRICA, Península — 16, 73, 117, 118
- ÍNDIA — 56, 57, 96, 97, 100, 101, 117
- INFANTE, Rio do — 72
- INOCÊNCIO VIII, Papa — 39, 72
- INQUISIÇÃO, Tribunal da — 41
- ÍRIA (*vide* Herena) — 113, 119
- ISABEL, D. (rainha de Castela; *vide* Católicos, Reis) — 39, 40, 41, 52, 53, 73, 74, 77, 84, 92, 93
- ISABEL, D., de Portugal (neta de D. João I de Portugal) — 73, 74
- ISABEL, princesa D. (filha dos Reis Católicos) — 31, 35 (*bis*), 39, 40 (*bis*), 46, 47, 70 (*bis*), 74, 83 (*bis*)
- ÍSMARO — 117
- ITÁLIA — 11, 18, 29 (*bis*), 73, 79, 117 (*ter*)
- JARRETEIRA, ordem da — 36
- JOANA, infanta D. — 38
- JOANA, infanta D. (filha dos Reis Católicos) — 70
- JOÃO, infante D. (filho de D. João I) — 73
- JOÃO II, D., rei de Aragão — 74
- JOÃO I, D., rei de Portugal — 73, 114, 115, 119 (*bis*)
- JOÃO II, D., rei de Portugal — 18, 19, 20 (*ter*), 20 n. 8, 21, 22, 27, 27 n. 19, 28 (*ter*), 29 (*bis*), 36 (*bis*), 37 (*ter*), 38 (*ter*), 39 (*bis*), 40, 42 (*bis*), 43 (*ter*), 52, 53, 54, 55, 70 (*bis*), 72 (*bis*), 73 (*bis*), 74, 76, 77, 78, 79
- JOÃO III, D., rei de Portugal — 77 (príncipe), 81, 118
- JÚPITER — 27 (*bis*), 28 (*ter*), 28 n. 20, 29
- JUSTINIANO — 52, 53, 84
- LEAL, Pinho — 119 (*bis*), 139
- LENCASTRE, D. João de (futuro duque de Aveiro) — 75
- LENCASTRE, D. Jorge de (*vide* Santiago, mestre de; e Coimbra, Duque de) — 18, 19 (*quater*), 19 n. 7, 20, 21, 28, 36, 38, 75 (*bis*)
- LEONOR, D., rainha de Aragão — 74
- LEONOR, D., (mulher de D. João II) — 20 (*bis*), 20 n. 8, 37, 40, 44, 52, 53, 70, 74 (*bis*), 84
- LÉPIDO (triúviro) — 71
- LÍDIA — 100, 101, 117 (*bis*)
- LISBOA — 8 (*ter*), 9 (*bis*), 9 n. 1, 10 n. 3, 29 n. 21, 31, 35, 36 n. 1, 37, 72 (*bis*), 73 (*bis*), 76, 77 (*bis*), 82, 102, 103 (*bis*), 112, 113
- LÍVIO, Tito — 85
- LUCENA, Vasco Fernandes de — 39, 72, 73 (*ter*)
- LUSITÂNIA — 12, 100 (*bis*), 101 (*bis*), 102, 112, 113
- MACEDÓNIA, rei da (*vide* Magno, Alexandre) — 73
- MACHADO, Barbosa — 7 (*ter*), 10
- MADRID — 41 n. 20
- MAEONIA (*vide* Lídia) — 117 (*bis*)
- MAGNO, Alexandre (*vide* Macedónia, rei da) — 56, 57, 73, 84, 94, 95

- MANUEL, D. (cunhado de D. João II) — 20 n. 8 (*bis*), 20
- MANUEL, D. João (camareiro de D. Manuel I) — 18 (*bis*), 18 n. 5, 24
- MANUEL I, D., rei de Portugal — 9, 18 (*bis*), 22, 24, 31, 39, 40, 72, 75, 77 (*bis*), 79 (*bis*), 80, 81 (*quater*), 84 (*bis*), 85 (*bis*), 88, 89, 94 (*bis*), 95 (*bis*), 96, 97, 116, 118, 119
- MANUEL II, rei D. — 9
- MARÃO (*vide* Virgílio) — 100, 101
- MARCIAL — 21
- MARIA, Cabo de Santa — 73
- MARIA, rainha D. (2.<sup>a</sup> esposa de D. Manuel) — 23, 31 (*bis*), 40, 75 (*bis*), 77, 79, 81, 83 (*ter*), 84, 88, 89
- MARIA, Virgem — 8, 83, 116
- MATOS, Luís de — 10, 15, 23 n. 14, 38 n. 11, 75, 78 n. 9, 81 n. 21, 139 (*ter*)
- MATTINGLY, Garrett — 39 n. 13
- MECENAS — 18, 18 n. 5
- MELO, Ana Maria Osório Pereira de — 74, 140
- MENDES, Manuel — 29 n. 21
- MENDONÇA, D. Ana de (mãe de Lencastre, D. Jorge de) — 19
- MENESES, João Rodrigues de Sá de — 7 (*ter*)
- MENESES, D. Pedro de (*vide* Alcoutim, 2.<sup>o</sup> conde de; e Vila Real, 3.<sup>o</sup> marquês de) — 9 (*quater*), 43, 72, 80, 82, 85
- MESSIAS — 10
- MINNEAPOLIS (E. U. A.) — 72
- MONT' Irás (Santarém) — 118
- MORAIS Silva, António de — 29 n. 21
- MORÁVIA, Valentim Fernandes de — 10, 17
- MOSTEIRO DO ESPÍRITO SANTO (Santarém) — 110, 111
- MOSTEIRO DOS FRADES de S. Domingos, (Santarém) — 110, 111
- MOSTEIRO DAS FREIRAS DE S. DOMINGOS (Santarém) — 110, 111, 118
- MOSTEIRO DE SANTA CLARA (Santarém) — 110, 111, 118 (*bis*)
- MOSTEIRO DE SANTA CRUZ de Coimbra — 11
- MOSTEIRO DE S. Francisco (Santarém) — 110, 111
- MOSTEIRO da Trindade — (Santarém) — 110, 111, 118, (*bis*)
- MOURA — 70
- MÜNZER, Dr. Jerónimo — 17
- MUSAS — 40, 83 (*bis*)
- NABÂNCIA (*vide* Tomar) — 112, 113
- NÁPOLES, rei de — 74
- NASCIMENTO, Jaime Pereira do — 78 n. 13
- NEW YORK — 16, 39 n. 13
- NILO (rio) — 102, 103
- ORDEM DE Santo Agostinho — 118
- ORTIZ, D. Diogo de — 43
- PACTOLO (rio) — 100, 101, 117 (*bis*)
- PALAS — 40, 62, 63
- PARDA, Serra — 73
- PARIS — 17
- PARRÁSIO (pintor grego) — 58, 59, 73
- PASTRANA, tapeçarias de — 73
- PEGADO, César — 21 n. 9, 31, 35, 42 n. 24, 140
- PEREIRA, Duarte Pacheco — 43

- PEREIRA, Gabriel — 31, 35  
 PEREIRA, M. Isabel A. Lima — 73,  
 79 n. 15, 80 n. 19, 116, 137  
 PIMPÃO, A. J. Costa — 84 n. 38,  
 140  
 PINA, Rui de — 35 n. 1, 36 n. 1  
*(bis)*, 36 n. 2, 36, 37, 37 nn. 4,  
 7, 8, 9, 39, 39 n. 17, 42, 42  
 n. 23, 43, 44, 70, 71, 73, 74  
*(quater)*, 140 *(bis)*  
 PLÍNIO — 74  
 PÓ (rio; *vide* Erídano) — 117 *(bis)*  
 POLÍMNIA (musa) — 40, 62, 63  
 PONTANO, João Joviano — 12 *(bis)*  
 POPIELOVO, Nicolás de — 41, 41  
 n. 21, 140  
 PORTO — 11  
 PORTO, bispo do (*vide* Sousa,  
 D. Diogo de) — 26  
 PORTUGAL — 7 *(bis)*, 8, 10 *(bis)*,  
 11 *(bis)*, 12 *(bis)*, 13 n. 4, 15,  
 16 *(bis)*, 19, 27, 35, 39, 41, 43,  
 46, 47, 52, 53, 72, 73, 74, 82,  
 88, 89, 96, 97, 116  
 PROFÉRCIO — 21  
 PRÓSPERO — (*vide* Henrique, mes-  
 tre) — 13 *(quinquies)*, 13 n. 4  
*(bis)*, 14 *(quinquies)*  
 PTOLEMEU — 84, 94, 95
- RADARITUS (*vide* Rodrigues, Ál-  
 varo) — 25, 25 n. 17 *(bis)*  
 RAMALHO, Américo da Costa — 3,  
 17 n. 3, 29, 37 n. 4, 38 n. 10  
*(bis)*, 39 nn. 13 e 14, 43 n. 29,  
 72 *(bis)*, 76 n. 4, 77 nn. 6 e 8,  
 78 nn. 11 e 13, 80, 81 n. 22,  
 116, 117, 118, 119, 141 *(septies)*  
 RECESVINDO — 119  
 RENO — 102, 103  
 RESENDE, Garcia de — 35 n. 1,  
 36 nn. 1 e 3, 36 *(bis)*, 37, 39,  
 41, 42 *(bis)*, 42 n. 23, 43 *(ter)*,  
 141  
 RIBEIRA de Caia — 39  
 RODERICUS (*vide* Rodrigues, Ál-  
 varo) — 25, 26 n. 18  
 RODORICUS (*vide* Rodrigues, Ál-  
 varo) — 26  
 RODRIGUES, Álvaro (*vide* Radari-  
 tus, Rodericus, Rodoricus) —  
 25 *(bis)*, 26 *(ter)*  
 ROGERS, Francis M. — 72, 73 *(bis)*,  
 141  
 ROMA — 9, 73, 77
- SÁ, A. Moreira de — 72, 141  
 SAL, Alcácer do — 76  
 SALVADOR, igreja do (Santarém)  
 — 118  
 SANCHO II, D. — 118  
 SANTARÉM (*vide* Scalabicastrum)  
 — 22 *(bis)*, 23 n. 13, 23 *(qua-  
 ter)*, 24, 29, 31 *(bis)*, 32, 40,  
 75 *(bis)*, 76 *(bis)*, 79 *(quinquies)*,  
 80 *(quinquies)*, 81 *(bis)*, 82 *(bis)*,  
 83, 84 *(ter)*, 85 *(bis)*, 88, 89,  
 90, 91, 96, 97, 98, 99 *(bis)*,  
 104 *(bis)*, 105 *(bis)*, 106 *(bis)*,  
 107 *(bis)*, 111, 112 *(ter)*, 113  
*(bis)*, 115, 118 *(bis)*, 119 *(quin-  
 quies)*  
 SANTIAGO, mestre de (*vide* Len-  
 castre, D. Jorge de) — 18  
 SANTOS, António Ribeiro dos —  
 8 *(bis)*, 9 *(bis)*, 10  
 SARAGOÇA — 81  
 SCALABI (*vide* Santarém e Scala-  
 bicastrum) — 80, 112, 113, 118  
 SCALABICASTRUM (*vide* Santarém)  
 — 118, 119  
 SERRÃO, J. Veríssimo — 36 n. 1,  
 79 n. 16, 81 n. 23, 82 n. 24,  
 118 *(sexies)*, 119 *(bis)*, 141

- SIBILAS — 58 (*bis*), 59 (*bis*), 84  
 SICÍLIA — 41, 118  
 SILVA, Dulce Cristina da — 15, 23 n. 14  
 SILVA, Maria Margarida Pereira Pérez Brandão Gomes da — 3  
 SILVESTRE, Maria Beatriz — 75 n. 2, 78 n. 14, 80 nn. 18 e 20, 116, 142  
 SOL, Portas do (Santarém) — 23  
 SOUSA, António Caetano de — 7, 8, 20, 21, 25, 31, 32, 35, 42, 82 n. 24, 142 (*bis*)  
 SOUSA, Cordeiro de — 71, 142  
 SOUSA, D. Diogo de (*vide* Porto, bispo do) — 26, 26 n. 18, 78  
 SUETÓNIO — 73
- TÂNGER — 15, 73  
 TARRACONENSE (região da Hispânia) — 117  
 TEJO (rio) — 23, 23 n. 13, 82, 98, 99, 100 (*quinquies*), 101 (*quinquies*), 104, 105, 114 (*bis*), 115 (*bis*), 116 (*bis*), 117, 119  
 TESEU — 73  
 TIBRE (rio) — 100, 101  
 TIGRE (rio) — 102, 103  
 TOMAR (*vide* Nabância) — 112, 113  
 TORO, batalha de — 73
- TORTÉLIO, João (= Tortelli, Giovanni) — 80  
 TOSCANA — 100, 101  
 TRÁCIA — 117  
 TRAPANI (*vide* Drepana) — 14  
 TÚLIO, Marco (*vide* Cícero) — 58, 59
- URÂNIA (musa) — 40, 62, 63
- VALHADOLIDE — 74  
 VASCONCELOS, Basílio de — 17 n. 2  
 VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — 17  
 VENEZA — 79, 104 (*bis*), 105 (*bis*), 106 (*bis*), 107 (*bis*), 117 (*bis*)  
 VENUSINO (*vide* Horácio) — 19  
 VERBO — 114, 115  
 VIEIRA, Dulce da Cruz — 7, 16, 38 n. 10 (*bis*), 142  
 VILA REAL, 1.º Marquês de — 118  
 VILA REAL, 3.º Marquês de (*vide* Meneses, D. Pedro) — 9  
 VILHENA, D. Beatriz de (mulher de Lencastre, D. Jorge de) — 75  
 VIRGÍLIO (*vide* Marão) — 71, 83, 116, 117 (*ter*)  
 VITERBO, Sousa — 9, 9 n. 1, 39, 43 n. 28, 142



(Página deixada propositadamente em branco)

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO . . . . .	5
PRÓLOGO . . . . .	31
A Oração proferida em Évora quando da chegada da princesa Isabel a Portugal . . . . .	35
Texto e tradução . . . . .	45
A Oração que Cataldo preparou para a entrada solene da rainha D. Maria em Santarém . . . . .	75
Texto e tradução . . . . .	87
FOTOCÓPIAS . . . . .	121
BIBLIOGRAFIA . . . . .	137
ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS . . . . .	143
ÍNDICE GERAL . . . . .	151

## PUBLICAÇÕES

### INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS — COIMBRA — PORTUGAL

- PEREIRA, Maria Helena da Rocha — **Hélade** (Antologia da Cultura Grega). Coimbra, 3.<sup>a</sup> edição, 1972.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha — **Greek Vases in Portugal**. Coimbra, 1962.
- FERNANDES, João — **A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)**. Introdução, tradução e notas de JORGE ALVES OSÓRIO. Coimbra, 1967.
- ÉSQUILO — **As Suplicantes**. Introdução, tradução e notas de ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR. Coimbra, 1968.
- EURÍPIDES — **Andrómaca**. Introdução, tradução e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. Coimbra, 1971.
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — **Martinho, Verdadeiro Salomão**. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA CRUZ VIEIRA, introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. Coimbra, 1974.

### CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

(INSTITUTO DE ALTA CULTURA)

FACULDADE DE LETRAS — COIMBRA — PORTUGAL

- PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira — **Problemática da tragédia sofocliana**, Coimbra, 1968.
- RAMALHO, Américo da Costa — **Estudos sobre a época do Renascimento**, Coimbra, 1969.
- FREIRE, José Geraldes — **A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apothegmata Patrum»**. *Tomo I*: Introdução cultural; Pascásio como tradutor; texto crítico. *Tomo II*: Descrição dos manuscritos; genealogia dos códices. Coimbra, 1971.
- Actas do «Colóquio sobre o Ensino do Latim»**, Coimbra, 1973.
- FREIRE, José Geraldes — **Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de apotegmas**. Estudo filológico; texto crítico. Coimbra, 1974.
- EURÍPIDES — **Ifigénia em Áulide**. Introdução e tradução de CARLOS ALBERTO PAIS DE ALMEIDA, Coimbra, 1974.

## CORRIGENDA

*Na página 8, linha 22, onde se lê 1590, leia-se 1509*

*Na página 39, linha 5, onde se lê ao rientação, leia-se a orientação*

*Na página 105, linha 12, onde se lê comt elhados, leia-se com telhados*

